

CRISTIANO BATISTA DOS SANTOS

O NOVO RURAL E A ATIVIDADE TURÍSTICA EM CARRANCAS-MG

Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de “Magister Scientiae”.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2006

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV**

T

S237m
2006

Santos, Cristiano Batista dos, 1974-

O novo rural e a atividade turística em Carrancas-MG /
Cristiano Batista dos Santos. – Viçosa : UFV, 2006.
xiv, 142f. : il. (algumas col.); 29cm.

Inclui anexos.

Orientador: Franklin Daniel Rothman.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 129-133.

1. Agricultura em tempo parcial. 2. Economia agrícola -
Carrancas (MG). 3. Ecoturismo - Carrancas (MG).
4. Sociologia rural - Carrancas (MG). 5. Carrancas (MG) -
Condições sociais. 6. Carrancas (MG) - Condições
econômicas. I. Universidade Federal de Viçosa. II. Título.

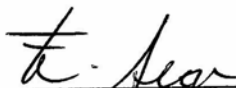
CDD 22.ed. 338.1098151

CRISTIANO BATISTA DOS SANTOS

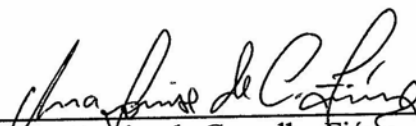
**O NOVO RURAL E A ATIVIDADE TURÍSTICA
EM CARRANCAS-MG**

Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de “Magister Scientiae”.

APROVADA: 26 de abril de 2006.



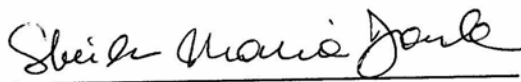
Edgard Alencar



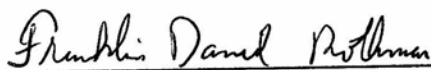
Ana Louise de Carvalho Fiúza



José Ambrósio Ferreira Neto
(Conselheiro)



Sheila Maria Doula
(Conselheira)



Franklin Daniel Rothman
(Orientador)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Ivalin e Ana Lúcia. Dedico também à Patrícia, minha amante e companheira.

AGRADECIMENTO

Agradeço aos meus pais, Ivalin e Ana Lúcia, pois seus esforços contribuíram para minha formação. Por isso externo aqui minha mais profunda gratidão e orgulho.

Agradeço à minha amante e companheira, Patrícia, que nesses últimos meses teve que conviver com minha presença ausente.

Agradeço ao meu orientador, o Professor Franklin Daniel Rothman, cuja experiência e competência foram fundamentais para que eu pudesse atingir os objetivos. Devo agradecer também aos demais professores do Programa de Mestrado em Extensão Rural, com os quais pude aprender nesses dois anos de convívio acadêmico. Agradeço também à Universidade Federal de Viçosa e à CAPES pela concessão de bolsa de estudos durante parte do exercício do mestrado. Agradeço ao técnico Ângelo pela colaboração na formatação das tabelas.

Agradeço especialmente aos proprietários rurais de Carrancas, que me foram extremamente solícitos e, que com a sua sabedoria muito mais do que informantes, me ensinaram a entender a realidade do rural.

Agradeço aos técnicos e autoridades de Carrancas: Rose (Ibama-Lavras/MG), Valério (Emater), Geraldo (Prefeitura Municipal). Devo um agradecimento especial à Poliana (setor de turismo da prefeitura), que durante toda pesquisa empírica demonstrou não só interesse em contribuir, mas principalmente em melhorar as condições da exploração turística em Carrancas.

Agradeço ao colega de mestrado Fabrício, que desde a seleção do mestrado mostrou-se companheiro e sempre disposto a colaborar.

Agradeço aos meus alunos Vitor, Emiliane, Heloisa e Estefânia que me ajudaram a desbravar o meio rural de Carrancas atuando como assistentes na pesquisa de campo. Agradeço especialmente ao Vitor que nos últimos anos tem se mostrado um importante auxiliar colaborando em várias frentes de trabalho.

Agradeço aos professores, e principalmente amigos: Jéssica (que fez a revisão do trabalho), Ana Paula (Abstract), Rodrigo (com críticas na construção do projeto), e Lucas amigo por quem tenho grande estima e, que com suas observações, críticas e sugestões ajudou-me desde a escolha do objeto de pesquisa.

CONTEÚDO

LISTA DE TABELAS	vii
LISTA DE FOTOGRAFIAS E FIGURAS.....	ix
LISTA DE ANEXOS	x
RESUMO.....	xi
ABSTRACT	xiii
1 – INTRODUÇÃO	1
2 – INFORMAÇÕES METODOLÓGICAS	5
3 – ALGUNS DEBATES SOBRE O RURAL NO BRASIL.....	11
3.1 – <i>O novo rural brasileiro</i>	12
3.2 – <i>A discussão da nova ruralidade</i>	19
3.3 – <i>Atividades não-agrícolas, pluriatividade e a multifuncionalidade</i>	25
4 – EM BUSCA DA CONCEITUAÇÃO DO TURISMO EM CARRANCAS	32
4.1 – <i>O turismo em áreas rurais</i>	35
4.2 – <i>A questão da infra-estrutura</i>	42
4.3 – <i>O hibridismo da atividade turística em Carrancas</i>	45
5 – MEIO RURAL, PRODUÇÃO AGRÍCOLA E ATIVIDADE TURÍSTICA EM CARRANCAS	51
5.1 – <i>Caracterização do município de Carrancas e suas referências históricas</i> .	52
5.2 – <i>Caracterização das unidades produtivas da amostra</i>	57
5.3 – <i>Papel da mulher nas unidades produtivas</i>	72

5.4 – <i>Exploração da atividade turística</i>	77
5.5 – <i>As estratégias de atuação econômica dos proprietários rurais</i>	92
5.6 – <i>Itens de influência nas estratégias de atuação econômica</i>	104
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	129
8 – ANEXOS	134

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Atividade principal das propriedades rurais localizadas nas proximidades dos atrativos naturais, no município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.	57
TABELA 2: Atividade principal e secundária das propriedades rurais localizadas nas proximidades dos atrativos naturais, no município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.	59
TABELA 3: Atividades agropecuárias das propriedades rurais localizadas nas proximidades dos atrativos naturais, no passado e presente e expectativa para o futuro em relação à produção do município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.	63
TABELA 4: Motivos que justificam a produção dos diversos produtos nas propriedades rurais localizadas nas proximidades dos atrativos naturais, no município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.	64
TABELA 5: Motivos para avaliação negativa das atividades nas propriedades rurais localizadas nas proximidades dos atrativos naturais, no município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.	65
TABELA 6: Opiniões dos produtores localizados nas proximidades dos principais atrativos naturais, sobre o potencial do mercado consumidor dos seus produtos entre os turistas, no município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.	67
TABELA 7: Opinião dos produtores sobre a situação atual da rentabilidade da produção agrícola nas propriedades localizadas nas proximidades dos principais atrativos naturais, no município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.	69

TABELA 8: Motivo para não desenvolver dentro ou fora da unidade produtiva outra atividade além da agrícola, nas propriedades localizadas nas proximidades dos principais atrativos naturais do município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.	71
TABELA 9: Participação da esposa/companheira nas atividades das propriedades localizadas nas proximidades dos principais atrativos naturais no município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.	74
TABELA 10: Existência ou proximidade de atrativos turísticos nas propriedades localizadas nas proximidades dos atrativos naturais no município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.	80
TABELA 11: Motivo para não oferecer nenhuma atividade turística nas propriedades rurais localizadas nas proximidades dos atrativos naturais no município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.	86
TABELA 12: Opiniões dos proprietários entrevistados sobre o impacto nas variáveis sociais e de infra-estrutura devido à atividade turística no município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.	92
TABELA 13: Tipo de propriedade (exploração) por área (ha) das propriedades rurais localizadas nas proximidades dos atrativos naturais no município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.	95
TABELA 14: Tipo de propriedade por faixa de renda (R\$) nas propriedades rurais localizadas nas proximidades dos atrativos naturais do município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.	95
TABELA 15: Existência de atrativos naturais e turismo de aventura nas propriedades e próximas delas no município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.	105
TABELA 16: Opiniões dos produtores localizados nas proximidades dos principais atrativos naturais, sobre os efeitos e as expectativas de desenvolvimento das variáveis sociais e de infra-estrutura no município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.	109

LISTA DE FOTOGRAFIAS E FIGURAS

FIGURA 1: Mapa de localização de Carrancas	53
FOTOGRAFIA 1: Cachoeira da Fumaça.	55
FOTOGRAFIA 2: “Tira-Prosa”.	55
FOTOGRAFIA 3: Cachoeira da Zilda.	56
FOTOGRAFIA 4: Poço do Coração.....	56
FOTOGRAFIA 5: Sede da Fazenda do Engenho	74
FOTOGRAFIA 6: Soraia Guimarães e o Café da Roça.....	76
FOTOGRAFIA 7: Produção de biscoitos do Café da Roça.....	76
FOTOGRAFIA 8: Sede da Fazenda Grão Mogol.....	85
FOTOGRAFIA 9: Placa de proibição de entrada na cachoeira.....	86
FOTOGRAFIA 10: Hotel Fazenda do Engenho.....	100
FOTOGRAFIA 11: Hotel Fazenda do Engenho.....	100
FOTOGRAFIA 12: Sítio da Serra.....	101
FOTOGRAFIA 13: Sítio da Serra.....	101
FOTOGRAFIA 14: Sítio Moralice.....	103
FOTOGRAFIA 15: Sítio Moralice.....	104

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1: Questionário de pesquisa para entrevista dos proprietários rurais.....	135
ANEXO 2: Roteiro de entrevistas semi-estruturadas.....	141

RESUMO

SANTOS, Cristiano Batista dos, M.S., Universidade Federal de Viçosa, abril de 2006.
O novo rural e a atividade turística em Carrancas-MG. Orientador: Franklin Daniel Rothman. Conselheiros: José Ambrósio Ferreira Neto e Sheila Maria Doula.

Esta dissertação procura investigar as condições atuais do rural em Carrancas, município localizado no Campo das Vertentes do estado de Minas Gerais, frente à emergência da atividade turística como fonte alternativa e/ou complementar de renda para os proprietários rurais dessa localidade. Está embasada em alguns dos principais debates teóricos sobre as transformações ocorridas no rural brasileiro – o “novo rural” e a “nova ruralidade” – considerando respectivamente as mudanças no âmbito da produção e das relações sócio-culturais. Nesse contexto, alguns temas como a pluriatividade, a multifuncionalidade e a diversificação das unidades produtivas ganham destaque central para a compreensão das condições econômicas, bem como as motivações para a incorporação ou rejeição da atividade turística pelos proprietários rurais. Assim, partiu-se para uma conceituação de alguns elementos, tais como: o tipo de turismo implantado e sua exploração em Carrancas; a caracterização das unidades produtivas da localidade; o papel da mulher nas unidades produtivas. Como ponto central da investigação, procurou-se compreender as estratégias de atuação econômica dos proprietários rurais a partir da construção de “tipos ideais” em relação à exploração do turismo: os “proprietários tradicionais” que se mantiveram

como monoativos na produção leiteira; os “proprietários pluriativos” que diversificaram a sua unidade produtiva, especialmente com a incorporação da atividade turística; e os “novos empresários rurais” que exploram a atividade turística como um negócio alheio à produção agrícola. Assim, a pesquisa empírica realizou-se por intermédio de uma amostra intencional junto aos proprietários rurais localizados nas proximidades dos principais atrativos naturais de Carrancas, combinada com entrevistas semi-estruturadas com alguns dos técnicos e autoridades locais mais relevantes, interpretando a relação entre a produção agrícola e da atividade turística. Por conseguinte, esse levantamento permitiu situar as condições que levam esses proprietários rurais a incorporar ou a rejeitar a exploração do turismo em suas propriedades, assim como os principais impactos dessa atividade em todo o município.

ABSTRACT

SANTOS, Cristiano Batista dos, M.S., Universidade Federal de Viçosa, April of 2006.
The new rural sector and tourist activity in Carrancas-MG. Adviser: Franklin Daniel Rothman. Committee members: José Ambrósio Ferreira Neto and Sheila Maria Doula.

This dissertation studies current rural conditions in Carrancas, a municipality located in the *campo das vertentes* of the state of Minas Gerais, in the context of increased tourism activities, as alternatives to, and/or complementary source of, income for farm owner-operators of this locality. It is informed by current debates concerning recent transformations in rural Brazil – the “new rural area” and the “new rurality” – considering changes in productive activities and socio-cultural relations. In this context, I discuss themes such as pluriactivity, multifunctionality and the diversification of productive units to contextualize social and economic conditions, as well as analyze motivations for the incorporation of – or decision not to incorporate – tourism activities by farm owner-operators. Then I discuss a variety of definitions of types of tourism in rural areas as reference to adopt an operational definition of local tourist activity; to characterize farm types in Carrancas; and to discuss the role of women in these activities. The main objective was to understand the productive strategies of the rural owner-operators, using “ideal types”, specifically, “traditional farmers”(those who continued only as dairy producers); “pluriactive farmers” (those who diversified their productive units, especially with the incorporation of tourism activities); and “new rural entrepreneurs” (those who implement tourism activities as

an additional rural income-generating activity). A questionnaire was applied to an intentional sample of farm owner-operators whose properties are located near natural tourist attractions in Carrancas. This was supplemented by semi-structured interviews with technicians and local public authorities. The data revealed conditions under which these farmers have incorporated tourism activities on their farms – or have chosen not to – as well as the principal impacts of tourism activities within the municipality.

1 – INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute as recentes transformações do rural no Brasil tendo como objeto central de análise a emergência do turismo nas áreas rurais. Nesse sentido, realizou-se um levantamento em Carrancas, município localizado no Campo das Vertentes do estado de Minas Gerais, que, através da combinação de sua exuberância natural – cachoeiras, corredeiras e trilhas – com a preservação do modo de vida rural, destaca-se na exploração da atividade turística. Esse fenômeno deve ser compreendido a partir dos principais debates teóricos sobre as transformações que vêm ocorrendo no rural brasileiro. Assim, o debate acerca do surgimento de um “novo rural” ou “nova ruralidade”¹ no Brasil vem ganhando mais espaço entre cientistas sociais, tomando como ponto de convergência o emergente crescimento das atividades não-agrícolas com o estabelecimento de uma maior diversificação das atividades produtivas. De acordo com as principais correntes interpretativas sobre o tema, pode-se constatar que as unidades produtivas rurais vêm incorporando atividades não-agrícolas, o que contribui para algumas transformações da realidade sócio-econômica e cultural do rural brasileiro. Essa discussão do rural em Carrancas ganha ainda mais relevância a partir do momento em que se reflete sobre as condições em que os produtores rurais estão inseridos e, quando se consideram as estratégias de atuação econômica face à emergência das atividades rurais não-agrícolas. Nesse contexto, o turismo aparece como uma

¹ Os termos “novo rural” e “nova ruralidade” apontam para reflexões conceituais diferenciadas, que serão abordadas no referencial teórico-conceitual desse trabalho.

dessas atividades alternativas e consolida-se como uma fonte complementar de renda para os produtores rurais, constituindo-se, portanto, um cenário de mudanças da realidade sócio-econômica e cultural do rural brasileiro. Tal tema, da inserção da atividade turística no rural, estabelece-se como objeto de pesquisa relevante para compreender a nova realidade.

Por conseguinte, com base na emergência do turismo e considerando a literatura específica, realizou-se uma investigação empírica da inserção do turismo em suas múltiplas formas nas áreas rurais. A partir disso, considera-se a sua possível consolidação como uma atividade alternativa ou complementar à tradicional produção agrícola, tendo ainda como marco referencial o fenômeno da pluriatividade e da multifuncionalidade das propriedades rurais. A escolha do turismo inserido no contexto rural em Carrancas, como objeto de análise, deve-se a sua relevância econômica naquele município, bem como os possíveis impactos (positivos e negativos) que essa atividade pode estar causando entre os proprietários rurais daquela localidade. A relevância desse tema de pesquisa relaciona-se especificamente com as estratégias de incorporação da atividade turística em que os produtores rurais daquela localidade podem estar inseridos, seja recusando ou incorporando a exploração do turismo.

Logo, a premissa fundamental deste trabalho reconhece a importância da atividade turística, mas recusa a possibilidade de imaginar o turismo tal qual uma panacéia do rural no Brasil, como se representasse a solução para os seus problemas. Portanto, a atividade turística deve ser encarada como uma fonte de renda alternativa e/ou complementar, que colabora na constituição de um “novo rural” ou uma “nova ruralidade”² e, mesmo que possa representar uma melhora das condições econômicas dos proprietários rurais, não significa a solução definitiva de seus problemas, tampouco que deva substituir as atividades agropecuárias.

Realizou-se, portanto, a pesquisa com o intuito de compreender as estratégias de atuação dos proprietários rurais frente ao potencial de exploração da atividade turística. Logo, os produtores rurais podem incorporar a atividade turística à produção agrícola ou rejeitá-la, estabelecendo escolhas diferenciadas em suas unidades produtivas. Assim, a questão norteadora deste trabalho de pesquisa foi a de considerar as diferentes estratégias que os produtores rurais estabelecem em

² Essas opções teóricas serão discutidas no capítulo 3.

relação à atividade turística: mantendo-se exclusivamente produtor rural e tornando-se alheio ao turismo; substituindo totalmente as atividades agropecuárias pela atividade turística; ou ainda mantendo as atividades agropecuárias associadas à incorporação do turismo como atividade alternativa e complementar. Neste trabalho, de forma secundária, também foram verificadas as condições em que se encontram os produtores rurais de Carrancas e por que eles escolhem determinada estratégia de incorporação da atividade turística.

Como forma de nortear este trabalho, buscou-se uma problematização que considerava não só os primeiros contatos com a localidade, mas também alguns estudos publicados recentemente sobre a emergência da atividade turística em áreas rurais. Assim, *a priori*, considerou-se que produtores rurais de Carrancas estariam demonstrando interesse em estabelecer estratégias de diversificação de sua atividade econômica apoiadas na incorporação do turismo como renda complementar em sua unidade produtiva e de modo combinado com a manutenção de suas atividades agrícolas. Entretanto, podem existir condições desfavoráveis: por um lado, pelo ponto de vista econômico, com a impossibilidade de realizar os investimentos necessários para o desenvolvimento da atividade turística, em que se inclui o problema do crédito; por outro, pelas condições de infra-estrutura desfavoráveis, como a inexistência de atrativos naturais na propriedade ou como a dificuldade de acesso às cachoeiras e corredeiras.

Logo, o objetivo desta investigação foi de verificar quais são as estratégias dos produtores rurais de Carrancas em relação à atividade turística na região e quais são os fatores que influenciam as opções desses produtores. De forma complementar, os objetivos específicos são: verificar os tipos de turismo presentes em Carrancas (turismo rural, turismo em áreas rurais, ecoturismo, agroturismo, turismo eco-rural); identificar as estratégias dos produtores rurais em relação à incorporação da atividade turística, verificando se são pluriativos, alheios ou se substituíram suas atividades; comparar as percepções entre os produtores rurais em relação à incorporação da atividade turística em sua unidade produtiva, identificando as vantagens e as desvantagens da decisão de incorporar ou rejeitar o turismo; identificar a importância dos fatores sócio-culturais na decisão de incorporar ou rejeitar a atividade turística; identificar as condições econômicas que se encontram esses proprietários rurais; identificar se houve melhoria da infra-estrutura de transporte, comunicação e saneamento a partir da exploração da atividade turística

em Carrancas; verificar se foram gerados novos postos de trabalho para os trabalhadores rurais, direta ou indiretamente ligados à atividade turística.

Para tanto, este trabalho está organizado em alguns capítulos específicos. O capítulo 2 apresentará as considerações metodológicas, indicando o delineamento, as estratégias de coleta de dados e a maneira pela qual foi construída a amostra. O capítulo 3 servirá para discutir sobre algumas das principais transformações do rural no Brasil. Nesse sentido, serão apresentados os debates sobre a emergência de um “novo rural” no Brasil, além da reconstrução das identidades do rural, através do referencial da “nova ruralidade”. Soma-se a esses temas a questão da pluriatividade e da multifuncionalidade das propriedades rurais. No capítulo 4, partir-se-á para as considerações sobre a construção de uma conceituação para a atividade turística, como forma de avaliar a realidade empírica frente aos tipos que foram construídos como referência teórica. Os principais resultados da pesquisa empírica serão apresentados no capítulo 5 tendo em vista uma caracterização do município e das unidades produtivas, a identificação das formas de organização e do papel da mulher nessas propriedades. O capítulo será desenvolvido a partir da descrição da exploração da atividade turística em Carrancas. Ponto central desse capítulo será a interpretação das estratégias de atuação econômica, baseando-se especialmente na construção de “tipos” de proprietários rurais a partir de suas escolhas em relação à atividade turística. O capítulo será finalizado com a identificação dos itens de influência para a atividade turística.

No capítulo das considerações finais apresentar-se-á as principais reflexões e inferências sobre os dados obtidos à luz do referencial teórico, como forma de apontar algumas conclusões sobre a realidade do rural em Carrancas frente à emergência da atividade turística.

2 – INFORMAÇÕES METODOLÓGICAS

A investigação realizou-se a partir de um aprofundamento bibliográfico sobre os principais debates teóricos acerca do tema, combinado com um levantamento empírico realizado no meio rural em Carrancas. Isso ocorreu como forma de alcançar o objetivo geral e os específicos, bem como responder às questões formuladas desde o projeto, em especial o problema de pesquisa, para que se pudesse verificar a validade das hipóteses. Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica forneceu subsídios acerca dos principais tipos de turismo (turismo rural, turismo em espaço rural, agroturismo, ecoturismo e turismo eco-rural), o que serviu para classificar o modelo de turismo ocorrido em Carrancas. Além disso, foram considerados como referência os principais debates envolvendo o “novo rural” e a “nova ruralidade” brasileira, tendo como ponto fundamental o reconhecimento das transformações pelas quais o rural brasileiro vem passando. Tudo isso dentro de um contexto em que a pluriatividade aparece como um importante elemento na diversificação das unidades produtivas, constituindo-se, portanto como base fundamental para interpretar a realidade do rural em Carrancas, além de fornecer referências para compreender empiricamente as condições das estratégias de incorporação ou rejeição da atividade turística naquela localidade.

Em um segundo momento, a investigação assumiu um caráter empírico que, com base nas referências da pesquisa bibliográfica, buscou informações específicas sobre as estratégias de incorporação ou rejeição da atividade turística em Carrancas, o que acabou por fornecer respostas para as questões formuladas desde

a constituição do projeto de pesquisa, além de contribuir para a averiguação da hipótese construída *a priori*.

Em consideração à busca por uma investigação empírica do fenômeno do turismo em Carrancas, como requisito para obtenção de informações coerentes com a realidade encontrada no município, utilizou-se como delineamento principal a estratégia do *survey* para a coleta de informações primárias junto os proprietários rurais, conforme descrição abaixo.

“As pesquisas deste tipo se caracterizam pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para em seguida, mediante análise quantitativa, obter conclusões correspondentes aos dados coletados. (...) Dentre as principais vantagens dos levantamentos estão: a) conhecimento direto da realidade (...); b) economia e rapidez (...); c) quantificação”. (GIL, 1999: 70-71).

Nesse sentido, buscou-se entrevistar alguns dos produtores rurais com propriedades localizadas nas proximidades dos principais atrativos naturais de Carrancas, como forma de levantar informações com base na percepção e vivência deles em relação à emergência da atividade turística naquele município, bem como a influência na sua atividade agropecuária. Logo, com o intuito de desvendar o problema de pesquisa acerca das condições dos proprietários rurais de Carrancas procurou-se investigar por que escolhem determinada estratégia frente à possibilidade de diversificação de suas atividades produtivas.

Além disso, realizou-se também entrevistas semi-estruturadas junto aos representantes de algumas instituições públicas como a Prefeitura Municipal (as secretarias de Turismo e Agropecuária), o IBAMA (Regional Lavras), e a EMATER³, como forma de se verificar uma outra visão sobre a mesma realidade. Nesse sentido, buscou-se o estabelecimento de uma estratégia de triangulação dos dados coletados, que surgem a partir de elementos diferenciados, combinando múltiplas fontes de informação, cujas referências fundamentais estão alicerçadas na tentativa de se buscar aquilo que ROTHMAN (1994) e YIN (1989) classificaram como “linhas convergentes de investigação”.

³ As entrevistas semi-estruturadas foram distribuídas da seguinte maneira: a Secretaria Municipal de Turismo, representada por Poliana Rezende de Andrade; a Secretaria Municipal de Agropecuária, representada por Geraldo Ferreira de Andrade Júnior; a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) da região de Carrancas, representada pelo técnico Marcos Valério Daher Rezende, e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), representada pela técnica Rose Ferreira.

Por conseguinte, visando à obtenção dos dados a partir desse processo de triangulação, decidiu-se pela utilização de dois instrumentos diferenciados, que possibilitaram posteriormente a busca pela convergência de informações no momento da análise de dados. Assim, o questionário e as entrevistas semi-estruturadas, quando combinados, tornaram-se mecanismos que serviram como base fundamental para as inferências explicitadas durante o desenvolvimento do trabalho. Isso permitiu conduzir a pesquisa a partir de diferenciados olhares sobre o mesmo fenômeno estudado, considerando não só a vivência dos proprietários rurais, que se constituíam como objeto fundamental de estudo, como também a visão de importantes agentes externos às unidades produtivas, que determinam as políticas públicas e as intervenções para a localidade.

Com base nesse referencial, buscou-se ainda a identificação de “quais” são as condições de incorporação ou de rejeição da atividade turística realizadas pelos produtores rurais e, para isso, utilizou-se o *survey* como estratégia de pesquisa, tendo como instrumento fundamental para a coleta de dados um questionário⁴ que possibilitou a caracterização das unidades produtivas a partir de alguns elementos específicos. Para tanto, partiu-se para o estabelecimento de uma amostra intencional composta por trinta e cinco proprietários rurais do universo de produtores rurais de Carrancas localizados nas proximidades dos atrativos turísticos naturais, o que, de acordo com GIL (1999) e RICHARDSON (1999), constitui-se como um instrumento válido a partir do momento que se tenha consolidado algum conhecimento prévio das características da população estudada, o que pode garantir a presença de elementos representativos para o objeto de estudo. Nos trechos abaixo, pode-se encontrar fundamentação para a utilização desse tipo de amostra.

“Os elementos que formam a amostra relacionam-se intencionalmente de acordo com certas características estabelecidas no plano das hipóteses formuladas pelo pesquisador. Se o plano possui características que definam a população, é necessário assegurar a presença do sujeito-tipo. Desse modo, a amostra intencional apresenta-se como representativa do universo. Entende-se por sujeitos-tipos aqueles que representam as características típicas de todos os integrantes que pertencem a cada uma das partes da população.” (RICHARDSON, 1999: 161).

Assim, a utilização da amostra intencional serviu para selecionar os proprietários de unidades produtivas rurais que estivessem nas proximidades dos principais atrativos turísticos naturais de Carrancas. De acordo com o conhecimento

⁴ O questionário utilizado para a pesquisa de campo junto aos proprietários rurais de Carrancas, encontra-se anexo ao trabalho.

prévio sobre aquela localidade, essa proximidade evidenciava-se um decisivo fator para a possibilidade de incorporação da atividade turística. Essa escolha ocorreu em função do problema e dos objetivos da pesquisa, na interpretação das condições daqueles produtores que se encontram no contexto da atividade turística, podendo ou não incorporá-la em suas propriedades. A partir disso, não fazia sentido uma amostra probabilística que poderia trazer a inclusão de propriedades distantes dos atrativos naturais, já que os produtores não sofrem influência e nem os impactos diretos da atividade turística. Para tanto, optou-se por incluir na amostra as propriedades rurais que estivessem às margens das estradas que ligam a sede do município aos principais atrativos naturais⁵. Para que se pudesse escolher esses proprietários, foram consideradas as percepções dos guias turísticos de Carrancas, que nos informavam os principais caminhos percorridos pelos turistas. Essas informações puderam ser confirmadas pelos técnicos e autoridades locais. Logo, procurou-se inicialmente no questionário estruturado verificar a extensão das propriedades que foram pesquisadas, o que posteriormente serviu para o estabelecimento de comparações sobre a influência do tamanho da propriedade na tomada de decisão para a incorporação da atividade turística. Em um segundo momento, o questionário serviu também para proceder a uma “tipificação” das propriedades a partir da produção predominante que era desenvolvida, sem contar que ainda se pôde também verificar se existia alguma atividade complementar e também qual o nível de diversificação das atividades econômicas das propriedades, o que se consolidaria como um meio para caracterizar a estratégia frente à atividade turística. Nesse sentido, as expectativas em relação à rentabilidade de sua unidade produtiva mostraram-se também importantes para compreender o nível de satisfação com o momento econômico pelo qual esses produtores passam na atualidade, podendo inclusive contrastar com o passado.

Na seqüência das entrevistas estruturadas, foi possível verificar ainda os principais problemas enfrentados pelos produtores rurais de Carrancas, o que contribuiu para a identificação dos principais entraves ao desenvolvimento das unidades produtivas, bem como para compreender a decisão de incorporar ou rejeitar a atividade turística em suas propriedades. O mesmo foi feito em relação à interpretação do papel da mulher na unidade produtiva, em que se investigou qual o

⁵ Consideraram-se como principais atrativos naturais o Complexo da Fumaça, o Complexo da Ponte, “Tira-Prosa”, o Complexo da Zilda, Toca, Poço Coração, que serão descritos no capítulo 5.

tipo de atividade que elas vêm desempenhando, e qual a sua contribuição para a estratégia de incorporação ou rejeição do turismo como atividade econômica complementar na propriedade. Finalmente, o questionário serviu para caracterizar o tipo de turismo que é praticado em Carrancas, tendo como base o levantamento dos principais atrativos e da infra-estrutura para a atividade turística, bem como para a compreensão da expectativa dos proprietários em relação à incorporação ou à rejeição desse tipo de atividade em suas unidades produtivas.

Assim, desde os primeiros contatos com os proprietários rurais de Carrancas, ficou evidente que haviam algumas estratégias de atuação econômica diferenciadas, e no que concerne ao objetivo deste trabalho, procurou-se compreendê-las a partir da decisão de incorporar ou rejeitar a atividade turística. Logo, a construção de um modelo referencial das estratégias de atuação econômica dos proprietários rurais apresentava-se como fundamental para que se pudesse estabelecer parâmetros teóricos para a interpretação da realidade empírica do rural em Carrancas. Nesse sentido, devemos considerar as citações abaixo como importante para compreender a realidade daquela localidade.

“Uma tipologia é um conjunto de categorias usadas para a classificação. Sociedades, por exemplo, podem ser categorizadas usando-se uma tipologia de tipos de sistemas econômicos (...) As tipologias são úteis por chamar a atenção para categorias particulares do que observamos, o que nos habilita a fazer comparações (...) A tipologia inclui em geral categorias não-coincidentes que esgotam todas as possibilidades, o que significa que há uma única categoria disponível para cada observação, e cada observação ajusta-se a uma única categoria. (...) o tipo ideal é um modelo abstrato que, quando usado como padrão de comparação, permite-nos observar aspectos do mundo real de uma forma mais clara e mais sistemática. (...) É importante notar que os tipos ideais são ideais apenas no sentido em que são puros e abstratos, não no sentido mais comum de serem desejáveis ou bons” (JOHNSON, 1997: 240).

Assim, essa combinação de múltiplas fontes de dados, como o questionário estruturado utilizado com os produtores e as entrevistas semi-estruturadas que foram realizadas com os técnicos e autoridades representantes de importantes organismos públicos, foi somada aos dados preliminares do levantamento realizado pelo IBAMA (Regional Lavras)⁶ junto aos produtores rurais de Carrancas, o que possibilitou uma interpretação muito mais confiável da realidade do meio rural naquela localidade. Essa triangulação de informações permitiu que se pudessem confrontar os vários dados que foram coletados na pesquisa empírica e aprofundá-

⁶ Esses dados preliminares foram gentilmente cedidos pela técnica do IBAMA e, se constituíram como uma importante fonte de dados secundários que contribuiu para a interpretação da realidade dos proprietários rurais de Carrancas.

los, conferindo maior consistência às informações, e fidedignidade das reflexões propostas em relação à realidade observada.

Vale ainda ressaltar que seria importante para esse estudo que se pudesse retornar aos produtores entrevistados para que se aprofunda-se em algumas das informações que foram passadas pelos técnicos e autoridades entrevistadas, corroborando-as ou refutando-as. No entanto, algumas limitações como do tempo para realização da pesquisa, bem como dos recursos financeiros inviabilizou essa estratégia. Nesse sentido, em pesquisas futuras dever-se-á adotar essa estratégia.

3 – ALGUNS DEBATES SOBRE O RURAL NO BRASIL

É fato que o turismo rural tem se consolidado como uma fonte importante de geração de emprego e renda para o rural no Brasil. No entanto, antes de qualquer discussão acerca da exploração desse tipo de atividade, cabe-nos agora refletir sobre o quadro teórico-conceitual que será a referência para compreender a inserção do turismo em áreas rurais, em especial em Carrancas, como atividade alternativa e/ou complementar para a geração de emprego e renda para os produtores rurais. Esse referencial teórico deve estar amarrado aos principais debates sobre as transformações que o rural brasileiro vem passando nas últimas décadas. Tais reflexões estarão alicerçadas nas discussões sobre a constituição de um “novo rural” no Brasil e de identidades em construção acerca da “nova ruralidade”, bem como as reflexões sobre o contexto da pluriatividade e da multifuncionalidade.

Com isso, parte considerável desse debate tem como fundamento a constituição de um novo olhar para o rural, como tentativa de romper com alguns mitos que pairavam sobre sua interpretação. O primeiro dos mitos que devem ser superados a partir desse debate, refere-se à concepção de que as sociedades agrárias representam o atraso em oposição ao urbano modernizado. Neste capítulo discutir-se-á algumas concepções que contribuem para a superação da idéia do *continuum* rural-urbano, e do pensamento dicotômico que coloca a concepção de rural em oposição ao urbano. Outro ponto relevante que deve ser superado é a consideração de que o êxodo rural é algo inexorável, pois apesar da queda das

rendas e das ocupações provenientes das atividades agrícolas, na década de 1990, verificou-se um crescimento da população rural no Brasil pelo menos em termos absolutos. Outro mito que se pretende superar é a idéia de que rural e agrícola são elementos intrínsecos entre si, ou seja, que as áreas rurais são necessariamente agrícolas, o que vem sendo desmitificado, em especial pela emergência das atividades não-agrícolas nas áreas rurais.

“Se entre os anos de 1981 e 1992 se observa uma pequena redução da população com dez anos ou mais residente no meio rural, demonstrando ainda tendência ao êxodo rural, nos anos 90 tem-se uma reversão desse quadro, com uma população rural crescendo a uma taxa de 0,9% a.a e tendo apresentado um incremento de aproximadamente 1,4 milhões de pessoas entre os anos de 1992 e 1999. Contudo, percebe-se que, mesmo com o crescimento da população rural nos anos 90, os dados sobre a população rural ocupada em atividades agrícolas demonstram uma queda de – 1,7 % a. a., entre esses anos.” (DOURADO; SANTOS, 2003: 2).

Nesse sentido, buscamos o referencial discutido no Projeto Rurbano⁷, admitindo a existência de novas características nas áreas rurais no Brasil, seja pela diversificação econômica, com o surgimento de “novas” atividades no meio rural, ou seja, pela emergência de uma identidade diferenciada das áreas rurais, a nova ruralidade, a qual enseja uma reorientação interpretativa ou um novo olhar para o rural brasileiro.

3.1 – O novo rural brasileiro

Recentemente, surgiu o debate sobre o “novo rural brasileiro”⁸ como tentativa de compreender uma nova realidade que surge no Brasil e que, segundo GRAZIANO DA SILVA e DEL GROSSI (2000), já ocorre há mais tempo em países desenvolvidos. Esse “novo rural” apresenta características diferentes daquelas que foram observadas até hoje no rural brasileiro e se mostra bem distinto daquele que tradicionalmente a literatura sociológica acostudou-se a descrever no passado. Essa orientação sociológica está norteadada pelo fundamento interpretativo da

⁷ Os participantes do Projeto Rurbano trabalham com a perspectiva de reorientação interpretativa sobre o rural brasileiro, de acordo com as transformações que ele vem passando desde a década de 1980. Assim, esse projeto tem se tornado fonte importante para pesquisa face à disponibilidade ampla de artigos que se podem encontrar em sua *home page*: www.eco.unicamp.br

⁸ A expressão “novo rural brasileiro” foi amplamente utilizada por GRAZIANO DA SILVA em alguns artigos publicados pelo Projeto Rurbano.

percepção de que o rural era um espaço exclusivamente para a agricultura e pecuária com uma proposição inexorável de uma interface entre rural e agrícola. Isso nos leva a uma compreensão da realidade do rural a partir de novos elementos que podem, em algum nível, propiciar transformações da realidade econômica rural, o que compreende modificações nas relações sociais e na cultura predominantes nesse meio. Assim, nesse contexto de transformações da realidade do rural, conforme podemos observar no trecho abaixo, a constituição desse novo rural aponta para o surgimento de três grupos de atividades.

“1) uma agropecuária moderna, baseada em commodities e intimamente ligada às agroindústrias; 2) um conjunto de atividades não-agrícolas, ligadas à moradia, ao lazer e a várias atividades industriais e de prestação de serviços; 3) um conjunto de ‘novas’ atividades agropecuárias, localizadas em nichos especiais de mercados”. (GRAZIANO DA SILVA; DEL GROSSI: 2000, 1).

Logo, essas transformações que caracterizaram a formação desses três grupos de atividades, demonstram-nos que a classificação do rural como sendo *locus* exclusivo para o agrário torna-se extremamente ultrapassada e equivocada e leva a uma visão míope da realidade do rural no Brasil. Temos com o novo rural a chegada da indústria nas áreas rurais, o que rompe com o pensamento que o associa ao urbano. Por outro lado, pode-se observar também o aparecimento de novas atividades, em especial aquelas não-agrícolas que vêm se constituindo como uma importante alternativa de emprego e renda para as áreas rurais⁹. Além disso, essas novas atividades apontam para a importância da diversificação do rural brasileiro que, em parte, contribui para a manutenção dessas áreas, diminuindo o êxodo rural a partir de um movimento de construção de novos significados. Isso pode ser caracterizado como uma nova dinâmica das populações rurais, conforme o texto abaixo.

“Concluimos que já não se pode caracterizar o meio rural somente como agrário. E mais: o comportamento do emprego rural, principalmente dos movimentos da população residente nas zonas rurais, não pode mais ser explicado apenas a partir do calendário agrícola e da expansão/retração das áreas e/ou produção agropecuárias. Há um conjunto de atividades não-agrícolas (...) que corresponde cada vez mais pela nova dinâmica populacional do meio rural brasileiro.” (GRAZIANO DA SILVA, 1997: 43).

Esse novo rural deve ser concebido a partir de um olhar que considere o rompimento das velhas dicotomias entre rural e urbano, com o estabelecimento de

⁹ Entre essas atividades, que se constituem como alternativa para as áreas rurais, destaca-se o turismo, que é objeto de estudo neste trabalho e que será discutido com mais detalhes no capítulo seguinte.

uma interface muito forte entre esses dois espaços. Isso nos leva à constatação de um rural relativamente urbanizado que guarda pouca semelhança com aquele imaginário que temos das áreas rurais, uma vez que o urbano tem se mostrado cada vez mais presente nessas áreas, o que contribui para a modificação das características do rural. E isso tem ocorrido a partir da incorporação pelas áreas rurais de elementos diferenciados, como as mais variadas formas de atividades econômicas, em especial o turismo, o que acaba por contribuir com a constituição de uma nova realidade para as propriedades rurais, com o estabelecimento de um relevante contexto de diversificação da produção, estratégia de melhoria das condições econômicas das unidades produtivas. Esse cenário traz à tona a necessidade de se buscar uma nova compreensão da interface entre rural e urbano em função da dificuldade de delimitá-lo (GRAZIANO DA SILVA, 1997: 43).

A despeito dessas considerações de um *continuum* rural-urbano, ou mesmo da idéia de dicotomia, que nos parece equivocada acerca da percepção do novo rural, da nova dinâmica das populações rurais e da nova relação com o urbano, por enquanto faremos um recorte para levar em conta somente a reflexão sobre o crescimento das atividades não-agrícolas, considerando alguns indicadores que podem servir para explicitar ainda mais essa situação de transformação da realidade do rural no Brasil, e mais à frente o caso específico da realidade do meio rural em Carrancas. Por conseguinte, isso deverá estar alicerçado em alguns indicadores que nos permitirão uma leitura mais ampla das transformações pelas quais o rural brasileiro vem passando atualmente.

Portanto, GRAZIANO DA SILVA (1997) considera que de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), observa-se que a renda das atividades agrícolas no período compreendido entre 1992 e 1998 vem caindo, assim como a quantidade de pessoas que atuam nessas atividades. Por outro lado, nesse mesmo momento, as atividades não-agrícolas apresentaram um crescimento nas ocupações das áreas rurais. Isso vem sendo alvo de debate na literatura específica, demonstrando que o rural brasileiro já não pode ser classificado como exclusivamente agrícola, visto que esse tipo de atividade não corresponde mais à única possibilidade de sobrevivência das populações rurais. Ao contrário, encontra-se em um contexto de uma considerável diversidade de atividades que compõem as áreas rurais. Além disso, com base nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pode-se confirmar essa percepção, pois, por um lado, verifica-se

que as rendas rurais agrícolas apresentaram uma queda nos anos 90, fruto da crise por que passa a produção agropecuária, além das grandes dificuldades pelas quais os produtores rurais vêm passando para manter as suas unidades produtivas, fato que ocorre muito em função das constantes quedas de preços dos produtos de origem agrícola. Por outro lado, observa-se que as rendas provenientes de atividades não-agrícolas vêm apresentando crescimento, e se mostram como uma importante alternativa econômica para o rural, como maneira alternativa de se buscar novas formas de geração de emprego e renda para as populações rurais. Tudo isso faz parte desse novo referencial interpretativo para as áreas rurais no Brasil e constitui-se no chamado “novo rural brasileiro”, uma realidade que demanda um estudo cada vez mais aprofundado com vistas à compreensão das realidades locais, como Carrancas, por exemplo. Ademais, se consideramos apenas o estado de Minas Gerais, os dados da PNAD demonstram que também houveram mudanças semelhantes àquelas observadas no estado de São Paulo e no Brasil. Não obstante, longe de representar um processo de urbanização homogeneizada do rural, esses dados podem indicar uma tendência de modificação do rural, cuja orientação fundamental está na introdução de “novas atividades”¹⁰ e na constituição de um novo contexto para a vida econômica, social e cultural do rural brasileiro.

“Como já apresentamos em trabalho anterior, as taxas médias de crescimento geométrico, nos períodos 1981/92 e 1992/97, para a população residente no meio rural em Minas Gerais confirmam as afirmações anteriores. A PEA ocupada em atividades agrícola reduz-se em 0,7% e 1,8% ao ano, respectivamente para aqueles períodos. Em contra partida, a PEA não-agrícola, naqueles mesmos períodos, apresentou taxas de crescimento anual positivas de 5,4% e 3,3% respectivamente. Como conseqüência, a PEA não-agrícola vem aumentando significativamente sua participação no total da PEA rural de 10 anos e mais entre 1981 e 1997, passando de 14,5% para 29,26%. Portanto, apesar de que ainda não é majoritário, o emprego rural não-agrícola vem aumentando sua participação, e de maneira crescente. (...) Dados mais recentes, também elaborados a partir de tabulações especiais das PNADs pela equipe do Projeto Rurbano, continuam confirmando as mesmas tendências para Minas Gerais, queda do emprego agrícola e crescimento do emprego não-agrícola. Foram calculadas as taxas de crescimento geométricas para o período 1992/99 e 1996/99, tentando captar uma aceleração ou não daqueles fenômenos.” (ORTEGA, 2003: 76).

Outro ponto importante neste debate é a constatação do surgimento de um processo de “mercantilização do tempo livre”¹¹ dos produtores rurais, o que representa um novo referencial para a economia rural no Brasil. Isso ocorre em um

¹⁰ As aspas servem para chamar a atenção para o novo no contexto rural, visto que essas atividades oriundas de áreas urbanas já constituem uma realidade presente nas áreas rurais.

¹¹ Expressão extraída de Graziano da Silva e Del Grossi e muito presente em seus textos sobre o tema do novo rural.

contexto de crise da atividade agrícola, que faz com que os produtores rurais se encontrem em um momento de dificuldades para manter-se exclusivamente na agricultura ou na pecuária. Assim, entre esses produtores, o tempo que antes era dispensado exclusivamente para a produção agrícola e para o autoconsumo, agora começa a ganhar sentido de uma mercadoria que poderia ser vendida como qualquer outra, o que se torna uma fonte importante de recursos para cobrir os prejuízos da produção agrícola, bem como a manutenção das famílias rurais.

“A sua característica fundamental é que ele não é mais somente um agricultor ou um pecuarista: ele combina atividades agropecuárias com outras atividades não-agrícolas, dentro ou fora de seu estabelecimento, tanto nos ramos tradicionais urbano-industriais, como nas novas atividades que vem se desenvolvendo no meio rural, como lazer, turismo, conservação da natureza, moradia e prestação de serviços pessoais. Em resumo, o part-time não é mais um fazendeiro especializado, mas um trabalhador autônomo que combina diversas formas de ocupação (assalariadas ou não). Essa é a sua característica nova: uma pluriatividade que combina atividades agrícolas e não-agrícolas.” (GRAZIANO DA SILVA, 1997: 4).

Conforme se pode pressupor a partir desse referencial de GRAZIANO DA SILVA, a “mercantilização do tempo livre” se consolida como uma característica marcante do meio rural no Brasil, em especial na possibilidade do estabelecimento da interface entre as atividades agrícolas e não-agrícolas em um processo de pluriatividade, o que contribui para a diversificação econômica das unidades produtivas. Isso se torna possível a partir do aproveitamento do tempo ocioso, como forma de explorá-lo dentro ou fora da propriedade, com a incorporação de novas atividades, entre elas o turismo. Com o aproveitamento desse tempo, podem-se procurar novos mercados consumidores para os novos produtos ou serviços que são introduzidos na propriedade. Como resultado, GRAZIANO DA SILVA e DEL GROSSI acreditam que a produção agrícola passa a ocupar cada vez menos o tempo dispensado pelo trabalho em áreas rurais, com uma conseqüente queda da renda proveniente das atividades agrícolas.

“A explicação mais teórica para essas mudanças é o que denominamos de processo de ‘mercantilização do tempo livre’ das famílias rurais, ou seja, do tempo em que os membros da família camponesa não estavam ocupados nas atividades agrícolas e que eram dedicados às atividades não-agrícolas (fabricação de doces, conservas, móveis e utensílios doméstico) e ao lazer (caça e pesca, artesanato, cultivo de flores, criação de animais exóticos, etc.). A diferença é que esses bens e serviços que eram autoconsumidos ou se constituíam parte dos bens de uso próprio da família, são agora produzidos para a venda como uma outra mercadoria qualquer. Nesse processo, a produção agrícola passa a ocupar cada vez menos o tempo total de trabalho das famílias rurais e, por conseguinte, a agricultura passa a responder apenas por parte do tempo de ocupação e da renda dessas famílias. Esse processo é acelerado pela queda da renda agrícola decorrente da tendência de longo prazo (pós década de 70) de queda dos preços das commodities agrícolas no mercado internacional.” (GRAZIANO DA SILVA; DEL GROSSI, 1999, 2-3).

Esse “novo” agricultor brasileiro, de acordo com o debate estabelecido no Projeto Rurbano, emerge no contexto de transformações que ocorrem a partir da urbanização do rural, com uma “invasão” de atividades tipicamente classificadas como urbanas, modificando as características do rural no Brasil, em especial as unidades produtivas locais. Assim, tendo como base a realidade de Carrancas, a referência está fundamentada na pesquisa empírica que será aprofundada mais à frente, em que podemos observar claramente essa “invasão” nas relações entre urbano e rural, mas que se constitui a partir de uma “via de mão dupla”. Isso ocorre, pois observamos com clareza alguns produtores que agregam serviços ao seu sistema produtivo agropecuário, inclusive com a contratação de trabalhadores urbanos para atividades relacionadas ao turismo¹² ou ainda possuem alguns pequenos estabelecimentos comerciais na área urbana. Logo, temos em Carrancas uma interface entre rural e urbano consoante tem sido apontado pela literatura especializada, o que contribui para a interpretação da realidade empírica dessa localidade.

O sugestivo nome de Projeto Rurbano já denota a linha de pensamento de alguns defensores da “invasão” do urbano no rural brasileiro. A avaliação desse grupo de pesquisa reconhece as modificações que vêm trazendo para as famílias rurais, bem como os benefícios e problemas que são gerados a partir desse fenômeno. De acordo com esse pensamento são demandadas novas políticas públicas de desenvolvimento rural, as quais devem ser orientadas pelo reconhecimento das emergentes e crescentes atividades não-agrícolas, além de se romper com os velhos mitos que permeavam a interpretação acerca do rural. A partir disso, e tendo como base o objetivo da interpretação da realidade dos produtores rurais de Carrancas, este referencial traz uma contribuição relevante para a compreensão das estratégias que os produtores rurais estabelecem em relação à incorporação da atividade turística, e se constitui como uma ferramenta imprescindível para reconhecer os elementos característicos da inserção de novas atividades econômicas no rural em Carrancas.

Não se pretende afirmar aqui que os agricultores já sejam a minoria dentro do espaço rural pelo Brasil afora e muito menos em Carrancas, mas o fato é que essa tendência vem se espalhando, conforme o Projeto Rurbano tem enfatizado, e

¹² De uma forma geral, as pessoas oriundas da área rural de Carrancas têm atuado em algumas atividades turísticas, em especial como guias especializados.

se constituindo como um elemento fundamental para compreensão das características que marcam o rural no Brasil. Servem, portanto, como importante referência para a compreensão de Carrancas. Além disso, como descrito anteriormente, temos também em Carrancas aqueles agricultores que trazem trabalhadores urbanos para as suas unidades produtivas com objetivo de desenvolver atividades novas, como o turismo. A contrapartida disso é que, naquela localidade, os trabalhadores de origem rural começam, também, a buscar espaço em ocupações localizadas nas áreas urbanas, retornando para suas casas somente durante a noite. Tudo isso enseja um debate mais complexo que extrapola a conceituação da chegada de novas atividades, mas que considera também a construção de novas identidades, as quais reforçam aquilo que já foi estabelecido no passado pelas populações rurais ou ainda possibilitam um repensar de suas práticas cotidianas, admitindo a possibilidade de aceitar novos elementos.

Com base nessas transformações, decorre, por conseguinte, o surgimento de uma nova realidade. A percepção de Graziano da Silva e Del Grossi, portanto, considera a existência de um processo de urbanização do rural, em que se podem perceber modificações que passam não só pelas novas moradias, como pelo estabelecimento de atividades diferentes daquelas típicas do rural, demonstrando uma crescente participação do setor de serviços, em especial a atividade turística. A isso tudo, pode-se acrescentar ainda o surgimento de “novos personagens” na composição social no meio rural, que buscam nessas áreas um local privilegiado para a fuga da vida citadina.

“Tal valorização também ocorre com as atividades rurais não-agrícolas derivadas da crescente urbanização do meio rural (moradia, turismo, lazer e prestação de serviços) e com as atividades decorrentes da preservação do meio ambiente, além de um outro conjunto de busca de ‘nichos de mercado’ muito específicos para sua inserção econômica. (...) um espaço rural penetrado pelo mundo urbano com velhos e novos personagens, como os neorurais (profissionais liberais e outros ex-habitantes da cidade que passaram a residir no campo) ao lado dos assentados (ex-sem terra) e daqueles que temos denominados sem-sem (sem terra e sem emprego e quase sempre também sem casa, sem saúde, sem educação, e principalmente sem organização, coisa que os sem-terra indiscutivelmente já conseguiram).” (GRAZIANO DA SILVA; DEL GROSSI, 1999, 1-2).

3.2 – A discussão da nova ruralidade

Emerge um outro debate sobre algumas implicações que a aproximação entre rural e urbano podem gerar. Mais do que uma simples reclassificação onomástica de “rurbano”, o tema sugere uma outra reflexão, que parece mais profunda: o surgimento de uma nova ruralidade, o que leva a considerar alguns aspectos importantes, seja para a compreensão da realidade brasileira em um nível macro, seja para uma micro-interpretação do rural em Carrancas. A problematização proposta por CARNEIRO (1997) considera que existe algo muito mais amplo do que uma simples “invasão” do rural pelo urbano. Sugere uma complexidade muito maior, cuja marca fundamental está alicerçada na constatação da construção de novas identidades, como fruto desse novo rural discutido anteriormente. Estabelece-se também um novo referencial interpretativo, capaz de fornecer elementos teóricos para uma análise mais coerente dos significados diferenciados que o rural nos fornece. Nesse sentido, o debate de alguns autores sobre a construção dessa “nova ruralidade” tem se mostrado bastante útil quando se discute a formação de um novo rural, a qual não pode ser um simples resultante do transbordo das características do urbano através do processo de urbanização do rural.

“...não podemos entender a ruralidade hoje somente a partir da penetração do mundo urbano-industrial no que era definido tradicionalmente como ‘rural’, mas também do consumo pela sociedade urbano-industrial, de bens simbólicos e matérias (a natureza como valor e os produtos ‘naturais’, por exemplo) e de práticas culturais que são reconhecidos como sendo próprios do chamado mundo rural.” (CARNEIRO, 1997:158).

Ademais, quando se parte para a interpretação da construção de novas identidades para o rural no Brasil, podemos perceber que as abordagens de CARNEIRO (1997) e WANDERLEY (1997) levam em consideração que não se pode considerar somente a questão relativa às transformações econômicas, o que poderia resultar na minimização da importância das modificações sócio-culturais. Assim, esse referencial possibilita a compreensão da importância de características que trazem à tona a dimensão sócio-cultural, reconhecendo que a “nova ruralidade” significa mais do que a incorporação de novos elementos produtivos ou a substituição das atividades agrícolas pelas não-agrícolas nas áreas rurais. Mais do que isso, essa construção teórica permitiu inclusive enxergar a pluriatividade e a diversificação das unidades produtivas não como fim, mas, ao contrário, como meio,

ou ainda como parte integrante de um processo de mão-dupla que, além de ser produto, também contribui para essas transformações. Ou seja, a pluriatividade e o processo de diversificação das propriedades rurais produtivas não podem ser compreendidos tão somente como resultante do processo de transformação do rural no Brasil ou como o único fator gerador para as mudanças aqui discutidas. Na verdade, o que se mostrou mais coerente nesse processo é a percepção de uma realidade em que os elementos constitutivos da dimensão sócio-cultural – as formas de organização, cooperação e associativismo, o papel da mulher nas unidades produtivas, os traços culturais, entre outros elementos – combinam-se com a dimensão econômica – incorporação de novas atividades não-agrícolas, a pluriatividade e a diversificação da produção – em um processo de mão-dupla em que os fatores contribuem mutuamente para as transformações da realidade do rural no Brasil.

“...as transformações na comunidade rural provocadas pela intensificação das trocas com o mundo urbano (pessoais, simbólicas, materiais...) não resultam, necessariamente, na descaracterização de seu sistema social e cultural como adeptos da abordagem adaptacionista interpretavam. Mudanças de hábitos, costumes, e mesmo de percepção de mundo, ocorrem de maneira irregular, com graus e conteúdos diversificados, segundo os interesses e a posição social dos atores, isso não implica uma ruptura decisiva no tempo nem no conjunto do sistema social. (...) as transformações no espaço agrário, estimuladas pela expansão da exploração do turismo, não abalaram a identidade aldeã. As novas experiências engendradas contribuíram para criar uma diversidade social e cultural que é também condição de existência da sociedade na medida em que alimenta as trocas ao enriquecer os bens (culturais e simbólicos) e ampliar a rede de relações sociais. A heterogeneidade social ainda que produza uma situação de tensão, não provoca necessariamente a descaracterização da cultura local. Quando aceita pela comunidade, a diversidade assegura a identidade do grupo que experimenta uma consciência de si na relação de alteridade com os “de fora”. (CARNEIRO, 1997:155-156).

Nesse debate, a agricultura familiar, por exemplo, surge não como um entrave ao desenvolvimento e à seqüência de transformações do rural, mas, ao contrário, conforme aponta CARNEIRO (1997), pode estar compatibilizada com o paradigma da modernização, integrando-se com a sociedade industrial, assumindo alguns novos elementos que se fixam na realidade rural, e reconstruindo ou abandonando outros. É inclusive um ponto de referência para o estabelecimento de novas atividades econômicas, principalmente quando o tema em debate é o turismo em áreas rurais, cuja essência está fundamentada na aproximação com as atividades agrícolas. Na prática, a agricultura familiar pode – e deve – ser um campo privilegiado para a incorporação de novas atividades, em especial o turismo, uma

vez que pode representar também a real possibilidade de se pode agregar valor a produção agrícola. Assim, a agricultura familiar é reconhecida como depende do turismo, como forma de revalorização de sua produtividade, ao passo que o turismo depende da agricultura familiar como forma de manutenção do *ethos* rural, fundamental para essa atividade.

“Rompendo com o paradigma que igualiza a cultura camponesa ao ‘tradicional’, ‘passivo’ e ‘oposto’ à mudança, Pongratz propõe pensar a integração da ‘farming culture’ à sociedade industrial moderna sem que isso resulte num processo simples de aculturação. Em suma, a manutenção de tradições culturais (as quais designa de camponeses) não seria incompatível com a modernização da sociedade que de ser encarada simplesmente como uma nova fase, como novos objetivos, que pode incluir o que anteriormente era tido como ‘tradicional’ e ‘atrasado’”. (CARNEIRO, 1997: 150).

Não obstante, se constantemente a literatura aponta que a transformação do rural se faz pela invasão urbana no espaço rural¹³, na verdade, com base em CARNEIRO, podemos perceber que há uma integração entre os dois universos ditos diferenciados, o que não quer dizer que ambos estejam passando por um simples processo de homogeneização. Por isso, CARNEIRO propõe uma reorientação do foco interpretativo, reconhecendo que a dicotomia e a diferenciação entre rural e urbano se tornariam inclusive uma questão sociológica inútil e estéril, dada a integração entre os dois espaços, ainda que possam manter suas diferenciações simbólicas e de identidade. Mais do que isso, a tarefa de diferenciar urbano e rural através de elementos específicos se torna pouco relevante, uma vez que emergem outras necessidades na identificação da ruralidade, como por exemplo, a compreensão das relações sócio-culturais combinadas com a interação rural/urbano. Essas novas relações provocam reorientações não só no rural como também no urbano, além dos impactos que essa aproximação poderia gerar para as populações rurais, considerando não só os benefícios como também os problemas que possam ser gerados.

“Nesse processo de integração plural da aldeia à economia e à sociedade global está presente tanto a possibilidade do núcleo rural sucumbir às pressões e interesses externos, mais potentes, como a possibilidade de se consolidar a identidade local, o que contribui também para perfazer a identidade urbana dentro ou fora da mesma localidade. Não se trata, portanto de um processo inexorável de descaracterização dos núcleos rurais mas da sua reestruturação a partir da incorporação de novos componentes econômicos, culturais e sociais. (...) É na possibilidade de se estabelecer relações de alteridade com os ‘de fora’ que reside a capacidade do grupo de definir a sua identidade sustentada no pertencimento a uma localidade.” (CARNEIRO, 1997:156-157).

¹³ Inclusive como se pode perceber no debate estabelecido pelo Projeto Rurbano.

WANDERLEY (2000) afirma que mesmo que ocorra a homogeneidade entre os espaços rurais e urbanos, pode-se ainda estabelecer diferenças importantes entre esses espaços, as quais podem marcar claramente as identidades sociais que foram construídas, pois existem vários fatores que podem se constituir como diferenciadores. Ao contrário, ela acredita que pode haver uma redefinição das diferenças sem que se anule o que se constituiu como característica entre rural e urbano, o que rejeita qualquer tipo de interpretação baseada na idéia de *continuum* rural-urbano. Assim, o trecho abaixo é esclarecedor.

“O processo de ‘modernização rural’, como foi visto, é extremamente complexo e não pode ser entendido simplesmente como o ‘fim da agricultura’ ou o ‘fim do rural’. A modernização da sociedade nos espaços locais/rurais tem como fundamento a crescente ‘paridade social’, isto é, a similitude entre as condições de vida das populações que vivem nas cidades e no meio rural e a também crescente disponibilidade, no meio rural, daquilo que ainda é definido como padrão de ‘conforto urbano’. O meio rural espelha hoje o perfil social de cada uma das sociedades modernas avançadas, nele predominando, conforme o caso, a classe média, os operários, ou ainda certas categorias especiais, tais como os aposentados. Se as relações com a vida urbana não permitem que se fale mais em situações de isolamento e oposição, parece evidente que a residência no meio rural expressa cada vez mais uma escolha que não é outra senão, como afirma Mendras, uma escolha por um certo modo de vida.” (WANDERLEY, 2000: 134).

Não podemos entender a construção de uma nova ruralidade pela simples oposição em relação ao urbano, pelo fim do rural que seria superado pelo urbano em um *continuum*, ou ainda pelo isolamento do rural, o que seria insuficiente para a interpretação aqui proposta, como já foi afirmado anteriormente. O que se propõe é uma percepção a partir da integração entre as duas realidades, a rural e a urbana, em que ambas modificam e reconstroem suas representações, constituindo-se uma nova realidade social, econômica e cultural, que propicia inclusive o seu reforço e valorização, e permite aos seus atores a construção de identidades e significados que vão se modificando ao longo da história. Dessa forma, o trecho se mostra útil na medida em que aponta uma reflexão acerca da ressignificação do rural e urbano, superando as teorias ultrapassadas e sinalizando para um novo referencial. Além disso, com base neste pensamento de CARNEIRO, abrem-se as possibilidades para interpretação do turismo como um elemento integrador entre rural e urbano, sem que isso represente a derrocada do rural como área de identidades e significados próprios.

“Em contraposição tanto à visão dicotômica quanto à do continuum, alguns autores sustentam a necessidade de proceder análises mais específicas do rural, centradas nas relações sociais que se desenvolvem a partir de processos de integração das aldeias à economia global. Nesta visão, esse processo ao invés de diluir as

diferenças pode propiciar o reforço das identidades apoiadas no pertencimento a uma localidade. Essa âncora territorial seria a base sobre a qual a cultura realizaria a interação entre o rural e o urbano de um modo específico, ou seja, mantendo uma lógica própria que lhe garantiria a manutenção de uma identidade.” (CARNEIRO, 1997, 155).

Todo esse movimento não pode ser interpretado como uma espécie de sufocamento do rural pelo urbano, em que os traços culturais locais estivessem se perdendo progressivamente no meio rural. CARNEIRO considera a possibilidade de que esses acontecimentos contribuam na manutenção dos traços culturais locais a partir de uma reestruturação.

“Esse conjunto de reflexões os leva a pensar a ruralidade como um processo dinâmico de constante reestruturação dos elementos da cultura local a partir da incorporação de novos valores hábitos e técnicas. Tal processo implica em dupla direção no qual identificamos, de um lado, a reapropriação de elementos da cultura local a partir de uma releitura possibilitada pela emergência de novos códigos e, no sentido inverso, a apropriação pela cultura urbana de bens culturais e naturais do mundo rural, produzindo uma situação que não se traduz necessariamente pela destruição da cultura local mas que, ao contrário, pode vir a contribuir para alimentar a sociabilidade e reforçar os vínculos com a localidade.” (CARNEIRO, 1997: 161-162)

Além disso, outro referencial que se mostrou importante na interpretação das condições e estratégias de atuação econômica, foi a construção de CARNEIRO (1997) acerca da realidade do rural em Nova Friburgo, na região serrana do estado do Rio de Janeiro. A opção da autora na construção de uma tipologia sobre os produtores rurais nos permite realizar uma interpretação da realidade a partir de um modelo, que possibilita compreender os elementos que se diferenciam desse “tipo ideal”¹⁴. Nesse sentido, o trecho abaixo é esclarecedor.

“A grosso modo é possível reconhecer três tipos de agricultores na região. O agricultor tradicional encontra no baixo índice de mecanização associado à baixa qualidade dos solos, à áreas reduzidas, à topografia acidentada e à ausência de créditos, motivos suficientes para o desestímulo. Mantendo uma produção em escala bastante reduzida, tem sua reprodução social constantemente ameaçada pela falta de competitividade de seus produtos, mesmo no mercado regional mais próximo (...) orientando-os para o consumo doméstico e para o mercado local. Parte desses agricultores está abandonando a atividade agrícola, o que tem sido estimulado pela expansão do turismo na região. Sem condições para aumentar a produção, vendem seus pequenos lotes para se tornarem jardineiro ou caseiro. Outros complementam a renda agrícola com a prestação de pequenos serviços à população de turistas. (...) Dadas as suas condições de produção, suas propriedades não são vistas como um capital produtivo de onde poderia se tirar um rendimento financeiro, mas como uma reserva de capital que será utilizada assim que chegar a hora e se encontrar um comprador, o que dependerá, nas condições atuais, não mais da qualidade da terra para a produção agrícola mas do que é valorizado pelos turistas: facilidade de acesso por carro, proximidade do centro da aldeia e natureza exuberante. Para os que tem algum capital, a construção de casas de aluguel tornou-se uma alternativa significativa. (...) A categoria dos pluriativos, como em todo lugar, é ambígua e

¹⁴ Conforme orientação weberiana.

heterogênea em sua origem e formação. Aqui ela inclui aqueles que, por ausência de meios ou de vontade, não adotaram o modelo de agricultura modernizada, optando por manter uma agricultura articulada a outras atividades que lhes possibilitam uma renda superior à renda agrícola. O que distingue essa categoria dos agricultores tradicionais é muito mais uma visão empreendedora voltada para a exploração de recursos e das novas oportunidades locais cuja renda pode ou não reverter para um instrumento futuro na agricultura. Alguns desses produtores podem abandonar a atividade agrícola conforme o sucesso de sua atividade extra-agrícola que está normalmente relacionada ao turismo, tais como: pequenas pousadas ou restaurantes, prestação de serviços para os novos proprietários rurais de origem urbana, pequeno comércio... (...) a exploração do turismo praticada pelos agricultores reproduz a mesma lógica familiar que organiza a produção agrícola. A pousada é construída como o próprio capital familiar recorrendo aos saberes polivalentes dos membros da família. A manutenção e o atendimento aos turistas também fica a cargo da mão-de-obra disponível à família sendo controlada e regulada pelo parentesco. A produção do lucro é dependente das potencialidades familiares não sendo necessariamente o objetivo principal do empreendimento que, ao menos nessa fase inicial em que se encontra a exploração turística local, está mais orientado para a constituição de uma atividade econômica alternativa à agricultura que responda às necessidades de reprodução dos membros da família (...) O contingente de agricultor modernizado ou em vias de modernizar-se é em número bem menor nessas localidades. Os poucos produtores nessa categoria se sustentam, como os demais, na mão de obra familiar auxiliada por alguns poucos trabalhadores sob o sistema de parceria. (...) Esses produtores se destacam dos demais sobretudo pela íntima relação com o mercado regional – o que pode ser observado no volume e na qualidade da produção – pela mecanização e pela utilização de técnicas aprimoradas.” (CARNEIRO: 1997, 174-179).

A construção teórica proposta por CARNEIRO aponta para a necessidade de uma classificação que considere não só as opções manifestadas pelos produtores rurais, mas principalmente as condições em que eles se encontram, como o índice de mecanização, a relação com os mercados consumidores e a valorização de seus produtos. Essa tipologia não deve ser vista como um modelo irretocável da realidade, capaz de encerrar todas as possíveis compreensões acerca do fenômeno estudado. Mas, constitui-se, portanto, uma importante ferramenta conceitual para que se possa compreender as nuances da realidade do rural, como um meio e não um fim. Tudo isso deve levar em conta a emergência de um cenário onde o turismo aparece como importante objeto de estudo, como um possível vetor das transformações do meio rural. Por conseguinte, a tipologia deve auxiliar na compreensão das diferenças entre os tipos de proprietários existentes em Carrancas.

3.3 – Atividades não-agrícolas, pluriatividade e a multifuncionalidade

Independente da interpretação da nova realidade do rural no Brasil, idéia de “novo rural” ou de “nova ruralidade”, o fato é que um fenômeno importante vem marcando o rural brasileiro e se constituindo uma importante fonte complementar de renda para os produtores rurais: a diversificação das unidades produtivas com a incorporação de novas atividades agrícolas como a fruticultura, por exemplo, ou ainda a introdução de elementos que se diferenciam do modelo tradicional, como a atividade turística. Assim, esse fenômeno pode ser compreendido por essa combinação, que mescla as tradicionais atividades agrícolas com práticas novas, e ainda com as atividades não-agrícolas. GRAZIANO DA SILVA explica esse fenômeno como resultante da urbanização do rural, e uma de suas principais características é o aparecimento de novas atividades, anteriormente alheias às áreas rurais, mas que atualmente se constituem como pertencentes à nova realidade rural no Brasil.

No mesmo sentido, quando se parte para uma discussão acerca da construção de uma “nova ruralidade”, pode-se considerar também a importância da introdução de novas atividades, pois como aponta CARNEIRO (1997: 151-152) “...o espaço rural não se define mais exclusivamente pela atividade agrícola...”, e essa emergência de novas atividades no meio rural, de alguma maneira, contribui para redefinir a identidade rural. Isso traz à tona a necessidade da busca pela interpretação das mudanças e transformações culturais. CARNEIRO (1997: 152) ainda reconhece que “...é significativa a redução de pessoas ocupadas na agricultura, dado que se associa ao aumento de pessoas residentes no campo exercendo atividades não-agrícolas...”, de todos os tipos, o que traz novas características ao espaço rural, transformando as suas características. Ela aponta também que o fenômeno da pluriatividade “...ainda que antigo, assume novas dimensões no campo brasileiro...”, o que pode ocorrer a partir de uma mudança da organização das unidades produtivas.

Por conseguinte, a importância do debate sobre a pluriatividade reside também no reconhecimento de que o rural deve ser compreendido muito além da substituição de atividades agrícolas pelas atividades não-agrícolas. De acordo com GRAZIANO DA SILVA, esses produtores estão aproveitando o “tempo livre” como estratégia de melhoria de suas condições econômicas.

“No mundo rural dos países desenvolvidos esse novo paradigma “pós industrial” tem um ator social já consolidado: o part-time farmer que podemos traduzir por agricultores em tempo parcial. A sua característica fundamental é que ele não é mais somente um agricultor ou um pecuarista: ele combina atividades agropecuárias com outras atividades não-agrícolas, dentro ou fora de seu estabelecimento, tanto nos ramos tradicionais urbano-industriais, como nas novas atividades que vem se desenvolvendo no meio rural, como lazer, turismo, conservação da natureza, moradia e prestação de serviços pessoais. Em resumo, o part-time não é mais um fazendeiro especializado, mas um trabalhador autônomo que combina diversas formas de ocupação (assalariadas ou não). Essa é a sua característica nova: uma pluriatividade que combina atividades agrícolas e não-agrícolas (...) o part-time é o elemento fundamental da nova base social da agricultura moderna. Eles atribuem essa possibilidade de combinar atividades agrícolas com atividades não-agrícolas fora do estabelecimento familiar a um processo de “desdiferenciação” ou “desespecialização” da divisão social do trabalho que tem na sua origem a modificação do próprio processo de trabalho, tanto na agricultura moderna como na indústria de base fordista. Vários fatores vêm contribuindo para impulsionar essa nova tendência no mundo rural dos países desenvolvidos, entre os quais deve-se destacar a crescente semelhança das formas de organização e contratação de trabalho na indústria com aquelas secularmente existentes na agricultura (flexibilidade de tarefas e da jornada, contratação por tarefa e/ou por tempos determinados, etc.), a volta da indústria para os campos, a melhoria nos sistemas de comunicação e transporte e o aparecimento de novas formas de trabalho a domicílio.” (GRAZIANO DA SILVA, 1997: 47-48).

Por outro lado, de acordo com SCHNEIDER (2003: 74), não se pode confundir os conceitos de pluriatividade com *part-time farming*, como se fossem uma mera confusão semântica; pois, na verdade, os termos se referem a situações que, na prática, são fenômenos bem diferentes. Com relação ao primeiro termo, o *part-time farming*, para sua compreensão, deve-se buscar uma contraposição com a utilização do tempo integral pelo produtor rural em suas atividades agrícolas. Já no segundo caso, a oposição relaciona-se com a noção de utilização de apenas uma atividade pelo produtor na unidade produtiva.

CALLADO e CHALEGRE (2003), ao discutirem a pluriatividade, procuram demonstrar a importância do entendimento da superação da monoatividade como elemento exclusivo para o meio rural. Nesse sentido, a principal contribuição desses autores refere-se ao reconhecimento de que a pluriatividade deve ser encarada como referencial antigo, mas constitutivo da realidade do rural. Assim, no debate da emergência de atividades não-agrícolas, mais importante do que uma pretensa novidade nas unidades produtivas é o reconhecimento da importância da diversificação como estratégia de melhoria das condições econômicas.

“...a pluriatividade sempre existiu. No limite não existe monoatividade em parte alguma e em nenhum setor. O que há de novo, entretanto, na discussão sobre pluriatividade é que se contesta a utopia de que o meio rural deve ser ocupado quase que exclusivamente por um tipo de agricultor: aquele capaz de retirar inteiramente de sua unidade produtiva seus meios de reprodução e desenvolvimento.” (CALLADO; CHALEGRE: 2003, 4).

ALENTEJANO (1997) considera que a pluriatividade consiste num processo de diversificação da organização das unidades produtivas, cuja ampliação das possibilidades de busca por estratégias complementares de produção se torna elemento fundamental. No entanto, embora a pluriatividade seja uma estratégia interessante para a melhoria das condições econômicas das propriedades rurais, não representa somente uma alternativa para os produtores em crise. FULLER (1990) considera que esse tipo de estratégia também é exercida por proprietários rurais com condições econômicas mais favoráveis.

Tomando como base o pensamento de MARSDEN (1994), pode-se crer na possibilidade da pluriatividade se generalizar, especialmente se consideramos os locais em que outras atividades economicamente mais atraentes vêm se consolidando, como o caso do turismo, por exemplo. Nesse sentido, a pluriatividade, além de ser uma estratégia de melhoria das condições econômicas, consolida-se também como uma forma de revalorização das áreas rurais viabilizando a exploração econômica do modo de vida rural, que será consumido pelos turistas.

“Estas novas formas de organização da produção (combinação de atividades agrícolas e não-agrícolas por parte dos membros das famílias) e das relações sociais de trabalho no meio rural podem ser um fator vital para a ampliação das oportunidades de permanência das famílias rurais, permitindo assim, uma retração do êxodo rural, mas também a criação de novas características da “ruralidade”. (SOUZA, 2003: 1).

Portanto, mais do que as transformações que ela pode representar para o rural, significa a manutenção das famílias nas áreas rurais, inclusive permanecendo com a produção agrícola, pois as famílias rurais, apesar de incorporarem outras atividades não-agrícolas, estão longe de romper de vez com a produção agrícola.

“A pluriatividade, por um lado, pode ajudar a diminuir as diferenças nas condições de vida entre aqueles que vivem no campo e nas cidades, especialmente daquelas pequenas explorações agrícolas. Em termos gerais, ela pode ser compatível com os objetivos de manter família na terra, elevar e estabilizar suas rendas, assim como salvaguardar a paisagem rural sem requerer elevados gastos em subsídios.” (LEAL; SOUZA, 2003: 1).

Para SCHNEIDER, “...o debate sobre a pluriatividade ainda é embrionário...”, e, foi a partir da década de 1990, que essa pluriatividade passou a ganhar mais interesse entre os pesquisadores. Isso ocorre especialmente a partir do debate acerca do “novo rural brasileiro”, sendo o “Projeto Rurbano” um protagonista nesse esforço inicial para que se pudesse compreender a emergência de novas atividades não-agrícolas em áreas rurais. SCHNEIDER ainda considera que, apesar das

controvérsias, o fenômeno da pluriatividade, assim como o interesse por sua compreensão, também é recente, conforme o trecho abaixo.

“...uma leitura mais atenta dos trabalhadores que utilizam essas noções indica que elas incorporam diferentes interpretações de um fenômeno social que passou a se generalizar ainda na década de 1970, correspondente à diversificação crescente das fontes de renda e da inserção profissional dos indivíduos pertencentes a uma mesma família de agricultores.” (SCHNEIDER, 2003: 74).

CHEQUER (2004) em dissertação recente sobre a emergência do turismo rural na região metropolitana de Belo Horizonte, ressaltou a importância do reconhecimento dos fatores endógenos e exógenos que justificam o aparecimento da pluriatividade.

“...para analisar a pluriatividade tem que se levar em conta tantos os fatores internos, que se referem à característica da exploração agrícola e da família (tamanho da exploração, disponibilidade de mão-de-obra e de capital, as qualificações, ciclo familiar, perspectivas de sucessão, etc.), assim como os fatores externos que constituem o meio em que as famílias se inserem (mercado de trabalho locais, políticas, economia local, organizações locais, etc.) que irão delinear de acordo com TEIXEIRA (1998) as oportunidades e as limitações do desenvolvimento da pluriatividade.” (CHEQUER, 2004: 21-22).

A partir desse referencial, buscar-se-á neste trabalho uma compreensão acerca da importância da pluriatividade no contexto da emergência do turismo. Ou seja, serão abordados aqueles proprietários rurais que, mesmo buscando novas alternativas econômicas, em especial o turismo, mantêm suas atividades agrícolas. Nesse debate, SCHNEIDER (2003: 9) afirma que a pluriatividade “...refere-se a um fenômeno que pressupõe a combinação de duas ou mais atividades, sendo uma delas a agricultura”, e encontra campo privilegiado pela fragilidade das condições do trabalho no rural brasileiro, podendo assim representar um certo refúgio para os agricultores familiares, em especial se considerarmos as baixas remunerações oferecidas pela exclusividade das atividades agrícolas. Assim, tendo como referência a visão da importância da pluriatividade para a realidade do rural brasileiro, inclusive como “refúgio” para os produtores rurais, a atividade turística aparece como importante atividade não-agrícola complementar, apresentando-se como alternativa significativa para as estratégias de aumento de renda e melhoria da qualidade de vida dos produtores rurais, como forma de superar as dificuldades que são encontradas na produção agrícola. Nesse sentido, MARTINS (2005) considera que o turismo aparece como uma importante estratégia para a melhoria das

condições econômicas dos produtores rurais que buscam a diversificação de suas unidades produtivas, sem que isso represente uma substituição de suas atividades.

“Deduz-se que a opção por esta prática turística implica em diversificação de atividades, e não a substituição ou eliminação das atividades primárias pelo turismo. Entre as alternativas de emprego e mão-de-obra rural, apresenta-se o turismo rural não como solucionador único e imediato dos problemas do campo, mas como uma atividade econômica que, se planejada, é capaz de gerar benefícios à comunidade rural.” (MARTINS, 2005: 19).

No entanto, além da pluriatividade como um referencial teórico importante para a compreensão das transformações do rural no Brasil, a noção de multifuncionalidade se mostra como um pressuposto relevante para esse contexto de mudanças. CARNEIRO (2003) discute esse tema e o aponta como elemento central para compreender a “nova ruralidade” com base na reconstrução do reconhecimento da importância da agricultura na manutenção das identidades locais.

“...a noção de multifuncionalidade permite reconhecer, nas localidades estudadas, a importância da agricultura na manutenção da identidade social de agricultor, mesmo em situações onde essa atividade não se traduz em retorno material significativo. Percebe-se que a agricultura familiar, além da já reconhecida importância na absorção de mão-de-obra no campo, destaca-se como referência social fundamental para situar o produtor e seus familiares. Identificar-se à categoria social de agricultor e, sobretudo, ser socialmente aceito como tal pelos demais é condição para ser reconhecido como membro de um grupo social, pertencer a uma localidade e, dessa posição, perceber a si próprio, os seus próximos e o mundo que o cerca.” (CARNEIRO, 2003: 94).

CARNEIRO (2003) considera que, apesar de todos os problemas da agricultura, assim como o generalizado sentimento pessimista quanto ao seu futuro, o agricultor mantém um importante sentimento de pertencimento ao rural e a participação em atividades agrícolas aparece como elemento fundamental desse processo. Logo, mesmo que a agricultura se mostre insuficiente para os produtores rurais, o simples rompimento com ela, deixando de exercer qualquer tipo de atividade agrícola, pode representar a perda dos principais laços e sentimentos de pertencimento com a localidade. Por conseguinte, a autora considera que existe uma certa ambigüidade na percepção que os produtores têm em relação a sua permanência no rural e nas atividades agrícolas.

“...Tal ambigüidade pode ser entendida como fruto da contradição entre as condições objetivas (da produção) e os aspectos subjetivos relacionados à inserção dos indivíduos na sociedade, pois, apesar de todas as queixas, é na agricultura que gostariam e esperam encontrar as condições para um futuro melhor.” (CARNEIRO, 2003: 96).

Seguindo a mesma linha de pensamento, MALUF (2003) demonstra que a multifuncionalidade deve ser compreendida dentro de alguns aspectos que compõem a realidade do rural e servem para interpretar os aspectos particulares do contexto das transformações do rural no Brasil. Essas expressões refletem as condições em que se encontra o rural no que tange a geração de emprego e renda, que é condição fundamental para a permanência das famílias nas áreas rurais. Soma-se a isso a preocupação com a segurança alimentar, seja no que concerne a disponibilidade de alimentos ou a garantia de sua qualidade. Além disso, elemento muito importante nesse contexto é o reconhecimento de que a agricultura continua sendo um fator decisivo para a construção das identidades locais.

“Assim, pode-se afirmar que a agricultura continua sendo o principal fator definidor da identidade social das famílias rurais brasileiras e é nesta condição que se dá a inserção social destas famílias e que se definem, em grande medida, seus padrões de sociabilidade. A relação entre agricultura e identidade social, num quadro de redução da importância econômica da produção mercantil de alimentos, exige a valorização de aspectos não comumente considerados pelos analistas, tais como os modos de vida, as relações com a natureza, as relações com parentes e vizinhos (sociabilidade) e a produção de alimentos para a própria família. É possível estabelecer, a propósito, uma conexão entre o enfoque da multifuncionalidade da agricultura e as interpretações que tomam a agricultura e o rural como um ‘modo de vida’, mais além da dimensão econômica da atividade agrícola.” (MALUF, 2003: 144-145).

Nesse sentido, não se pode confundir a pluriatividade como algo cuja negação da agricultura está intrinsecamente ligada, pois dessa forma esses proprietários rurais estariam negando a sua própria identidade social. A pluriatividade, por outro lado, deve ser compreendida como uma maneira de revalorizar a produção agrícola, ainda que se necessite de um outro tipo de atividade na unidade produtiva. Portanto, orienta-se pelo reconhecimento da importância de se diversificar, com a incorporação de novas atividades, inclusive não-agrícolas, mas, que contribua na reconstrução da relevância da produção agropecuária (MALUF, 2003). Não se trata, portanto, de uma proposição de rompimento com o modelo de produção agrícola, que seria superado por novas atividades não-agrícolas, mas ao contrário, uma combinação de atividades diferenciadas, que podem coexistir no espaço rural, sem que represente a perda da identidade das famílias rurais.

Finalmente, com base nesses referenciais, pretende-se interpretar a realidade da inserção do turismo em Carrancas em um contexto de emergência de um novo rural, que pode estar se alicerçando na decisão de diversificação das

unidades produtivas e no referencial da pluriatividade que contribui para o estabelecimento de formas alternativas e/ou complementares de geração de emprego e renda para a população rural. Porém, também constitui um cenário em que são construídas novas e antigas identidades, transformando não só a economia, como também as relações sociais. Para tanto, torna-se premente a construção de uma classificação que possa servir de subsídio para a compreensão da realidade da atividade turística em Carrancas, que é objeto do próximo capítulo, seja a partir do modelo de turismo que é desenvolvido, ou ainda a partir dos tipos de unidades produtivas que podem ser percebidas e que servem como referenciais interpretativos para a realidade em Carrancas. Nesse sentido, ao apresentar os resultados da pesquisa empírica no capítulo 5, esses pressupostos teóricos deverão nortear as inferências sobre o caso de Carrancas.

4 – EM BUSCA DA CONCEITUAÇÃO DO TURISMO EM CARRANCAS

O debate sobre a emergência de um novo rural no Brasil demonstra que, atualmente, as tradicionais atividades agrícolas não correspondem mais à exclusividade das formas de geração de emprego e renda. Assim, há uma constatação de que a atividade turística pode ser uma importante alternativa para o rural brasileiro, o que enseja, inicialmente, uma compreensão sobre o que é o turismo. Assim, segundo a Organização Mundial de Turismo (OMT), o turismo está relacionado com “*as atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e estadas em lugares distintos aos de sua residência habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano, com fins de lazer, de negócio e outros*” (OMT, 1995). Mas essa conceituação é insuficiente para compreender a atividade turística. No contexto rural, uma vez que existem elementos fundamentais e características específicas que relacionam o turismo e o rural,

“Entre as vantagens do turismo, como fonte geradora de empregos, destacam-se: alto grau de impacto através de toda a economia; facilidade de promoções e novos investimentos gerarem empregos; maior potencial de criação de empregos em relação a outros setores econômicos; diversidade qualitativa nos empregos gerados; geração de primeiros empregos, principalmente para os jovens; geração de empregos de meio expediente e sazonais, para pessoas com outras ocupações; geração de empregos em áreas com desemprego estrutural, como centros de cidade e áreas rurais; possibilidade de criar empregos em regiões determinadas, por meio de ações promocionais e pela dotação de infra-estrutura; predominância de empregos em micros, pequenos e médios empreendimentos; alta proporção de empregos relacionados aos setores exportadores.” (CARVALHO, 2001: 5).

Logo, para pensar essa relação, é necessário compreendê-la a partir da percepção da importância dos recursos naturais, bem como das relações sociais

específicas do contexto rural, onde se incluem também os elementos que compõem as atividades econômicas típicas, como a agricultura e a pecuária. Além disso, devem-se considerar também os impactos culturais sobre as comunidades rurais, que serão resultantes da visita dos turistas e que poderão gerar transformações importantes no seu modo de vida. Todavia, conforme a classificação específica, podemos observar alguns tipos de turismo como: turismo rural, turismo em espaço rural, agroturismo, ecoturismo, os quais, de maneiras diferenciadas, se apropriam do espaço rural, promovendo uma série de transformações na economia local, na sociedade e na cultura, direta ou indiretamente envolvida. Essa classificação perpassa por discussões acerca da utilização da propriedade ou, simplesmente, do espaço rural, além da procura pelas belezas naturais de uma determinada região. Entretanto, independente dos tipos específicos de turismo que orientam a sua classificação, podemos verificar que a atividade turística no contexto rural tem sempre como referência uma busca pelo *ethos* rural e uma apropriação do modo de vida rural, assunto que será discutido com maior riqueza de detalhes mais à frente.

Na busca pela compreensão detalhada do turismo neste trabalho, procurou-se ampliar a discussão sobre o turismo rural e, a partir disso, considerar um leque maior de possibilidades de características da atividade turística, muito além da classificação que tem como pressuposto o turismo rural como um tipo diferente do ecoturismo ou de outras modalidades. Assim, ainda que busquemos uma tipificação do turismo, iremos proceder a uma interpretação marcada por um certo hibridismo do fenômeno turístico¹⁵. Não obstante, mesmo que essa leitura da realidade tenha em si uma classificação híbrida, não se pode deixar de observar que nesses “tipos” temos marcado claramente o reconhecimento da questão da sustentabilidade como pilar fundamental do turismo praticado no entorno natural/rural.

Nesse sentido, o turismo sustentável está relacionado à prática de atividades que sejam ambientalmente responsáveis, atendendo não só às necessidades dos visitantes, mas às dos empreendedores locais e também de toda a comunidade local envolvida direta ou indiretamente. E isso só pode ocorrer dentro de um referencial de proteção e valorização dos recursos naturais utilizados e das tradições enraizadas na cultura local, combinados com a participação da sociedade envolvida

¹⁵ De posse da literatura específica e após a observação empírica do turismo em Carrancas, ficou evidenciado que existem vários fatores que se misturam na constituição do tipo de turismo que é desenvolvido. Assim, é importante o estabelecimento de um referencial menos restritivo e que possa ter capilaridade suficiente para explicar a realidade da atividade turística daquela localidade.

nos processos de decisão, bem como dos resultados apurados sob o ponto de vista econômico. Isso traz para o debate a importância de se considerar um tema que encontra abrigo na discussão da sustentabilidade do turismo, como o ecoturismo. Além disso, se pode levar em conta que o turismo sustentável também tem estreita relação com outras atividades turísticas relacionadas com a natureza, tais como o Turismo de Natureza, o Turismo Ecocientífico, o Turismo Ambiental, o Turismo de Aventura, o Turismo Rural, o Agroturismo, e o Turismo em Áreas Rurais (MACHADO: 2005, 28), que de maneira indireta serão abordados neste trabalho.

Em qualquer um desses tipos de turismo, podemos verificar uma relação muito próxima entre a questão das paisagens naturais com a apropriação do espaço rural, todavia se torna uma difícil tarefa separá-los conceitualmente sem prejuízo interpretativo. No entanto, antes de discutirmos o turismo rural propriamente dito, julga-se necessária uma interpretação da importância do aspecto natural como atrativo para o turismo, pois mais à frente veremos a sua interface com o turismo rural. Pode-se afirmar que o turismo de natureza, o ambiental ou o de aventura, apesar de utilizarem também o espaço natural como lócus de atuação, possuem características diferentes das do chamado ecoturismo. Principalmente em relação a alguns itens específicos, como a participação da comunidade local, sendo agente importante e decisivo dentro dos processos de planejamento e desenvolvimento da prática turística, bem como o referencial de impacto ambiental e cultural mínimo. Na verdade, o ecoturismo também utiliza o espaço natural, mas com a prerrogativa da participação da comunidade envolvida. Mais à frente, quando discutirmos o turismo rural propriamente dito e a sua mescla com os atrativos naturais e com a prática ecoturística, ficará mais claramente pontuada essa questão.

Por enquanto, torna-se imprescindível para este trabalho a tarefa de organizar uma conceituação da atividade turística, como forma de compreender com maior coerência as especificidades do turismo, marcando assim, os seus principais elementos que constituem as características de diferenciação de cada prática em específico. Essa classificação deverá, portanto, ser construída a partir dos principais debates teóricos sobre o turismo no Brasil, considerando o recorte de delimitação no enfoque rural, ou seja, a orientação epistemológica acerca da atividade turística deverá levar em conta essencialmente sua caracterização nas áreas rurais, em especial no que se refira à percepção dos proprietários rurais e à comunidade local. Devem-se considerar também os impactos que essa atividade possa gerar para os

produtores rurais, os principais entraves ao seu desenvolvimento, assim como os benefícios para o rural no Brasil, em especial em Carrancas.

4.1 – O turismo em áreas rurais

Na busca da conceituação para a atividade turística dentro do contexto rural, algumas classificações têm se constituído como referenciais importantes em face da sua capilaridade, tanto no meio acadêmico, quanto entre os principais envolvidos com a atividade turística, sejam os turismólogos sejam os operadores de turismo em geral. De acordo com o documento *Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil*, produzido pelo Ministério do Turismo (MINTUR), é necessário estabelecer uma compreensão específica do turismo em espaço rural, e assim classificando-o

“...como um recorte geográfico, onde o Turismo Rural está inserido. Isto é, as muitas práticas turísticas que ocorrem no espaço rural não são, necessariamente, Turismo Rural, e sim atividades de lazer, esportivas, ou ócio de cidadãos que ocorrem alheias ao meio em que estão inseridas. Isto é, considera-se Turismo no Espaço Rural ou em áreas rurais...” (MINTUR, 2003: 7).

Nesse mesmo documento, podemos perceber uma diferenciação para a classificação do Turismo Rural, em que está sempre presente a consideração da unidade produtiva como elemento central nesta interpretação. Já o turismo em áreas rurais, deve compreender práticas ocorridas no entorno rural, sem o necessário comprometimento com as unidades produtivas. Em tempo, podemos afirmar que o turismo rural deve ser entendido como o turismo do entorno rural, com um referencial que o considere como *“...una aplicación combinada de naturaleza, contacto humano y cultura...”* (TALAVERA, 2002: 21). Esse mesmo autor ainda aponta para a preocupação com os impactos gerados, afirmando que a atividade turística deve ter *“...pretensiones de beneficio mutuo turista-residente y bajo nivel de impactos...”* Com vistas a uma ampliação da definição, nos trechos abaixo, verificamos os parâmetros para conceituação de turismo rural que colocam a unidade produtiva como elemento fundamental.

“A conceituação de Turismo Rural fundamenta-se em aspectos que se referem ao turismo, ao território, à base econômica, aos recursos naturais e culturais e à sociedade. Com base nesses aspectos, e nas contribuições dos parceiros de todo o País, define-se Turismo Rural como: ‘o conjunto de atividades turísticas

desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade”. (MINTUR, 2003: 7).

“Turismo rural é um segmento do turismo desenvolvido em áreas rurais produtivas, relacionado com os alojamentos na sede da propriedade (adaptada) ou em edificações apropriadas (pousadas) nas quais o turista participa das diferentes atividades agropecuárias (...) Deve ser incluída nesta modalidade, a oferta de produtos naturais de origem.” (ZIMMERMANN, 1995: 2).

Nesse sentido, oferecer um acolhimento aos visitantes que chegam às áreas rurais tem sido considerado uma característica marcante do turismo rural, uma vez que esses turistas procuram um local diferente daquele com que estão acostumados em seu cotidiano, ou seja, o modo de vida urbano. Essa procura pelo rural representa uma fuga da vida complexa das cidades, dos problemas do trânsito e da violência. E assim, vários elementos contribuem atraindo esses visitantes: o modo de vida diferenciado, profundamente marcado pela simplicidade peculiar e pelo sossego que poderão desfrutar, ainda que por pouco tempo.

Podemos acreditar, conforme apontou CRISTÓVÃO (2002), e também no referencial de “novo rural”, proposto pelo “Projeto Rurbano”, que o rural vem passando por uma transformação que o tornou um “espaço multifuncional” e que, portanto, acaba por assumir uma nova identidade nas relações econômicas com o aparecimento de novas fontes de emprego e renda. Assim, o Turismo Rural aparece como elemento fundamental nesse processo de transformação que cria não somente um novo espaço físico, como também modifica suas relações sociais, sua economia e cultura. Logo, passa-se a compor um modelo atrativo para os urbanos, que enxergam nesse novo mundo rural um local adequado para o lazer e descanso, porque passam a encontrar algo diferente do seu cotidiano urbano, mas que oferece um mínimo de serviços de que não pretendem abrir mão. Isso implica uma valorização do rural a partir de todos os elementos que ele pode oferecer, tais como os produtos agrícolas, carregados de um *ethos* promotor da vida saudável, uma paisagem agradável e calma, bem como a sua fauna e flora. Soma-se ainda a cultura, que vem representada pelas tradições, pelo artesanato e pela gastronomia peculiar das áreas rurais (CRISTÓVÃO, 2002: 82).

“Além de produzir alimentos, o rural passa a ser visto como um espaço multifuncional de funções ambiental, econômica, social (FAO, 2000) e cultural. O conceito de multifuncionalidade contraria a idéia de que a agricultura tem apenas a função de produzir bens alimentares, mas atribui-se a ela um papel determinante na manutenção das populações locais, na preservação do ambiente e das paisagens, acolhimento das populações urbanas, entre outros.” (SILVA; ALMEIDA, 2002: 166).

O turismo em áreas rurais se vale dessa multifuncionalidade do rural e de sua revalorização, seja dos elementos da cultura, da organização social, ou mesmo das novas relações econômicas que vêm sendo estabelecidas, já que os produtores começam a descobrir novas formas de aporte de recursos a partir de suas unidades produtivas. Nesse contexto, tais unidades representam um novo sentido para o rural brasileiro, visto que deixam de ser exclusivamente locais para a produção agropecuária. O papel das unidades produtivas passa a ser repensado a partir da possibilidade real de sua exploração muito além do referencial agrícola, o que representa uma nova realidade que emerge para o rural brasileiro. A partir disso, GRAZIANO DA SILVA e CAMPANHOLA (2000) demonstram que não faz mais sentido compreender o rural somente como celeiro para as áreas urbanas, uma vez que a identificação direta e inequívoca de rural com o agrícola não representa mais uma verdade absoluta como se a agricultura e a pecuária fossem a única forma de exploração de atividades econômicas nessas áreas. Na verdade, algumas atividades tipicamente classificadas como urbanas passaram a ser desenvolvidas em áreas rurais, demonstrando inclusive relativo sucesso como forma de geração de emprego e renda complementar, o que vem transformando o rural no Brasil.

“...O turismo rural explora e ‘capitaliza’ o meio rural ou natural que, de outra forma não agrega valor econômico, só aquele diretamente relacionado à produção agrícola ou à pecuária; estimula a aquisição de produtos artesanais e daqueles relacionados com as atividades do meio rural (...) estimula o consumo nas áreas onde ocorre, desencadeando o tradicional efeito multiplicador da atividade turística. (...) promovendo a criação de mercado para os produtos tradicionais das propriedades agrícolas, que pode absorver o excesso de produção e outros produtos, cuja tendência é desaparecer...” (RUSCHMANN, 2000: 65).

CRISTÓVÃO argumenta que o turismo rural pode representar uma brutal transformação das condições objetivas do meio rural, conforme pode-se constatar no trecho abaixo.

“Para as áreas rurais onde estas iniciativas têm vindo a ganhar maior expressão, vários benefícios podem ser identificados. Destacamos os seguintes: Criação de emprego ligado ao aparelho institucional, particularmente emprego de técnicos nos múltiplos organismos privados de controle e certificação de produtos locais (...); Criação e/ou modernização de pequenas unidades de fabrico de produtos agro-alimentares, em particular de queijos, enchidos e fumados, e respectivos postos de trabalho (...); Dinamização ou consolidação de centro de formação e escolas profissionais, que desenvolvem a oferta de cursos nas áreas do turismo e hotelaria (animação, gestão, gastronomia, etc.) e valorização de produtos locais (produção, transformação, higiene e sanidade, marketing, comercialização, embalagem, etc.) (...); Procura crescente de algumas matérias primas, com a correspondente dinamização das agriculturas locais, freqüentemente debilitadas. (...); No que toca às diferentes modalidades de turismo rural ou ligado à natureza, são óbvios os impactos a

diferentes níveis, nomeadamente: na melhoria do patrimônio construído, tal como casas e outras construções agrícolas e rurais, que se encontravam degradadas e/ou abandonadas; na criação ou melhoria de infraestruturas coletivas, como arruamentos de aldeia, praias fluviais e outras zonas de lazer; na sinalização de caminhos e trilhos; na reconstrução, restauro e/ou manutenção de elementos do patrimônio histórico-arqueológico (...)” (CRISTÓVÃO, 2002: 104-106).

Entretanto, GRAZIANO DA SILVA e CAMPANHOLA procuram relativizar essa constatação, trazendo à tona a necessidade da participação dos atores locais no negócio do turismo. Para esses autores, é fundamental o envolvimento da comunidade local nos processos que envolvem a atividade turística, como forma de garantir a distribuição dos benefícios gerados por essa atividade.

“O turismo pode constituir um dos vetores do desenvolvimento local, desde que haja controle, por atores sociais locais, das atividades por ele desencadeadas, permitindo assim que as comunidades locais se apropriem dos benefícios gerados. O turismo no meio rural deve ser, antes de tudo, um turismo local, de território, gerido pelos residentes. (...) Através do turismo no meio rural, a comunidade pode compartilhar dos benefícios indiretos gerados como a melhoria da infra-estrutura e de serviços públicos – saneamento básico, hospitais, segurança, transporte –; aumento do número de indústrias e de estabelecimentos comerciais com demanda por produtos para consumo imediato, presentes, comidas típicas, souvenir; desenvolvimento da indústria de lazer; melhoria indireta do setor agrícola por meio de potencialização da demanda de produtos de qualidade típicos de cada região – mel, queijos, embutidos –; aumento de construções; recuperação do patrimônio histórico e cultural; recuperação de áreas degradadas e de florestas nativas.” (GRAZIANO DA SILVA; CAMPANHOLA, 2000: 151).

Por outro lado, como forma de contribuir com o debate, RUSCHMANN (2000) considera que o turismo em áreas rurais pode representar mais do que um complemento à produção agrícola, considerando que a incorporação da atividade turística nas unidades produtivas pode trazer benefícios consideráveis para esses proprietários.

“...o turismo rural vai além do seu estágio apenas complementar da atividade agrícola tradicional (...) Os proprietários rurais, que abriram suas estruturas produtivas para além da agricultura, alojando e entretendo os visitantes dos meios urbanos, possuem atualmente uma série de parceiros, dos transportadores aos agentes de viagem especializadas, às organizações agrícolas ou rurais e até as autoridades locais (...) o turismo rural estimula o consumo nas áreas onde ocorre, desencadeando o tradicional efeito multiplicador da atividade turística. (...) criação de mercado para os produtos tradicionais das propriedades agrícolas, que pode absorver o excesso de produção e outros produtos (...)” (RUSCHMANN, 2000: 64).

A partir dessa constatação, CRISTÓVÃO propõe uma reflexão acerca dessa relação direta, e nova, que se estabelece entre os rurais e urbanos¹⁶, dentro do espaço rural, e mais especificamente dentro das unidades produtivas, o que faz

¹⁶ De acordo com CRISTÓVÃO, a presença dos turistas de origem urbana no meio rural, provoca uma aproximação com os atores de origem rural.

parte de algumas das preocupações presentes nesta investigação. CRISTÓVÃO, seguindo o referencial apresentado por SILVA e ALMEIDA (2002), também reconhece uma certa mudança de orientação da representatividade do rural, que deixa de ser uma legitimidade de mera representação alimentar para uma mais ampla e complexa, baseada em uma identidade “...fundada na representação dos campos como locais de liberdade, beleza, segurança e saúde...” (CRISTÓVÃO: 2002, 85). Portanto, o rural deixa de ser para os urbanos aquele mero fornecedor de alimentos, para ser um “celeiro” de representações simbólicas, de tradições culturais que geram o interesse dos turistas, um refúgio ao stress citadino, constituindo-se, assim, *lócus* privilegiado para um recolhimento, ainda que fugaz, da realidade urbana. E é assim, com o rural como um objeto de consumo, que o turismo em áreas rurais ganha espaço e se torna uma prática recorrente e desejável por rurais e urbanos (com intensidade e motivações diferenciadas). Mais do que isso, o turismo em áreas rurais vem contribuindo para uma reorientação da relação com a agricultura, que deixa de ser a única, e/ou a mais importante atividade econômica do rural. Pode também gerar para os rurais uma certa independência da produção agrícola, ou até mesmo uma relação de dependência em relação aos urbanos. Dito de outra forma, se, por um lado, o turismo pode propiciar ao rural um alento para a sua crise de lucratividade, propiciada pela agricultura, por outro, pode também gerar a instabilidade da sazonalidade da atividade turística, a relação de dependência com os agentes promotores do turismo e, finalmente, a incapacidade de estabelecer os empreendimentos necessários para o desenvolvimento do turismo, ficando assim, dependentes dos grandes investidores que, na maioria das vezes, são externos ao meio rural.

Consoante ficou evidenciado nos parágrafos anteriores, o turismo aparece em um contexto de diversificação da economia do rural, como parte do novo referencial de multifuncionalidade. Essa aparição do turismo em áreas rurais vem se tornando inclusive uma ferramenta para a revitalização do rural no Brasil: há as novas relações que vêm se estabelecendo nessas áreas, com a diversificação das atividades econômicas e das trocas culturais que podem ser realizadas; há a possibilidade de uma transformação da infra-estrutura local como nas estradas de acesso, nos sistemas de comunicação e de saúde; e ainda há o potencial de surgimento de novas oportunidades de emprego. O que se pode observar em algumas áreas rurais, em especial no estado de São Paulo, conforme vêm

salientando os integrantes do Projeto Rurbano, é o aparecimento de uma ampla quantidade de ocupações nessas áreas, tais como a prestação de serviços, a terceirização da agropecuária e a produção artesanal. E entre essas “novas” ocupações, o turismo aparece como uma forma alternativa de renda atraente para os proprietários rurais: na exploração de atrativos naturais; pela atuação em frentes mais típicas da vida rural como passeios com carro de boi; serviço de hospedagem ou restaurantes, para aqueles produtores que possuem maior poder de investimento; ou mesmo pela atuação mais simples, com a venda de produtos artesanais que são produzidos nas unidades produtivas e que são carregados de “identidade rural”.

“O turismo é um elemento que emerge dessa situação ao mesmo tempo em que a complexifica. Fruto da reaproximação do espaço rural sob a perspectiva positiva de reduto da cultura simples e vida tranqüila, apresenta-se como uma entre as alternativas de formação de renda familiar. Seu surgimento possui raízes profundas que vão da prática usual de hospedar-se na casa de parentes durante as férias às decorrências da modernização na agricultura, que provocam o êxodo rural e a conseqüente massificação urbana.” (SILVA; ALMEIDA, 2002: 167).

Essa estratégia de diversificação e revitalização do rural faz parte de uma teia ainda mais ampla, cuja relevância consolida ainda mais a ampliação da importância do mundo rural, e a sua valorização. Assim, se antes o meio rural servia quase que exclusivamente para atender as necessidades alimentares da população em geral, hoje são vistas como um referencial considerável, também, para as demandas dos turistas. Não só em relação à questão alimentar, mas fundamentalmente no que concerne ao estabelecimento de uma paisagem privilegiada. Serve também na consolidação de um espaço social privilegiado e altamente desejado pelos visitantes citadinos que ali chegam sedentos por consumir este *modus vivendi*. Isso ocorre a partir da necessidade que esses visitantes demonstram em vivenciar experiências que não fazem parte do seu dia-a-dia, da vida urbana.

“...É a crença generalizada que a paisagem rural, a natureza com seu verdor e beleza ‘intocados’, a paz e o silêncio, a tranqüilidade, a vida bucólica e idílica longe do mundo artificial, a comida natural e saudável, o lazer e a socialização, compõem os ingredientes do imaginário rural. (...) os principais componentes do imaginário rural podem ser definidos como éticos, culturais, históricos, ambientais e recreacionais.” (VERBOLE, 2002: 122).

Quando VERBOLE se refere a um “imaginário rural”, ela trata de um amplo conceito em que se pretende abarcar uma série de elementos diferenciados, cujo

leque de possibilidades reconhece a composição a partir de várias características. De acordo com a autora, esse imaginário rural é composto por elementos étnicos e culturais uma vez que os urbanos demonstram interesse em incorporar, momentaneamente, essas tradições e características culturais que a vida rural pode propiciar-lhes. Outro elemento que gera uma grande atração aos turistas urbanos é o contato com a história, que segundo VERBOLE se constitui como um dos elementos desse imaginário. A mesma autora ainda alerta que essa idéia vem sendo fortemente influenciada pelo paradigma ambientalista, visto que atualmente se pode observar uma crescente valorização das paisagens naturais, emergindo assim, o interesse por sua preservação, em busca de uma vida saudável. Logo, cada vez mais as pessoas vêm buscando paisagens naturais como forma de refúgio da vida urbana, e isso se consolida como uma contribuição fundamental para o desenvolvimento da atividade turística em áreas rurais, visto que nos grandes centros urbanos, cada vez menos se pode observar esse tipo de atrativo, em face de uma crescente ocupação desordenada. Todos esses elementos constituem um “cardápio” fascinante para a fuga da vida citadina, cuja representação refere-se a uma pausa no cotidiano, como uma forma de encontrar uma fonte de “recarga” de energias para que se possa voltar revigorado para suas cidades de origem.

Não obstante, esse imaginário rural representa um certo paradoxo para a atividade turística em áreas rurais, pois há um conflito entre o desejo – a imaginação do turista acerca das áreas rurais – e a realidade que ele encontrará em nessas áreas. O imaginário rural desenvolvido pelo turista resulta na busca por uma paisagem autêntica e real, que representa, para ele, uma volta ao passado, o passeio por tradições que ele está ávido por conhecer, ou por costumes que ele não imaginava ainda existirem, ou mesmo já ouviu falar, mas nunca teve a oportunidade de conhecer *in loco*. Tudo isso, pois seu real interesse é a vivência com uma cultura diferente, como uma forma de negação de sua vida cotidiana¹⁷. No entanto, esses turistas podem ficar fortemente desapontados, pois o espaço pode não ser tão autêntico assim, e aquelas paisagens naturais e os aspectos culturais da vida rural podem não ser tão genuínos como ele esperava. Ao invés de carro de boi, as unidades produtivas podem mostrar para esse turista uma produção totalmente

¹⁷ Isso não quer dizer que os visitantes não queiram mais viver em suas cidades, pois o que pretendem é um descanso, em geral nos finais de semana ou feriados, somente com o intuito de desligar-se momentaneamente de seus problemas.

modificada, resultado de um processo de modernização das áreas rurais, refletindo um certo transbordamento da modernidade urbana industrial no rural. Outro problema se refere à alimentação, pois os turistas que esperam uma fartura de alimentos puros, colhidos ali mesmo, com aquele “gosto de roça”¹⁸, podem se deparar com a situação em que os agricultores precisam comprar produtos agrícolas para o seu próprio consumo no comércio local, pois não há espaço ou tempo para a sua produção dentro da unidade produtiva, altamente mecanizada e, às vezes, até terceirizada. Além disso, podemos ressaltar as próprias instalações de hospedagem da propriedade, já que a simplicidade faz parte do universo imaginário desses turistas.

“O sucesso do turismo em espaço rural está na garantia da sustentabilidade do empreendimento, no que se refere aos aspectos ambiental, econômico e social. Para se tornarem sustentáveis as trocas da sociedade com a natureza, devem ser satisfeitos princípios ecológicos: conservando o ambiente, tratando do lixo, evitando poluição e desmatamentos e queimadas predatórias e assentamentos irregulares etc. (...) A sustentabilidade do turismo rural e do eco-turismo se assenta no fato de que promovem a revitalização das zonas rurais desfavorecidas ou atingidas pela crise econômica gerada pelas perversas políticas agrícolas.” (MONTENEGRO, 2001: 63).

4.2 – A questão da infra-estrutura

A atividade turística em áreas rurais requer uma estrutura mínima para o seu desenvolvimento dentro e fora da propriedade rural. No interior da unidade produtiva rural, devemos classificar como infra-estrutura necessária de hospedagem as pousadas, os hotéis ou mesmo áreas de camping que possam garantir desde o mínimo necessário para pernoite, até luxuosas instalações para atender aos públicos mais exigentes. Os restaurantes também fazem parte dessa infra-estrutura, visto que a gastronomia local é um importante atrativo para esses visitantes que chegam às áreas rurais com o interesse de provar a típica “comida da roça”. Ainda considerando a estrutura necessária no interior das propriedades, podemos listar como importantes: as áreas de lazer, onde se inclui espaço para passeios, ou mesmo, áreas de pesca e pequenos parques para as crianças; cavalos, pôneis e carros de boi para o transporte pelas redondezas; entre outros.

¹⁸ Esse “gosto de roça” faz parte do imaginário rural, já que um dos elementos mais importantes da busca que lhes desperta na chegada no rural tem base alimentar, representado na busca do fogão à lenha.

Em relação aos equipamentos públicos, destacam-se as estradas de acesso com condições precárias de segurança para tráfego de veículos, bem como sinalização adequada. Além disso, outro importante elemento refere-se ao saneamento básico, com adequado sistema de abastecimento de água e coleta de esgoto e de lixo produzido, não excluindo uma estrutura mínima de atendimento médico e uma adequada segurança pública. Por fim, a preocupação com a infraestrutura pública deve considerar ainda o estabelecimento de um contingente necessário para manutenção da ordem pública, com o intuito de minimizar os prováveis problemas que ocorrerão na localidade em função do aumento de fluxo de pessoas oriundas de várias localidades.

Com base nessas necessidades, evidencia-se que a infra-estrutura inadequada dentro das unidades produtivas para atendimento das necessidades desse tipo de atividade pode representar um complicador para a exploração da atividade turística¹⁹. Para que se possam constituir mínimas condições para o desenvolvimento do turismo em áreas rurais, são necessários investimentos iniciais bem elevados, especialmente para estabelecimento de pousadas e restaurantes, além de outros tipos de equipamentos turísticos, que possam atender as demandas dos turistas, com vistas a satisfazer as suas necessidades. Isso acaba por dificultar a participação de pequenos produtores no negócio do turismo, devido à baixa lucratividade de sua produção agrícola, à falta de políticas públicas que possam gerar linhas de crédito para esse tipo de empreendimento, e até mesmo devido a um certo receio por parte dos proprietários rurais. Não obstante, o trecho abaixo demonstra a existência de possibilidades dos pequenos proprietários poderem também partir para a exploração da atividade turística, sem que isso represente investimentos incompatíveis com as suas condições econômicas.

“...E não são somente os grandes fazendeiros que descobriram o agroturismo como fonte complementar de renda para suas propriedades. No Espírito Santo, os pequenos produtores da tradicional (italiana-brasileira) Venda Nova do Imigrante (em uma região já explorada pelo ecoturismo e por esportes na natureza) - de forma associativa -, cujo belo cenário da serra capixaba encanta aos moradores e visitantes, estão dando seus passos no agroturismo e no lazer rural - através da venda de produtos agroindustriais caseiros, venda de plantas ornamentais e de hortaliças orgânicas, entre outras atividades, como novas pousadas. Dados indicam 400 empregos diretos criados com a nova atividade.” (GRAZIANO DA SILVA; VILARINHO; DALE, 2000: 49).

¹⁹ Além da infra-estrutura pública necessária, os proprietários rurais necessitam realizar algum tipo de investimento privado dentro da propriedade como a estrutura de hospedagem, bares, guias especializados, cavalos e carros de boi para passeio, entre outros.

E esse problema não se refere somente ao turismo que ocorre dentro das propriedades rurais com interface com as atividades agropecuárias, mas também em relação ao turismo em áreas rurais, com elementos menos restritivos, inclusive em relação ao ecoturismo. Nesse sentido, os pequenos produtores não têm se arriscado em empreendimentos desse tipo, preferindo manter-se na agricultura ou pecuária, ou mesmo vender as suas propriedades, fortalecendo a especulação imobiliária.

“O ecoturismo também representa uma oportunidade de negócio para os produtores agropecuários, mas por uma série de dificuldades de planejamento e gestão, e mesmo falta de tradição, os pequenos produtores não têm se aventurado a implementar empreendimentos dessa natureza. Preferem vender as propriedades com algum potencial de exploração ecoturística a empresários ou grupos econômicos oriundos do meio urbano, adquirindo propriedades em regiões mais distantes ou mudando para as cidades.” (GRAZIANO DA SILVA; CAMPANHOLA, 2000: 158).

A solução desse problema deve ser composta por um conjunto de itens que possam contribuir para o desenvolvimento econômico e social dos pequenos produtores rurais. Assim, conforme apontam GRAZIANO DA SILVA e CAMPANHOLA (2000), FROEHLICH (2000) entre outros autores, esses elementos devem ser constituídos pela abertura de linhas de crédito específicas, principalmente para os pequenos produtores, como forma de aumentar a sua capacidade de investimento, em especial para empreendimentos ligados ao turismo em áreas rurais. Além disso, fomentar o estabelecimento e consolidação de laços de solidariedade entre os produtores rurais, associações ou cooperativas de produção ou de crédito, se apresentam como condição importante a fim de seu fortalecimento e organização. Isso seria uma ajuda mútua em prol de ações compartilhadas para estabelecimento de estratégias para o melhor aproveitamento da atividade turística em sua propriedade ou nas proximidades. Esse fortalecimento dos laços de solidariedade deve estar em conjunto com abertura de linhas de crédito, para que eles possam conjuntamente se fortalecer. Com isso, esses produtores não só poderão melhorar a infra-estrutura de suas propriedades e do seu entorno, como também poderão evitar que elas sejam vendidas para investidores urbanos. Além disso, ainda estarão fortalecidos para competir com esses investidores, disputando em igualdade de condições a exploração da atividade turística na região, sem que sejam deixados de lado no processo de exploração da atividade turística em suas comunidades.

4.3 – O hibridismo da atividade turística em Carrancas

No debate acerca da busca pela classificação da atividade turística em Carrancas, se deve, em princípio considerar a dificuldade de conceituação de dois tipos de turismo que se constituem como importantes referenciais para o caso específico de Carrancas, a saber, o turismo rural e o ecoturismo. Isso ocorre, pois, de acordo com a literatura específica, os elementos que caracterizam esses dois tipos de turismo se mostram com uma certa aproximação e até mesmo alguma semelhança. Mais do que isso, se pode notar uma imprecisão na conceituação desses modelos, que aponta para uma dificuldade em separá-los e em estabelecer uma classificação de tipos diferentes de turismo, conforme o trecho seguinte demonstra.

“A política de turismo rural no nosso país é bastante inconsistente, uma vez que aqui também se pode facilmente sobrepor às modalidades de ecoturismo e de turismo rural, não havendo clareza e sua definição. (...) No que se refere ao ecoturismo, a confusão também é bastante grande. Dizer que o ecoturismo é aquele praticado nas unidades de conservação não isenta de dúvidas, uma vez que superpõem nessas áreas atividades urbanas, atividades rurais, propriedades particulares, áreas do Estado – terras devolutas ou desapropriadas –, só para citar alguns casos. Portanto, considerando as áreas de ocorrência, não há critérios precisos para diferenciar oficialmente o turismo rural do ecoturismo.” (RODRIGUES, 2000: 120,122).

Nesse sentido, na busca pela superação do problema da classificação do turismo rural, GRAZIANO DA SILVA e CAMPANHOLA trazem a proposta de classificação a partir de atividades que ocorrem dentro e fora das propriedades rurais. Demonstram uma opção por um conceito mais amplo acerca da atividade turística em áreas rurais, o qual engloba uma variedade de tipos de turismo, cuja essência fundamental não se encontra necessariamente como ponto central da questão do *ethos* rural. Ou seja, nesse caso, o principal elemento de atratividade do turismo pode não ser somente o modo de vida rural, mas também os atrativos naturais como as nascentes de rios, as cachoeiras e as trilhas. Além disso, no conceito de turismo em áreas rurais desses autores, verificamos elementos que podem também fazer parte das unidades produtivas, conforme a definição abaixo.

“O turismo no meio rural consiste em atividades de lazer realizadas no meio rural e abrange várias modalidades definidas com base em seus elementos de oferta: turismo rural, turismo ecológico ou ecoturismo, turismo de aventura, turismo cultural (...). Neste conceito, incluem-se os ‘spas’ rurais; os centros de convenções rurais; os locais de treinamento de executivos; os parques naturais para atividades esportivas; as caminhadas; as visitas a parentes e amigos; as visitas a museus, igrejas, monumentos e construções históricas; os festivais, rodeios e shows regionais; as visitas a paisagens cênicas e ambientes naturais; a gastronomia regional; os campings, as colônias de férias, os hotéis-fazenda; os fazenda-hotéis, os esportes de

natureza como canoagem, alpinismo, pesca, caça; chácaras de recreio e condomínios rurais de segunda moradia. O turismo em meio rural está relacionado a qualquer atividade de lazer e turismo que seja realizada em áreas rurais, envolvendo, além do agroturismo, outras atividades não relacionadas a propriedades agropecuárias produtivas, ou com a produção agropecuária.” (GRAZIANO DA SILVA; CAMPANHOLA, 2000: 147-148).

Essa classificação da atividade turística em áreas rurais, cuja realização não se fixa por uma ligação restritiva com atividades agropecuárias, oferece uma orientação importante e mais coerente para a interpretação da realidade do turismo em Carrancas, visto que, de acordo com a pesquisa empírica, verificou-se uma variedade maior de elementos que servem como atrativos aos turistas. No entanto, como forma de ampliar ainda mais a discussão sobre a classificação específica para o turismo, observamos um outro modelo que se diferencia, por um lado, dos passeios ecológicos, cavalgadas, visitas a locais específicos ou banhos de cachoeiras e, por outro, do modelo de vivência em uma fazenda baseado na simples visita com hospedagem. Nesse modelo, os turistas participam da produção da fazenda como força de trabalho, atuando nas atividades produtivas, e como aponta PORTUGUEZ (1999), deveria ser classificado como agroturismo, uma categoria diferenciada do turismo rural e turismo em espaço rural. Essa modalidade de turismo apresenta uma característica específica que é o envolvimento total e direto com as atividades agrícolas, não só como um cenário a ser apreciado pelo visitante, mas fundamentalmente como uma atividade a ser desenvolvida pelos turistas. No entanto, tendo como base as observações empíricas realizadas em Carrancas, podemos considerar essa classificação de PORTUGUEZ muito restrita e até inadequada para a realidade daquela localidade.

Por outro lado, devemos trabalhar na busca de uma definição que se apresente mais coerente com a realidade empírica, pois só assim o referencial teórico se constituirá como uma fonte de compreensão do objeto de estudo, podendo, portanto, fornecer subsídios para o alcance dos objetivos de pesquisa. Nesse sentido, a definição abaixo apresentada por GRAZIANO DA SILVA e CAMPANHOLA, se mostra mais coerente com a atividade turística em Carrancas, principalmente se considerarmos a possibilidade da existência de um processo de diversificação nas unidades produtivas, em especial com a incorporação da atividade turística.

“Atividades internas à propriedade, que geram ocupações complementares às atividades agrícolas, as quais continuam a fazer parte do cotidiano da propriedade,

em menor ou maior intensidade, devem ser entendidas como parte de um processo de agregação de serviços aos produtos agrícolas e bens não materiais existentes nas propriedades rurais (paisagem, ar puro, etc.), a partir do 'tempo livre' das famílias agrícolas, com eventuais contratações de mão-de-obra externa. São exemplos de atividades associadas ao agroturismo: a fazenda-hotel, o pesque-pague, a fazenda de caça, a pousada, o restaurante típico, as vendas diretas do produtor, o artesanato, a industrialização caseira e outras atividades de lazer associadas à recuperação de um estilo de vida dos moradores do campo.” (GRAZIANO DA SILVA; CAMPANHOLA, 2000: 148).

Com base nessas conceituações, pôde-se construir um referencial que considere o turismo em áreas rurais como uma definição mais ampla, que inclui, além do ecoturismo, o turismo rural ou agroturismo. Nesse último caso, temos somente as atividades que ocorrem dentro das propriedades rurais que mantêm atividades agropecuárias, ao passo que a primeira definição de turismo no meio rural (ou em áreas rurais) apresenta uma classificação mais ampla, que é mais adequada para a realidade específica de Carrancas. É mais coerente, pois leva em conta um elemento extremamente importante, é o ecoturismo. Na verdade, falar em turismo rural em Carrancas sem considerar a importância do turismo ecológico se constitui em uma interpretação míope da realidade, já que os seus atrativos naturais representam força de atração para a chegada dos turistas.

Essa relação de dependência mútua ocorre desde a formação do imaginário rural do turista acerca da realidade que deverá encontrar em Carrancas. Ele estabelece a procura por um local onde se possa encontrar um modo de vida simples e uma alimentação saudável como a “comida da roça”, mas também há em seu projeto a busca por ambientes com belas paisagens naturais. Nesse sentido, com o intuito de estabelecer o referencial interpretativo mais adequado para compreender a atividade turística em Carrancas, o debate de RODRIGUES (2000) demonstra uma percepção diferenciada da classificação vigente no pensamento sobre o turismo, e oferece uma conceituação mais próxima daquilo que pode verificar a partir da pesquisa empírica naquela localidade. Essa autora discute o problema da classificação de características específicas do turismo rural e ecoturismo, refletindo sobre suas peculiaridades em cada um dos tipos. Em sua exposição, RODRIGUES afirma que se, por um lado, as atividades econômicas desenvolvidas, notadamente a produção agrícola, se constituem em um fator preponderante de classificação do turismo rural, por outro a questão da exuberância dos aspectos naturais – como cachoeiras, corredeiras e trilhas, por exemplo –

estaria mais adequadamente pontuada no contexto do *ethos* ambiental, classificada assim como turismo ecológico. Dessa forma, a citação abaixo é esclarecedora.

“O turismo rural estaria correlacionado a atividades agrárias passadas e presentes que conferem à paisagem sua fisionomia nitidamente rural, diferenciando-se das áreas cuja marca persistente é o seu grau de naturalidade, relativo a ecossistemas ricos em biodiversidade.” (RODRIGUES, 2000: 54).

Além disso, se pode afirmar também que as escolhas dos turistas por este tipo de atividade turística correspondem ao atendimento de uma série de demandas específicas que faz com que as pessoas deixem as áreas urbanas em busca de locais diferenciados, possuidores de uma enorme exuberância natural e o *ethos* rural. Logo, os aspectos que orientam essa procura apontam características que demonstram uma ampla interface entre as opções por áreas rurais ou naturais, principalmente pela semelhança dos elementos que constituem tanto o turismo rural quanto o ecológico, o que nos leva a considerar a existência de uma mescla de preferências para a definição dos locais e do tipo de turismo de que deverão participar. Assim, a citação abaixo demonstra alguns aspectos das demandas que constituem a essência do turismo, seja rural ou ecológico, classificando, portanto, a sua interface.

“...uma mudança de ambiente, um tipo de vida diferente, que lhes permita a recuperação de energias perdidas; um contato mais próximo com a natureza, na eliminação do mito do eterno retorno; uma vivência com pessoas cujos modos de vida são tidos como simples, em oposição aos padrões comportamentais urbanos, considerados frios e despersonalizados; um lugar não-massificado, diferenciado, bucólico, tranquilo, sem ruídos; algo considerado autêntico e natural.” (RODRIGUES, 2000: 113).

Esse hibridismo que mescla a oferta de atrativos naturais com o turismo rural propriamente dito, gera uma situação diferente para a classificação do tipo de turismo, pois, qualquer que fosse a direção, resultaria em uma interpretação equivocada da realidade. Assim, em alguns casos²⁰, se empregássemos uma visão da atividade turística exclusivamente como turismo rural, negligenciaríamos um aspecto importantíssimo no contexto do turismo local, que são as belezas naturais, reconhecidamente uma força de atração significativa para o turismo local. Por outro lado, se nossa opção interpretativa estivesse focada no ecoturismo, deixaríamos de lado a questão rural do contexto do turismo local, que nos sugere ter relevância na “sedução” dos turistas. Sobre esse problema, ao analisar empiricamente os tipos de

²⁰ Esse é o caso de Carrancas e será abordado no capítulo 5.

turismo em Carrancas, notamos, como demonstra Rodrigues (2000: 55), que é “...bastante difícil distinguir turismo rural de ecoturismo...”, o que traz a necessidade de uma reconceituação que não seja restritiva, impedindo uma leitura correta dos elementos que podem ser inclusive verificados em um levantamento empírico, mas que ao contrário, propicie uma compreensão abrangente do contexto da atividade turística naquela localidade, levando em conta as particularidades em que o turismo vem se estabelecendo em Carrancas.

“No contexto atual do turismo internacional, a tendência mais recente refere-se à prática de atividades voltadas para o meio ambiente; ou melhor, para o Eco-turismo, para o Turismo Rural e para o Agro-turismo, em especial, porque a prática de atividade turística de sucesso e a proteção do meio ambiente são inquestionavelmente inseparáveis. Justamente por isso, os pontos turísticos de maior procura, atualmente, são os que possuem atributos naturais destacáveis, com arredores limpos e protegidos.” (MONTENEGRO, 2001: 21).

Portanto, entende-se que em função desse hibridismo, a melhor conceituação seria a de turismo rural-natural ou “eco-rural” – este último proposto por RODRIGUES – que em sua essência poderiam apresentar uma amplitude de possibilidades acerca dos elementos que compõem o turismo ofertado em Carrancas. Logo, compreender a atividade turística em áreas rurais, tem como pressuposto o reconhecimento dos seus principais atrativos. Nesse sentido, o modelo proposto é construído a partir da interseção de elementos diferentes, mas que, no contexto do turismo, tornam-se complementares e potencializam o interesse dos turistas pela visita e exploração turística dessas áreas. Com isso, muito mais do que uma mera questão nominativa, teríamos então uma classificação capaz de servir como referência adequada para a atividade turística em áreas onde tanto a exuberância natural, quanto o modo de vida rural, poderiam ser referenciais interpretativos para o turismo. Logo, o nosso objeto de estudo, que é o turismo em Carrancas, poderia ser compreendido à luz de um arcabouço teórico-conceitual capaz de compreender em toda a sua amplitude as principais características que fundam a atividade turística naquela localidade, o que será realizado na parte seguinte deste trabalho.

Ademais, interpretar a atividade turística em Carrancas passa necessariamente pela aceitação de dois modelos: turismo em áreas rurais e o turismo eco-rural. O primeiro modelo, de turismo em áreas rurais, nos coloca a importância de pensar a emergência dessa atividade em Carrancas a partir do reconhecimento que o fenômeno não ocorre somente nos limites físicos das

propriedades, sem que represente necessariamente o envolvimento das características da unidade produtiva e do seu modo de vida. Nesse sentido, esse modelo de turismo em áreas rurais se mostra, por um lado, eficaz na compreensão de um fenômeno mais amplo, que envolve as características das propriedades, e inclusive eficaz na transformação de suas características, especialmente para os produtores que incorporaram o turismo. Por outro lado, é insuficiente, pois existem outros elementos fundamentais como a exploração das potencialidades naturais. Assim, o segundo modelo, de turismo eco-rural, se constitui como fundamental para o reconhecimento que o fenômeno da emergência do turismo em Carrancas não está situado somente na busca pelo *ethos* rural por parte dos turistas, mas na mescla das possibilidades ecológicas, com visitas aos principais atrativos naturais. Em tempo, evidencia-se a necessidade de combinar as duas perspectivas – turismo em áreas rurais e eco-rural – como forma de compreender as nuances específicas da atividade em Carrancas.

“O chamado ecoturismo e o turismo rural nascem nesse contexto mítico, como produtos para serem comercializados, atingindo resultados surpreendentes. Correspondem, ao mesmo tempo, a fortes movimentos de modernidade, associados à grande mobilidade espacial. Esta se encontra vinculada à sofisticação dos meios de transporte e de comunicação e, simultaneamente, representa um contraponto à profunda necessidade de resgate da cultura perdida – um movimento ‘retô’ (...) considerando as áreas de ocorrência, não há critérios precisos para diferenciar oficialmente o turismo rural do ecoturismo. (...) propõem visitas de pequenos grupos dirigidos a áreas ‘naturais’ protegidas e a espaços ditos rurais, porque suas características fisionômicas e as atividades aí praticadas fogem aos padrões dos territórios urbanos...”(RODRIGUES, 2000b: 115, 122, 124).

5 – MEIO RURAL, PRODUÇÃO AGRÍCOLA E ATIVIDADE TURÍSTICA EM CARRANCAS

De posse das reflexões teóricas dos primeiros capítulos, as quais possibilitaram repensar o rural em face das transformações que vêm ocorrendo, em especial no que concerne à emergência do turismo como fonte de renda complementar e/ou alternativa, passemos agora para uma descrição das principais características do meio rural em Carrancas, bem como dos elementos constitutivos da produção agrícola. Essa descrição basear-se-á na pesquisa empírica realizada em Carrancas a partir da combinação de dois instrumentos de coleta de dados: o *survey*, que foi utilizado na amostra intencional para o levantamento de informações junto a trinta e cinco proprietários rurais que vivem nas proximidades dos principais atrativos naturais de Carrancas; e a entrevista semi-estruturada, que serviu para a abordagem a alguns técnicos e autoridades locais, ligados diretamente aos produtores rurais e a atividade turística. Para tanto, esse capítulo será dividido em algumas partes. A primeira parte oferecerá uma caracterização do município de Carrancas, apontando algumas referências históricas relevantes no contexto da atividade turística, assim como a apresentação dos principais atrativos turísticos naturais do município. A segunda parte servirá para apontar uma caracterização das unidades produtivas de Carrancas, demonstrando as atividades – principal e secundária – que são desenvolvidas nessas propriedades. Além disso, a abordagem deverá considerar também a percepção que os proprietários têm sobre os diversos produtos e sobre o mercado relacionado à atividade turística. Na terceira parte,

discutir-se-ão (ou serão discutidas) as formas de organização desses proprietários, assim como o seu papel na exploração do turismo. A terceira parte apontará o papel que as mulheres vêm desempenhando nas unidades produtivas, em especial no que se refere à participação na atividade turística. Na quarta parte desse capítulo, apresentar-se-ão os principais fatores relacionados à exploração da atividade turística em Carrancas. A quinta parte oferecerá uma discussão sobre as estratégias de atuação econômica dos proprietários rurais de Carrancas. E, finalmente na sexta parte do capítulo, buscar-se-á uma interpretação dos itens que influenciam as estratégias de atuação econômica desses proprietários rurais.

5.1 – Caracterização do município de Carrancas e suas referências históricas

Localizada no Campo das Vertentes do estado de Minas Gerais, Carrancas, que já pertenceu a Lavras faz divisa com os municípios de Lumiárias, Itutinga, Itumirim, Nazareno, Madre de Deus de Minas, Minduri, São João Del Rei, Andrelândia, São Vicente de Minas e Cruzília. Encontra-se relativamente próxima aos principais centros urbanos como São Paulo (430 km), Rio de Janeiro (421 km), e Belo Horizonte (286 km). De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município tem 3.887 habitantes²¹, sendo que cerca de 42% residem na zona rural (na década de 1970 chegou a 78%). Vale mencionar que a população local não sofreu grandes alterações ao longo da história de Carrancas, conforme apontou AMATO (1996).

“No ano de 1818, moravam em Carrancas 3.292 pessoas, das quais 83 eram índios e 91 índias (...) Em 1864, a população era de 2.292 habitantes (...) Em 1922, o distrito de Carrancas pertencia ao município de Lavras e contava com 3.048 habitantes numa área de 689,96 km² (...) Em 1950, a população era de 4.990; em 1955 de 5.241; em 1979, de 4.805...” (AMATO, 1996: 61).

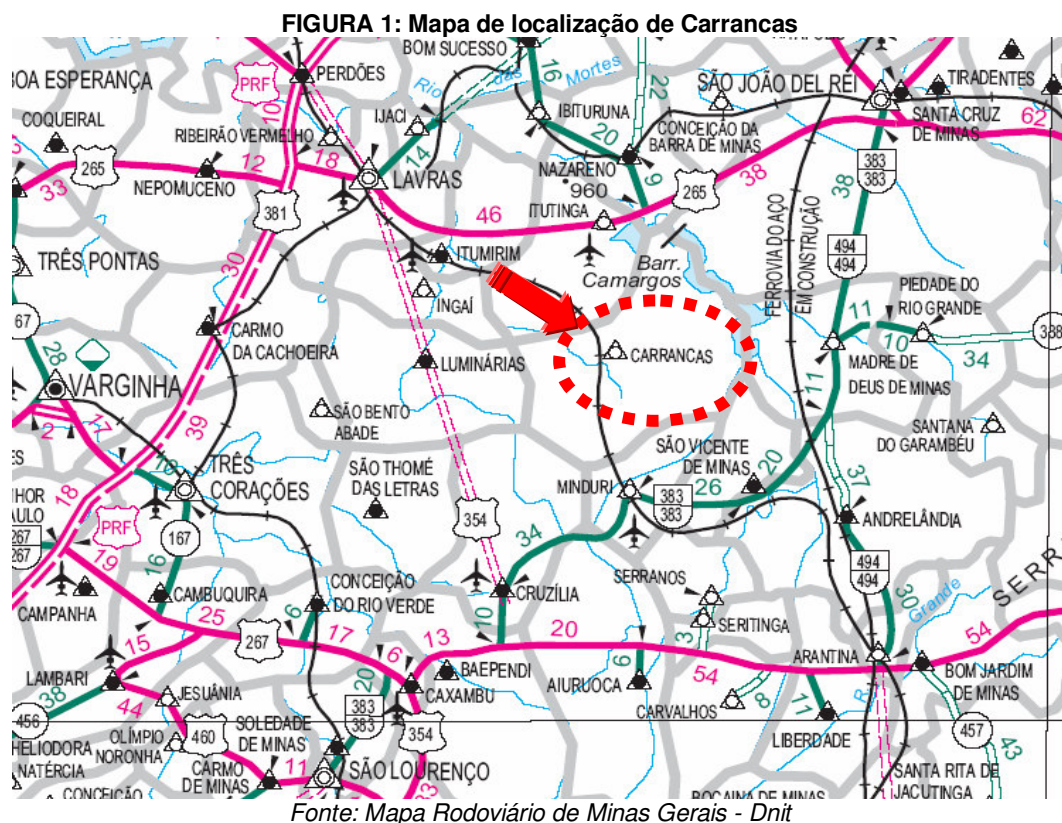
Ainda de acordo com AMATO (1996: 99), o povoado iniciou-se a partir do século XVIII, porém, em 1840, pertenceu a São João Del Rei e, em 1901, passou para o município de Lavras. Em 1938, mudou seu nome de Nossa Senhora de Carrancas para simplesmente Carrancas e, somente a partir de 27 de dezembro de

²¹ Dados extraídos do Censo Demográfico de 2000.

1948 conseguiu sua emancipação político-administrativa. Seu nome peculiar é esclarecido no trecho de AMATO.

“Contam os antigos que o nome ‘Carrancas’ provém de uma formação rochosa na serra do mesmo nome (...) Essas rochas, em formato de duas caras que se olham, vista pelos que chegavam, foram denominadas de ‘carrancas’ (cara feia)...” (AMATO, 1996: 60).

A principal fonte de renda do município é a pecuária de leite e ainda na região há uma grande quantidade de laticínios, que produzem vários tipos de queijo. Apesar disso, os pequenos produtores locais, situados especificamente em Carrancas, não têm utilizado a produção de derivados do leite como atividade econômica em suas propriedades rurais. Outra importante fonte de renda local é a produção artesanal de cachaça, que traz uma relativa contribuição para a economia local. Atualmente, o turismo desempenha um papel importante para a geração de emprego e renda, principalmente quando combinado nas unidades produtivas rurais com a produção agrícola, o que se consolidou como principal objeto deste estudo, com vistas a compreender essa nova dinâmica da realidade da economia rural daquela localidade.



Carrancas possui mais de 50 cachoeiras e corredeiras, serras, grutas e poços que atraem uma grande quantidade de turistas nos finais de semana. Por sua localização privilegiada, entre as cidades históricas de São João Del Rei e Tiradentes e o circuito das águas (Caxambu, São Lourenço e Lambari), além ainda de estar próxima ao misticismo de São Tomé das Letras e Aiuruoca (ver figura 1), possui um grande potencial turístico que, aos poucos, vem sendo reconhecido e explorado por seus moradores. Apesar da importante participação urbana na exploração do turismo, este trabalho objetiva interpretar tal fenômeno somente no espaço rural, com foco principalmente em relação aos proprietários rurais da região.

Existem várias belezas naturais que contribuem para a atração de turistas de várias regiões do país²², entretanto as cachoeiras se constituem como o principal elemento do turismo local. Por conseguinte, pode-se afirmar que os principais atrativos naturais são: o *Complexo da Fumaça*, que é formado por quatro cachoeiras e é um dos principais atrativos existentes em Carrancas, sendo o único de propriedade do poder público municipal, cujo nome faz alusão à formação de uma cortina de fumaça produzida pela queda de 15 metros, mas, apesar de toda a beleza natural, recebe todo o esgoto municipal, encontrando-se atualmente contaminada (fotografia 1); *Complexo da Ponte*, que é composto por 1 poço e 2 cachoeiras; “*Tira-Prosa*”, cujo nome faz uma homenagem a um antigo morador que gostava de ter uma “prosa” com quem passava por perto, possui um escorregador natural para diversão dos turistas mais corajosos, e fornece água para abastecimento da cidade (fotografia 2); *Complexo da Zilda*, que, segundo uma lenda local, faz alusão a uma mulher que se banhava nua na cachoeira, sendo formada por cachoeiras, escorregador, gruta, cânion, além de inscrições rupestres, é uma das preferidas pelos turistas (fotografia 3); *Toca*, que é constituída por uma gruta e quatro cachoeiras, além do famoso Poço Coração (fotografia 4). Além disso, vale mencionar os atrativos que são considerados patrimônios municipais de acordo com a lei orgânica do município: Cachoeira da Zilda, Cachoeira da Fumaça, Cachoeira do Tira-Prosa, Gruta da Ponte, Gruta da Cortina, Poço da Ponte, Toca: Gruta da Toca e escorregador, Poço do Coração, Cachoeira Vargem Grande, Cachoeira Grão Mogol, Cachoeira do Turco e Cachoeira dos Moreiras.

²² Segundo AMATO (1996) e com as informações extraídas de algumas *home pages* da internet que promovem o turismo em Carrancas. Como referência buscaram-se informações especialmente em www.carrancas.com.br.

FOTOGRAFIA 1: Cachoeira da Fumaça.



Apesar de contaminada com o esgoto do município, ainda recebe banhistas que ou desconhecem o problema ou simplesmente o ignoram. Fonte: acervo pessoal.

FOTOGRAFIA 2: “Tira-Prosa”.



Piscina natural muito procurada pelos turistas. Fonte: acervo pessoal.

FOTOGRAFIA 3: Cachoeira da Zilda.



Acesso difícil que é recompensado pelo belo visual. Fonte: acervo pessoal.

FOTOGRAFIA 4: Poço do Coração.



A ação da água gerou o formato que dá nome ao atrativo. Fonte: acervo pessoal.

5.2 – Caracterização das unidades produtivas da amostra

Na caracterização das unidades produtivas em Carrancas, ficou evidenciado que, mesmo frente à emergência da atividade turística naquela localidade, as tradicionais atividades consagradas do meio rural, como a pecuária de leite e corte, além da agricultura em geral, ainda aparecem como as mais representativas para proprietários rurais. Conforme podemos observar na tabela 1, apenas cinco, das trinta e cinco unidades produtivas que foram visitadas na pesquisa de campo, apresentam a atividade turística como a principal fonte de renda, o que demonstra que apesar das dificuldades constatadas no meio rural, esses proprietários continuam mantendo as unidades produtivas com atividades agrícolas como predominantes²³ e principais fontes de emprego e renda para a população rural.

TABELA 1: Atividade principal das propriedades rurais localizadas nas proximidades dos atrativos naturais, no município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.

Tipo de atividade principal	Tamanho da Unidade Produtiva (em ha)					Total	
	Até 20	De 21 a 50	De 51 a 100	De 101 a 200	Mais de 201		
Pecuária leiteira	N	4	4	7	5	6	26
	(%)	15,4	15,4	26,9	19,2	23,1	100
Pecuária de corte	N	-	1	-	-	1	2
	(%)	-	50,0	-	-	50,0	100
Agricultura	N	-	-	2	-	-	2
	(%)	-	-	66,7	-	-	100
Atividade turística	N	3	1	-	1	-	5
	(%)	60,0	20,0	-	20,0	-	100

Fonte: Pesquisa de Campo em Carrancas 12-15/10/05

Ainda considerando a tabela 1 e tendo como base a amostra intencional das propriedades que se localizam nas proximidades dos principais atrativos naturais de Carrancas, pôde-se verificar que as unidades produtivas cuja atividade principal é o turismo, em sua maioria, são menores em extensão, ao passo que aquelas

²³ Como predominante entende-se aquele tipo de atividade que o próprio produtor afirma ser a sua principal fonte de renda, em que ele dedica a maior parte do seu tempo de trabalho.

propriedades que desenvolvem a pecuária leiteira como a principal fonte de renda podem ser encontradas nas mais variadas dimensões, inclusive entre as maiores. Nesse sentido, se acreditarmos que as propriedades maiores são aquelas cujos proprietários teriam, ao menos em tese, maior capacidade de investimento, poderíamos considerar que este não se constitui como um fator decisivo nas unidades produtivas de Carrancas para a incorporação do turismo. E essa constatação pode nos indicar que os produtores rurais estabelecidos nas proximidades das cachoeiras que possuem pequenos espaços – se comparados com outras propriedades – demonstram maior iniciativa (ou necessidades) para o desenvolvimento da atividade turística, o que sugere que a extensão de terra pode não ser um fator decisivo para a incorporação.

No entanto, apesar da pecuária de leite ser a atividade produtiva predominante entre as unidades produtivas, pode-se verificar que em Carrancas alguns produtores rurais entrevistados procuram diversificar as suas atividades produtivas com o intuito de ampliar os seus rendimentos. Logo, das vinte e seis unidades que produzem leite, nove não incorporaram outro tipo de atividade complementar, reforçando a noção de um possível interesse e/ou necessidade de diversificação das propriedades. Contudo, isso não quer dizer que ocorre em Carrancas uma predominância das atividades não-agrícolas, ou ainda uma tendência de substituição das atividades tradicionais por “novas” atividades, conforme foi apresentado no referencial teórico acerca da construção do novo rural no Brasil, debatido nos capítulos anteriores. Portanto, ao considerarmos os principais debates sobre o surgimento do “novo rural” ou ainda as discussões sobre a proliferação da pluriatividade no rural brasileiro, especialmente no “Projeto Rurbano”, devemos tomar certo cuidado para não cair na tentação de um olhar generalizante acerca dessas tendências.

Por conseguinte, o que se verificou foi que, dos vinte e seis produtores de leite que foram entrevistados, dezesseis desenvolvem alguma atividade baseada na agricultura (ver tabela 2), consolidando-se ainda mais a importância das atividades agrícolas e reforçando as suas tradições, embora elas possam resultar em problemas econômicos para as unidades produtivas. Não obstante, observou-se que o turismo, que aparece como principal atividade para apenas cinco das unidades produtivas pesquisadas, também se constitui como importante fonte de renda complementar para somente três propriedades rurais que estão nas proximidades

dos atrativos turísticos naturais. Contudo, pode-se constatar também que, mesmo entre os produtores que afirmaram que o turismo é a principal fonte de renda, a agricultura ou a pecuária aparecem como atividades complementares que são desenvolvidas nas propriedades²⁴.

TABELA 2: Atividade principal e secundária das propriedades rurais localizadas nas proximidades dos atrativos naturais, no município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.

Atividade principal		Atividade secundária					Total	
		Nenhuma	Pecuária leiteira	Pecuária de corte	Agricultura	Atividade turística		Comércio em geral
Pecuária leiteira	N	9	-	1	13	2	1	26
	(%)	34,6	-	3,8	50,0	7,7	3,8	100
Pecuária de corte	N	-	-	-	2	-	-	2
	(%)	-	-	-	100,0	-	-	100
Agricultura	N	-	2	-	-	-	-	2
	(%)	-	100	-	-	-	-	100
Atividade turística	N	-	3	-	2	-	-	5
	(%)	-	60,0	-	40,0	-	-	100

Fonte: Pesquisa de Campo em Carrancas 12-15/10/05

A agricultura não é a principal atividade desenvolvida pelos produtores rurais localizados nas proximidades dos principais atrativos naturais de Carrancas, entretanto aparece como a fonte complementar de renda mais citada, demonstrando que esse setor ainda permanece com grande importância no contexto produtivo daquele município. Isso se explica não só pela utilização da agricultura como fonte de renda, mas também como uma importante atividade de subsistência para as famílias das unidades produtivas, conforme se pôde constatar não só através dos dados obtidos junto aos produtores rurais, mas também através das informações coletadas dos técnicos e autoridades locais. Essa produção para autoconsumo ocorre a partir de uma importante produção de milho, arroz, feijão, verduras,

²⁴ Importante revelar que nessas propriedades cujo turismo aparece como a atividade principal, o aparecimento de uma atividade complementar se refere não somente a uma forma complementar de aporte de recursos, mas principalmente como uma maneira de agregar valor à atividade turística. Nesse sentido, a manutenção de atividades agropecuárias se constitui também como uma forma de manter o *ethos* rural da propriedade, garantindo assim uma valorização do espaço que será vendido aos turistas.

hortaliças que não são comercializadas em Carrancas ou nas suas proximidades, uma vez que servem como base de alimentação na propriedade. Por outro lado, apesar da produção de leite se constituir como uma importante fonte de recursos das unidades produtivas, em especial pela garantia que os produtores têm com esse produto²⁵, observa-se que os técnicos e autoridades locais ressaltam que esse setor atualmente vem passando por uma crise.

“...o setor agropecuário em Carrancas está em crise na atualidade por que existe um cartel de laticínios que controla a produção leiteira...” (Representante da Secretaria Municipal de Agropecuária).

“...considero que o atual momento da agropecuária em Carrancas está muito pior do que no passado, pois como Carrancas tem como principal atividade econômica a produção de leite, sofre com a crise do leite que ocorre em todo o país, pela falta de subsídios...” (Representante da Emater).

Considerando as informações sobre outros produtos, verificamos que o ovo, por exemplo, era produzido por apenas dois produtores rurais entre os vinte e cinco que responderam a essa questão, e hoje vinte e dois já o produzem. Com o milho, a adesão subiu de quatro unidades produtivas para vinte e três produtores atualmente. Outros dois itens que tinham uma adesão maior, oito propriedades que produziam o feijão e dez em relação ao arroz, verificou-se um aumento para dezenove e quinze produtores respectivamente. Com relação aos outros produtos, percebe-se um aumento do interesse e da adesão ainda mais significativa, pois a produção de verduras, no passado, em apenas uma unidade produtiva e de frutas e hortaliças em duas propriedades, na atualidade já fazem parte de uma quantidade mais elevada de propriedades – vinte e um, vinte e seis e vinte unidades produzindo respectivamente verduras, frutas e hortaliças. Entretanto, vale mencionar que esses itens, em grande parte, são produzidos para subsistência e não para exploração de um mercado de consumo entre os carranquenses ou localidades próximas, consoante se pode apurar junto aos produtores rurais, técnicos e autoridades locais.

Sobre o frango, de acordo com os dados coletados com os produtores rurais, técnicos e autoridades locais, observou-se que mais da metade dos entrevistados (vinte e um proprietários rurais) não produzem, sendo que a maior parte deles (dezesesseis) afirmam que não produziram esse item em nenhum momento do passado. No entanto, na atualidade, observou-se que treze produtores

²⁵ Apesar das reclamações sobre o preço e as condições de comercialização do leite, os produtores entrevistados ressaltam que esse produto ainda lhes garante uma renda mensal.

rurais produzem o frango, pois estão atentos às demandas do mercado e acreditam que a avicultura traz bons resultados econômicos para as suas unidades produtivas. Por outro lado, outros produtos, como o queijo e a carne bovina, são os itens com menor adesão de produtores na atualidade, pois das trinta e cinco unidades produtivas pesquisadas, em vinte e duas propriedades rurais, nunca houve qualquer tipo de produção de queijo e em dezoito unidades produtivas nunca se produziu carne bovina. Não obstante, com base nos dados da pesquisa empírica, pode-se identificar um crescimento da produção de carne bovina de seis propriedades produtivas para dez que atualmente desenvolvem essa atividade, pois também buscam a exploração de uma crescente demanda do mercado consumidor. Ainda assim, com relação ao queijo, a pesquisa empírica registrou sete propriedades que produziram no passado, mas atualmente temos apenas cinco unidades que nos dias atuais têm buscado a exploração dessa atividade.

De acordo com as informações do técnico da Emater, embora a diversificação das unidades produtivas represente uma melhoria das suas condições econômicas e que alguns proprietários estejam partindo para essa estratégia, isso não representa uma tendência uniforme entre os produtores. Segundo ele, ainda existe uma grande resistência, principalmente dos pequenos produtores em diversificar a sua produção, apesar dos esforços da Emater.

“...a Emater considera extremamente benéfica a diversificação da propriedade rural, em especial com a incorporação da atividade turística. No entanto, nós entendemos que falta ao produtor rural a capacitação técnica e, de absorção às novas tecnologias que são fruto do medo da mudança. Prevalece a tradicional visão de ficar somente com a monocultura do leite. (...) É difícil colocar na cabeça dos produtores mais antigos a necessidade de se diversificar a unidade produtiva. A fruticultura, por exemplo, pode ser fundamental para esse processo de diversificação, e vem sendo desenvolvida em Carrancas através da Associação de fruticultores de Carrancas (Frutcar), que deverá desbravar este problema. O mesmo ocorre com a horticultura, pois, o produtor pode usar pequenas áreas, e não vai tomar todo o tempo dele. A fruticultura juntamente com o turismo se constitui em um mercado pronto para ser absorvido pelo produtor rural. Mas para tudo isso nós precisamos romper com o medo e comodismo do pequeno produtor, pois o caminho para resolver o problema do pequeno produtor é a diversificação de sua produção, atuando além da produção de leite, uma vez que a monocultura não vai pagar as contas da propriedade, devendo ele escolher qual seria a melhor alternativa para complementar a sua renda do leite (fruticultura, apicultura, turismo) e ele, com a assessoria técnica é quem vai saber acondicionar melhor o que deve ser desenvolvido em sua propriedade. (Representante da Emater).

Os produtores locais demonstraram um certo desinteresse pela produção de queijos em suas unidades produtivas, optando pela venda do leite para os laticínios da região (ver tabela 3). Essa opção nos remete, por um lado, à reflexão acerca de

uma preocupação dos proprietários rurais em relação aos resultados que se poderiam obter, não só no mercado em geral, mas também pelo alto potencial de consumo que se encontra entre os turistas que ali chegam em busca das delícias da gastronomia local²⁶. Por outro lado, de acordo com o técnico da Emater, essa posição reflete um desconhecimento sobre as possibilidades que o queijo poderia gerar para os proprietários, as quais independentemente de sua estratégia de incorporação da atividade turística, se constituem como um importante mercado a ser explorado, ainda que a propriedade não tenha interesse em desenvolver o turismo. Isso ficou caracterizado tanto no levantamento realizado junto aos produtores²⁷, quanto nas entrevistas semi-estruturadas com os técnicos do IBAMA e com os representantes das Secretarias Municipais de Turismo e Agropecuária do Município de Carrancas²⁸. Os trechos abaixo demonstram o desinteresse pela produção de laticínios nas propriedades.

“...o queijo que é produzido é vendido para fora da cidade. São poucos produtores que atuam com o queijo. Existem poucos laticínios no município, e os produtores rurais de Carrancas não se interessam pela produção deste produto em suas propriedades...” (Representante da Secretaria Municipal de Agropecuária).

Por outro lado, interessados nesse considerável mercado de consumo, a produção de queijo vem sendo desenvolvida por alguns poucos laticínios existentes em Carrancas ou nas cidades próximas como São Vicente de Minas e Lavras. E a ausência de produtores de queijo, em especial em uma área de importante produção leiteira e com relevante mercado consumidor entre os turistas, marca um forte contraste com a história de Carrancas, cuja tradição e pioneirismo no fabrico de laticínios marcou época. Assim, as unidades produtivas de Carrancas que estão nas proximidades dos atrativos turísticos locais, de alguma forma, poderiam buscar uma diversificação de sua produção como estratégia de melhoria de suas condições econômicas. Entretanto, a produção de queijos e laticínios em geral não fazem parte desse contexto que, de acordo com o representante da Emater, ocorre em função da falta de visão acerca das possibilidades de exploração desse mercado, assim como

²⁶ A representante do setor do turismo da Prefeitura Municipal afirmou que há uma considerável procura pelos turistas de produtos agrícolas – queijo, doces, entre outros.

²⁷ Os proprietários entrevistados afirmaram que consideram o queijo como produto pouco rentável e, não o consideram como importante para a exploração junto aos turistas.

²⁸ Os técnicos e autoridades locais consideram existir um importante mercado consumidor entre os turistas, o qual poderia ser explorado pelos produtores rurais de Carrancas. Isso poderia ocorrer através da exploração direta da atividade turística na propriedade ou indiretamente com a exploração do comércio local.

um certo comodismo e medo em relação às possíveis mudanças que poderiam ocorrer. Isso pôde também ser observado na oportunidade das entrevistas junto aos proprietários rurais, que afirmaram que “*não vale a pena produzir queijo*”, pois “*não tem mercado consumidor entre os turistas*”. Alguns desses proprietários afirmaram que preferem atuar somente vendendo o leite para evitar problemas²⁹. Além disso, de acordo com o representante técnico da Emater, a instrução normativa 51, estabelece padrões elevados para a produção de laticínios, o que poderia inviabilizar a produção isolada nas pequenas propriedades. Essa resistência dos proprietários entrevistados está relacionada também a uma visão mais crítica das possíveis condições futuras do mercado, que está alicerçada na percepção de uma desfavorável relação de custo-benefício para a exploração de um mercado consumidor para o queijo. Além disso, essa postura reflete também uma constatação de sua incapacidade econômica em competir com os laticínios da região, ou mesmo com os “estrangeiros” que exploram o turismo em Carrancas.

TABELA 3: Atividades agropecuárias das propriedades rurais localizadas nas proximidades dos atrativos naturais, no passado e presente e expectativa para o futuro em relação à produção do município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.

Itens de produção		Nunca produziu	Produziu no passado	Produz atualmente	Pretende produzir no futuro
Leite	N	2	2	31	-
	(%)	5,7	5,7	88,6	-
Queijo	N	22	7	5	1
	(%)	62,9	20,0	14,3	2,9
Carne bovina	N	18	6	10	1
	(%)	51,4	17,1	28,6	2,9
Frango	N	16	5	13	1
	(%)	45,7	14,3	37,1	2,9
Ovo	N	9	2	22	2
	(%)	25,7	5,7	62,9	5,7
Milho	N	8	4	22	1
	(%)	22,9	11,4	62,9	2,9
Feijão	N	7	8	19	1
	(%)	20,0	22,9	54,3	2,9
Arroz	N	9	10	15	1
	(%)	25,7	28,6	42,9	2,9
Verduras	N	12	1	21	1
	(%)	34,3	2,9	60,0	2,9
Frutas	N	7	2	25	1
	(%)	20,0	5,7	71,4	2,9
Hortaliças	N	12	1	20	2
	(%)	34,3	2,9	57,1	5,7

Fonte: Pesquisa de Campo em Carrancas 12-15/10/05

²⁹ Citações de alguns proprietários rurais entrevistados.

TABELA 4: Motivos que justificam a produção dos diversos produtos nas propriedades rurais localizadas nas proximidades dos atrativos naturais, no município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.

Itens	Avaliação									Total
	Pouco investimento	Boa relação de custo/benefício	Melhores preços no mercado	Mercado entre os turistas	Boa saída no mercado	Muita demanda	Renda mensal	Não Sabe		
Leite	N	3	1	1	1	14	-	1	1	22
	(%)	13,6	4,5	4,5	4,5	63,6	-	4,5	4,5	100
Carne bovina	N	-	1	-	-	-	-	-	-	1
	(%)	-	100,0	-	-	-	-	-	-	100
Milho	N	1	1	-	-	1	-	-	-	3
	(%)	33,3	33,3	-	-	33,3	-	-	-	100
Feijão	N	-	-	-	-	1	-	-	-	1
	(%)	-	-	-	-	100	-	-	-	100
Verduras	N	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	(%)	-	-	-	100	-	-	-	-	100
Frutas	N	-	-	1	-	1	1	-	-	3
	(%)	-	-	33,3	-	33,3	33,3	-	-	100
Atividade turística	N	-	-	-	2	-	-	-	-	2
	(%)	-	-	-	100	-	-	-	-	100

Fonte: Pesquisa de Campo em Carrancas 12-15/10/05

Os entrevistados foram indagados, também, sobre os principais motivos para avaliar um determinado produto como mais rentável, e o leite foi considerado como o mais viável economicamente, seja pelo pouco investimento necessário, seja pela boa relação de custo-benefício que o produto oferece, e também por seus melhores preços de mercado em relação a outros itens que poderiam ser produzidos dentro da unidade produtiva. Essa avaliação positiva pode ser constatada não só através do contato direto com os produtores rurais, mas também pelas informações que foram coletadas junto ao técnico da Emater entrevistado. Em ambos os casos, encontraram-se referências de que o leite se constitui como um elemento de segurança para esses produtores, visto que eles reconhecem nesse produto uma garantia pela possibilidade de se ter uma renda fixa mensal (tabela 4). De acordo com o que se pôde constatar, essa situação contribui para que os proprietários permaneçam atuando na monocultura do leite, por conseguinte, isso impede que eles passem a explorar o emergente mercado de consumo entre os turistas, especialmente em relação à produção do queijo.

A tabela 5 aponta os principais motivos apresentados pelos proprietários rurais para a avaliação negativa em relação a alguns produtos, motivos que, em sua maioria, estão relacionados às dificuldades de relacionamento com o mercado, aos altos custos de produção, bem como aos preços baixos que são praticados no momento da comercialização. Quando consideramos também as entrevistas realizadas junto ao representante da Secretaria Municipal de Agropecuária e ao técnico da Emater, constatamos as mesmas percepções que foram observadas junto aos produtores: as dificuldades de relacionamento com o mercado como sendo o grande empecilho para a produção agropecuária.

TABELA 5: Motivos para avaliação negativa das atividades nas propriedades rurais localizadas nas proximidades dos atrativos naturais, no município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.

Itens de produção		Avaliação						Total	
		Investimento elevado	Relação de custo/benefício ruim	Preço ruim no mercado	Sem saída no mercado	Alto custo de produção	Difícil de produzir		Pouca demanda
Leite	N	-	-	2	-	1	-	-	3
	(%)	-	-	66,7	-	33,3	-	-	100
Carne bovina	N	1	-	-	-	-	1	-	2
	(%)	50,0	-	-	-	-	50,0	-	100
Frango	N	-	1	1	-	1	-	-	3
	(%)	-	33,3	33,3	-	33,3	-	-	100
Ovos	N	-	-	-	2	-	-	-	2
	(%)	-	-	-	100	-	-	-	100
Feijão	N	-	1	1	-	1	-	-	3
	(%)	-	33,3	33,3	-	33,3	-	-	100
Arroz	N	-	-	1	2	1	-	-	4
	(%)	-	-	25,0	50,0	25,0	-	-	100
Verduras	N	-	-	-	-	-	-	1	1
	(%)	-	-	-	-	-	-	100,0	100
Frutas	N	-	-	-	1	-	-	-	1
	(%)	-	-	-	100,0	-	-	-	100
Hortaliças	N	-	-	-	1	-	-	-	1
	(%)	-	-	-	100,0	-	-	-	100

Fonte: Pesquisa de Campo em Carrancas 12-15/10/05

Considerando que as unidades produtivas rurais de Carrancas estão inseridas em um contexto de importante atividade turística, procuramos ainda indagar os proprietários rurais sobre a participação dos turistas como mercado consumidor daquilo que é produzido nas unidades produtivas. De uma forma geral, considerando a amostra do grupo de proprietários rurais que estava nas proximidades dos principais atrativos naturais e que, portanto, poderia explorar o mercado consumidor entre os turistas, pode-se observar que a maioria deles (64,7%) acredita que não possui mercado consumidor direta ou indiretamente entre os turistas que freqüentam Carrancas. Ou seja, dos trinta e cinco produtores rurais entrevistados, vinte e dois disseram que os turistas não têm participação alguma no consumo de seus produtos direta ou indiretamente. Além disso, até entre os proprietários que desenvolvem o turismo como principal atividade econômica, pode-se verificar a percepção negativa acerca dos turistas como mercado consumidor dos produtos agrícolas (tabela 6). De acordo com a representante municipal do setor de turismo, isso ocorre por falta de capacidade dos produtores na exploração desse mercado; por outro lado, o representante da Emater acredita que falta aos produtores rurais maior conhecimento para que possam explorar esse mercado, especialmente na produção artesanal de queijos, por exemplo. Nesse sentido, ambos concordam que seja necessário o estabelecimento de assistência para demonstrar a esses produtores as vantagens desse tipo de negócio. Assim, quando consideramos a pesquisa de *survey* realizada junto aos proprietários rurais constata-se que a resistência pela diversificação das atividades produtivas está ligada ao seu desejo de manter as suas tradições intocadas. Ou seja, apesar dos problemas decorrentes da monocultura do leite, esses produtores insistem em continuar com esse tipo de produção, optando muitas vezes pela recusa de outro tipo de atividade. Isso aparece como estratégia de manutenção das relações sócio-culturais que foram estabelecidas na sua localidade.

Essa percepção diferenciada do potencial do mercado de consumo dos turistas, reflete em parte o modo de vida entre unidades produtivas de Carrancas, visto que boa parte do que é produzido por essas propriedades é consumida internamente. Não há interesse desses produtores na exploração desse mercado específico entre os turistas que ali chegam para “consumir” não só paisagens, como também, potencialmente a gastronomia típica da “roça”. Logo, os representantes da Emater e do setor de turismo da prefeitura estão interpretando essa visão dos

proprietários rurais como falta de conhecimento acerca das potencialidades de seus negócios. Nesse sentido, observando-se as informações dos proprietários rurais, constata-se que de uma forma geral apesar das possíveis vantagens da diversificação serem bastante difundidas naquela localidade, alguns deles optam por manterem-se exclusivamente com a pecuária de leite.

TABELA 6: Opiniões dos produtores localizados nas proximidades dos principais atrativos naturais, sobre o potencial do mercado consumidor dos seus produtos entre os turistas, no município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.

Estratégia de atuação econômica		Avaliação sobre o mercado			Total
		Não acredita no potencial dos turistas como mercado consumidor dos seus produtos	Acredita no potencial dos turistas como mercado consumidor dos seus produtos, de forma indireta	Acredita no potencial dos turistas como mercado consumidor dos seus produtos	
Somente atividade agrícola	N	17	5	-	22
	(%)	77,3	22,7	-	100
Agrícola com incorporação do turismo	N	3	1	3	7
	(%)	42,9	14,3	42,9	100
Turismo como principal fonte de renda	N	2	-	3	5
	(%)	40	-	60	100

Fonte: Pesquisa de Campo em Carrancas 12-15/10/05

Apesar disso, observando a tabela 6 podemos verificar que doze dos produtores entrevistados (35,2%) demonstram acreditar que os turistas de alguma maneira – direta ou indiretamente – acabam consumindo os seus produtos, o que representa a minoria dos proprietários instalados nas proximidades dos atrativos turísticos naturais que compuseram a amostra. Isso pode indicar alguma possibilidade de desenvolvimento da exploração de um potencial mercado consumidor de produtos agrícolas. Entre esses, encontramos não só os proprietários que já incorporaram a atividade turística, como também produtores que permanecem exclusivamente com as atividades agropecuárias. Verificamos que os proprietários rurais – especialmente os pluriativos – aproveitam para agregar valor aos seus produtos e vendê-los diretamente aos turistas (ver tabela 6). Também vale ressaltar que em função dos problemas que são oriundos da atividade turística, como o excesso de consumo de bebidas alcoólicas e a agitação em geral, alguns desses produtores têm se mostrado preocupados com as possíveis dificuldades na

lida com esses visitantes em suas propriedades, o que contribui ainda mais para a desconfiança dos produtores rurais em relação ao turismo, afastando-os desse mercado. Nesse sentido, entende-se que esses proprietários que optaram por não explorar a atividade turística possuem motivos que estão relacionados a uma tentativa de defesa e manutenção de seu modo de vida. Na prática o que se pôde perceber é que isso não representa necessariamente um repulsa à atividade turística, mas a defesa de suas tradições, especialmente a sua condição de produtor agrícola, cujo modo de vida se constitui como elemento fundamental. Assim, a atividade turística, apesar dos possíveis benefícios econômicos que pode gerar, passa a ser vista também como uma espécie de vetor para os problemas sócio-culturais.

A tabela 7 demonstra como o proprietário rural classifica a rentabilidade da atual produção agrícola em comparação com o passado, tendo como base a sua experiência na unidade produtiva. Nesse sentido, verificou-se que 40% dos entrevistados que têm o turismo como principal fonte de renda, fizeram uma avaliação muito negativa da rentabilidade da agricultura e pecuária na atualidade e chegam a afirmar categoricamente que os seus negócios pioraram muito, ou mesmo, que continuam tão ruim quanto era no passado. Conseqüentemente, somente onze produtores, que representam 31,4%, fizeram uma avaliação mais positiva com a afirmação de que teria havido uma melhora na produção agrícola. Essa insatisfação dos proprietários rurais com a pecuária e a agricultura pode ser percebida com clareza durante boa parte das entrevistas realizadas em Carrancas, que, na maioria das vezes, ocorriam de forma espontânea e mesmo que sequer perguntássemos sobre esse tema os produtores relatavam a sua insatisfação.

Logo, percebeu-se que somente doze produtores modificaram a sua propriedade e a nova atividade que passou a ser desenvolvida é o turismo. Os demais continuam atuando exclusivamente com as atividades agrícolas – a pecuária ou a agricultura – sem buscarem alternativas ou complementos de renda, e assim, enfrentando e sofrendo as dificuldades e conseqüências da baixa lucratividade dos produtos agrícolas sem que possam buscar novas possibilidades econômicas em suas unidades produtivas (tabela 7).

TABELA 7: Opinião dos produtores sobre a situação atual da rentabilidade da produção agrícola nas propriedades localizadas nas proximidades dos principais atrativos naturais, no município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.

Estratégia de atuação econômica		Situação atual				Total
		Piorou	Continua ruim	Continua boa	Melhorou	
Somente atividade agrícola	N	15	2	-	6	23
	(%)	65,2	8,7	-	26,1	100
Agrícola com incorporação do turismo	N	4	-	1	2	7
	(%)	57,1	-	14,3	28,6	100
Turismo como principal fonte de renda	N	2	-	-	3	5
	(%)	40,0	-	-	60,0	100

Fonte: Pesquisa de Campo em Carrancas 12-15/10/05

Por outro lado, entre os produtores que demonstraram maior contentamento com as atividades agrícolas, verifica-se um percentual maior de incorporação de outras atividades, uma vez que dos doze entrevistados que disseram que a agricultura e a pecuária continuam boas ou que melhoraram, seis afirmam que atuam também com outras atividades (turismo, comércio e produção de eucalipto). Assim, a incorporação de uma atividade alternativa pode contribuir na melhoria das condições econômicas da propriedade rural, uma vez que o tempo ocioso passa a ser ocupado de forma produtiva, conforme o referencial apresentado no início deste trabalho acerca daquilo que GRAZIANO DA SILVA chamou de “*mercantilização do tempo livre*”. De acordo com esse referencial, reconhece a importância – econômica – do tempo em que as famílias não estão ocupadas em atividades agrícolas, que anteriormente servia à produção de autoconsumo.

Assim, a decisão de incorporação de outras atividades nas unidades produtivas – em especial o turismo – serve fundamentalmente como estratégia de aporte de novas rendas que contribuem inclusive na manutenção da própria atividade agrícola, seja no investimento de recursos na produção de leite ou outros produtos, ou mesmo agregando valor aos produtos que são vendidos aos turistas que chegam a Carrancas em busca do *ethos* rural. Assim, em qualquer que seja a estratégia estabelecida pelos produtores³⁰, evidencia-se que o movimento de incorporação de outras atividades nas unidades de produção agrícola em Carrancas,

³⁰ Ainda neste capítulo explorar-se-á mais as estratégias de atuação econômica dos produtores rurais de Carrancas, que podem ser resumidas em: aqueles que atuam somente com a atividade agrícola; os que mantêm as atividades agrícolas, mas que incorporaram o turismo de forma complementar; e finalmente aqueles que têm no turismo a sua principal fonte de renda.

em face das dificuldades da produção agrícola, não pode ser entendido como uma tendência uniforme e generalizada entre os proprietários rurais daquela localidade.

A insatisfação com as condições econômicas atuais da produção agrícola ensejou a busca pela compreensão dos motivos pela não incorporação da atividade turística que, a princípio, poderia representar um alento ou a possibilidade de uma melhoria da unidade produtiva, aumentando o aporte de renda. Na verdade, apesar da constatação de que 34,5% dos proprietários entrevistados declararam desenvolverem outro tipo de atividade alternativa ou substitutiva em relação à agricultura ou à pecuária, a visão de CARNEIRO (1997: 148), que afirma que “...é precipitado concluir que tal processo resultaria na dissolução do agrário, e na tendência à transformação uniformizadora das condições de vida no campo” parece-nos coerente com a realidade de Carrancas. Corroborando com essa linha de pensamento, na entrevista semi-estruturada com os técnicos e autoridades locais, constatou-se que esse fenômeno – o da diversificação das unidades produtivas – não se consolidou entre os produtores, e está longe de se tornar uma tendência, como se fosse inexoravelmente se alastrar naquela localidade.

Por outro lado, na tentativa de desvendar o caminho que parte desses proprietários está tomando, considera-se que a falta de oportunidade é um elemento significativo para que não ocorra o desenvolvimento de outra atividade além da agrícola pelos proprietários rurais de Carrancas em suas unidades produtivas. Como se pode observar na pesquisa com questões estruturadas junto aos proprietários rurais, o maior empecilho para que os proprietários possam desenvolver outras atividades em suas unidades produtivas é falta de condições de investimento para a diversificação de sua produção tornando-se causa e conseqüência para as dificuldades econômicas da sua propriedade (tabela 8). Isso ocorre em função da incapacidade de realizar investimento em empreendimentos turísticos, tais como hospedagem em quartos ou área de camping, bares, restaurantes, lagos para pesque-pague, serviço de guias especializados, infra-estrutura de acesso, entre outros. Logo, ainda que esses produtores demonstrem algum interesse no desenvolvimento de algum tipo de atividade alternativa, isso acaba por não se concretizar. Apesar disso, durante a coleta de dados primários junto aos proprietários rurais, alguns entrevistados demonstraram certo nível de interesse em incorporar uma atividade produtiva alternativa, seja para diversificar seus negócios, seja para ocupar algum tempo que estava ocioso.

TABELA 8: Motivo para não desenvolver dentro ou fora da unidade produtiva outra atividade além da agrícola, nas propriedades localizadas nas proximidades dos principais atrativos naturais do município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.

Motivos	Frequência	
	N	(%)
Não teve oportunidade, apesar dos problemas da produção agrícola	5	22,7
Não teve interesse, apesar dos problemas da produção agrícola	7	31,8
Não teve condições de investimento apesar do interesse	10	45,5

Fonte: Pesquisa de Campo em Carrancas 12-15/10/05

Não obstante, mesmo diante do fato que a maioria dos proprietários rurais de Carrancas não esteja incorporando atividades complementares ou em substituição à produção agrícola em suas unidades produtivas, procuramos verificar entre aqueles que, de alguma forma, incorporaram a atividade turística em propriedade, as principais motivações para introdução desse tipo de atividade. Constatou-se que parte dos produtores rural está mesmo é explorando alguns atrativos naturais que se encontram em suas propriedades ou ainda aproveitando os turistas para agregar valor a sua produção tradicional. Nesse sentido, os produtores continuam atuando na pecuária e agricultura, mas aproveitando de alguma maneira a existência desse mercado consumidor, que é impulsionado pelos atrativos naturais da região, presentes em sua propriedade ou nas proximidades. Somente alguns desses proprietários rurais é que passaram a desenvolver o turismo e realizaram investimentos para que pudessem oferecer algum tipo de estrutura especificamente desenvolvida para a atividade turística³¹.

De acordo com GRAZIANO DA SILVA (2000), são vários os motivos para se incorporar outra atividade além das tradicionais do meio rural, como a agricultura e a pecuária, e isso ficou evidenciado quando indagamos os proprietários rurais. Uma das justificativas pelo interesse em incorporar a atividade foi justamente uma forma de complementar a renda, uma vez que consideram que as atividades agrícolas têm

³¹ Vale lembrar que, de acordo com as informações coletadas junto aos técnicos e autoridades locais, a maioria dos produtores de Carrancas ainda não teve interesse, oportunidade ou mesmo condições econômicas de investimento para desenvolver algum tipo de empreendimento que possa permitir explorar esse mercado. No entanto, entre aqueles que puderam ou quiseram apostar na incorporação desse tipo de atividade, verifica-se que o turismo é visto como uma alternativa importante de fonte de renda e não como uma forma de exploração exclusiva dessa atividade, gerando melhoria também na sua produção agrícola, em face da possibilidade de um aporte de recursos para o equilíbrio econômico da unidade produtiva.

gerado grandes problemas para as propriedades, os quais são relacionados com os baixos preços praticados aliados aos elevados custos de produção, bem como a dificuldade de saída dos produtos no mercado.

5.3 – Papel da mulher nas unidades produtivas

Após essa caracterização das unidades produtivas de Carrancas que estão nas proximidades dos principais atrativos naturais, partir-se-á para uma discussão baseada na questão de gênero, tendo como foco mais específico a participação da mulher na propriedade.

Assim, em consideração ao papel específico que as mulheres desempenham na propriedade, pode-se verificar que, apesar da maioria atuar exclusivamente nas atividades do lar, como a limpeza da residência, a alimentação de toda a família, o cuidado com a educação dos filhos ou o controle dos gastos gerais da casa, temos alguns importantes exemplos de mulheres que desempenham importantes funções econômicas na propriedade, seja no plantio e colheita ou ainda no cuidado com o gado. Uma importante forma de atuação da mulher em algumas propriedades visitadas é na administração da unidade produtiva, controlando a relação com a cooperativa e com os fornecedores de ração, sementes e insumos, na negociação com os compradores de sua produção. As mulheres desempenham um importante papel econômico nas unidades produtivas de Carrancas pesquisadas. Na Fazenda Gonçalo, por exemplo, a mulher é responsável pela venda de alguns do que foi produzido dentro da propriedade. Na Fazenda do Vale, além de participar cuidando do gado, a mulher ainda atua na comercialização junto ao mercado. Esses exemplos representam um importante apoio para a manutenção das atividades agrícolas nas propriedades rurais que foram investigadas, uma vez que tanto nas propriedades em que as mulheres atuam exclusivamente nas atividades do lar, quanto naquelas em que elas participam economicamente produtivas há uma importante contribuição para o funcionamento da unidade produtiva.

A tabela 9 demonstra as principais atividades que as mulheres desempenham nas unidades produtivas. Evidenciou-se que, em metade das propriedades em que foram realizadas as entrevistas, tivemos esposas ou

companheiras dos proprietários rurais que atuam exclusivamente nas atividades do lar. Nesse caso, elas não têm participação em atividades econômicas nas propriedades, principalmente nas fazendas em que a atividade principal é a monocultura do leite, atuando mais especificamente nos cuidados com o lar e a família. Nesse sentido, acredita-se que a atuação economicamente ativa das mulheres é mais observada em propriedades em que se podem encontrar outras atividades econômicas além das agrícolas, como o turismo, por exemplo. Essa concepção pode ser reforçada a partir das informações colhidas nas entrevistas com técnicos e autoridades, em que as respostas apontam que as mulheres contribuem não só como incentivadoras para o processo de diversificação, como também passaram a ser fundamentais para o funcionamento da propriedade diversificada, colaborando com o marido e, em alguns casos, atuando diretamente nas atividades ou na administração da fazenda. Constatou-se também que elas tiveram importância desde o início desse processo de diversificação das unidades produtivas. Além disso, entre as mulheres que desenvolvem algum tipo de atividade econômica, verificou-se o acúmulo das funções do lar.

Nas unidades produtivas que incorporaram o turismo, as mulheres atuam diretamente nas atividades econômicas da propriedade. Elas organizam e administram a recepção dos turistas, atuam na produção dos alimentos que são consumidos pelos visitantes, ou ainda na venda de produtos artesanais e lembranças, produzidos por elas mesmas ou que são comprados junto aos artesãos locais. Para citar um exemplo, na Fazenda da Serra, a mulher é a responsável pelas atividades turísticas que são desenvolvidas naquela propriedade, garantindo um complemento de renda para a família. O mesmo ocorre na Fazenda do Engenho (fotografia 5), conhecida propriedade que desempenha a atividade turística em Carrancas, em que a mulher é a responsável pela organização do hotel, seja no cuidado com a cozinha ou mesmo na hospedagem. No Sítio Moralice, a mulher é classificada como a “Primeira Ministra”³², uma vez que cuida da administração e da contabilidade em geral na propriedade.

³² Expressão utilizada pelo proprietário do Sítio Moralice.

TABELA 9: Participação da esposa/companheira nas atividades das propriedades localizadas nas proximidades dos principais atrativos naturais no município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.

Estratégia de atuação econômica	Participação da esposa/companheira na unidade produtiva							Total
	Não atua em nenhum tipo de atividade	Somente nas atividades do lar	Nas atividades do lar e na produção agrícola	Em atividades de comercialização da produção	Na atividade turística	Em tudo na propriedade		
Somente atividade agrícola	N	2	11	6	-	-	-	19
	(%)	10,5	57,9	31,6	-	-	-	100
Agrícola com incorporação do turismo	N	1	3	1	1	-	1	7
	(%)	14,3	42,8	14,3	14,3	-	14,3	100
Turismo como principal fonte de renda	N	1	-	-	-	2	-	3
	(%)	33,3	-	-	-	66,7	-	100

Fonte: Pesquisa de Campo em Carrancas 12-15/10/05

FOTOGRAFIA 5: Sede da Fazenda do Engenho



Funciona como uma Fazenda Hotel. Fonte: acervo pessoal.

Temos ainda uma propriedade em que a mulher se destaca por sua participação com grande importância econômica para o desenvolvimento da unidade produtiva. É o caso da Fazenda Cajuru em que a Sra. Soraia Guimarães (fotografias 6, e 7), muito conhecida pelos turistas, atualmente faz de tudo na propriedade, desde a atuação na pecuária de leite e de corte, que são atividades importantes em sua unidade produtiva, até e principalmente na produção do famoso “Café da Roça”³³, que se tornou uma referência para os turistas que chegam a Carrancas. Com uma alimentação produzida totalmente na própria fazenda, o “Café da Roça” é uma importante fonte de renda para a família, pois contribui na manutenção econômica da propriedade. De acordo com Soraia Guimarães, “...a idéia do café foi de um turista (...) eles chegam aqui através dos guias, ou os próprios turistas também trazem no boca-a-boca...”. Ainda no contato com Soraia Guimarães, percebeu-se que a sua opção por desempenhar a atividade turística é resultante do seu desejo de se tornar independente economicamente de seu marido. Logo, longe de representar uma tendência uniforme no contexto de Carrancas, esse fenômeno das mulheres com papel economicamente ativo em sua unidade produtiva, não só nas atividades agrícolas, mas principalmente com atuação no turismo, constitui-se como fundamental para o processo de incorporação do turismo. Dessa forma, as mulheres vêm se tornando importantes para fortalecimento das unidades produtivas, especialmente para o desenvolvimento da atividade turística, o que mais à frente deverá contribuir para a transformação da estrutura familiar, bem como a forma com que as mulheres são tratadas, constituindo-se, portanto, um elemento de valorização da mulher como importante agente econômico dentro da unidade produtiva.

³³ O “Café da Roça” é oferecido na Fazenda Cajuru por Soraia Guimarães, que aproveita o fluxo de turistas que procuram as cachoeiras das proximidades. É composto por café, leite, suco natural com sabores diversos, queijo minas, uma enorme variedade de biscoitos, entre outros quitutes produzidos na própria fazenda. Tudo isso é oferecido na varanda da sede da fazenda, tendo como decoração alguns objetos antigos e uma típica paisagem bucólica bem próxima ao gado.

FOTOGRAFIA 6: Soraia Guimarães e o Café da Roça.



Dentro das cumbucas são guardados os biscoitos, pães, bolos e doces que são oferecidos aos turistas. Fonte: acervo pessoal.

FOTOGRAFIA 7: Produção de biscoitos do Café da Roça.



A família trabalha na produção de biscoitos e doces para o "Café da Roça". Fonte: acervo pessoal.

5.4 – Exploração da atividade turística

Após a caracterização das unidades produtivas que compuseram a amostra e a discussão do papel da mulher nessas propriedades rurais, que foram realizadas nos itens anteriores, assim como na busca pela conceituação da atividade turística apresentada no capítulo 4, partir-se-á agora para a compreensão da exploração do turismo nas propriedades que estão localizadas nas proximidades dos principais atrativos turísticos naturais de Carrancas. A partir do que se pode observar através da investigação empírica, em Carrancas, temos uma situação em que se mesclam propriedades que desenvolvem o turismo agregado a atividades agrícolas, ou sem a ligação com a agricultura ou pecuária. Ou ainda, há um outro tipo de exploração, cujo desenvolvimento do turismo ocorre fora das propriedades rurais, são fonte de recursos, os atrativos naturais, tais como as cachoeiras, corredeiras, trilhas, etc., o que demonstra a existência de um hibridismo da idéia de turismo rural, que deve marcar inclusive a interpretação da realidade da atividade turística em Carrancas.

De posse da realidade observada do turismo em Carrancas, verifica-se que existe algo mais do que apropriação do modo de vida rural com a utilização do espaço das unidades produtivas ou de hospedagem nas fazendas. Ou seja, a partir da pesquisa empírica, pode-se constatar que os turistas que ali chegam, apesar de seu interesse pelas fazendas de época, pela importância histórica da Estrada Real ou ainda pelos alimentos produzidos nas unidades produtivas que contribuem bastante para aguçar o chamado imaginário rural, o que se tem de fato, é uma mescla de atrativos, em que os naturais ocupam importante espaço no interesse dos turistas, o qual consideravelmente reforçado pelo aspecto da vida rural, que poderá ser encontrada nas fazendas. Isso evidencia, com exatidão, o estado da arte do turismo em Carrancas, existindo atrativos naturais e ecológicos, por um lado, e elementos típicos da vida rural, por outro. Assim, constituem uma relação de interdependência no que concerne ao estabelecimento da atividade turística na região.

Quando RODRIGUES (2000) procede a uma classificação de tipos de turismo ecológico e rural, também procura demonstrar a sua aproximação, apontando, assim, para uma classificação mais híbrida da atividade turística. Logo, de posse dessas classificações específicas e considerando o caso de Carrancas, podemos observar uma mistura de elementos de ruralidade no turismo, em especial

na utilização das fazendas que se encontram em pleno funcionamento³⁴, com os atrativos naturais que, em alguns casos, ficam dentro ou no caminho das próprias fazendas. Assim, tendo como base o contato com turistas que freqüentam Carrancas, notou-se que é na mistura e na aproximação das paisagens e atrativos naturais de lazer, com este contato com o modo de vida rural, que se torna possível o estabelecimento de um apelo fundamental para atrair turistas para aquela região. Mais do que isso, se utilizamos o chamado “imaginário rural” apontado por VERBOLE para interpretar a realidade de Carrancas, certamente podemos classificá-lo como sendo construído a partir de uma mescla de elementos da natureza com o *ethos* rural, e isso certamente é o que de mais peculiar se pode encontrar na atividade turística em Carrancas.

Com o objetivo de entender melhor a dinâmica da atividade turística em Carrancas, buscou-se aferir a importância de alguns atrativos típicos do turismo ecológico (como cachoeiras, trilhas, grutas, ou atividades como o *rapel* ou *trekking*), e do turismo rural (áreas de pesca, carros de boi e cavalos para passeios nas fazendas, participação na produção em geral). Procurou-se também a consideração de elementos que constituem a estrutura em geral das propriedades como hospedagem, bares e restaurantes, além da infra-estrutura pública como o sistema de transporte e as estradas de acesso, o sistema de comunicação e o saneamento básico. Por conseguinte, para o alcance dos objetivos propostos, durante as entrevistas, foram relacionados alguns itens para que os entrevistados pudessem informar se eles faziam parte de sua propriedade ou se ao menos existiam nas proximidades da unidade produtiva. Desse modo, foram apresentadas algumas categorias de análise para uma compreensão da existência de atrativos e equipamentos turísticos, bem como para que se pudesse proceder a uma análise das estratégias de incorporação de outras atividades.

Nesse sentido, foram utilizadas quatro categorias para análise dos dados: “não possui na propriedade e nem nas proximidades”, que nos indica a inexistência de potencial para o desenvolvimento da atividade turística na unidade produtiva; “não possui na propriedade, mas existe nas proximidades”, que apesar de limitado, demonstra algum potencial para o desenvolvimento da atividade turística; “possui somente na propriedade”, que aponta para um bom potencial turístico; e “possui na

³⁴ Vale dizer que nem todas as fazendas de Carrancas encontram-se funcionando como unidades produtivas.

propriedade e nas proximidades”, que foi interpretado como sendo um elevado potencial turístico. A partir disso, procedeu-se uma avaliação do desenvolvimento da atividade turística, com a consideração desses itens que se constituem como elementos de atração aos turistas.

Foram poucos os relatos de proprietários rurais que registrassem a inexistência de alguma cachoeira ao menos nas proximidades da unidade produtiva³⁵, evidenciando um potencial elevado e generalizado para a exploração da atividade turística entre as unidades produtivas pesquisadas. Entretanto, sobre a estrutura de hospedagem em quartos ou em área de camping, verificou-se que embora não sejam tão importantes quanto os atrativos naturais, ainda representam certo potencial para a exploração da atividade. Ainda considerando as informações dos entrevistados sobre os diversos itens relacionados ao turismo, alguns serviços como o carro de boi para transporte de turistas, participação na produção do leite, ou no plantio e colheita, não se constituem como fundamentais no processo de desenvolvimento do turismo em Carrancas, pois praticamente não são oferecidos pelas propriedades daquela localidade (ver tabela 10).

Com base nesses dados sobre a existência ou sobre as proximidades de atrativos turísticos nas propriedades, partiu-se para algumas inferências acerca da atividade turística, principalmente no que concerne à definição do “tipo” de turismo que é praticado naquela localidade, bem como as principais características da atividade em Carrancas. Assim, conforme foi discutido no capítulo 4, apesar da importância do contexto que é estabelecido pelo modo de vida rural através da busca do “imaginário rural” (VERBOLE, 2002), a exuberância natural é igualmente importante. Logo, os atrativos ecológicos – especialmente as cachoeiras – se constituem como elementos fundamentais no processo de exploração do turismo naquela localidade, como forma de atrair o interesse dos visitantes por uma marcante exuberância natural, em um cenário carregado de um modo de vida diferenciado, que é o contexto da ruralidade. Nesse sentido, a mescla da exuberância natural com a ruralidade é o que garante à maioria das propriedades pesquisadas um elevado potencial turístico que pode ser desenvolvido, visto que estão próximas a atrativos naturais e podem propiciar aos visitantes além das belezas naturais, um modo de vida diferenciado daquele com que esses turistas

³⁵ O próprio fato de se ter utilizado uma amostra intencional, contribui muito para isso.

estão acostumados. E isso ajuda a construir o chamado “imaginário rural”, que para VERBOLE (2002) se constitui como um elemento fundamental para o desenvolvimento da atividade turística.

TABELA 10: Existência ou proximidade de atrativos turísticos nas propriedades localizadas nas proximidades dos atrativos naturais no município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.

Atrativos específicos	Se incorporou a atividade turística	Existência de algum atrativo								Total	
		Não possui na propriedade nem nas proximidades		Não possui na propriedade, mas existe nas proximidades		Possui somente na propriedade		Possui na propriedade e nas proximidades			
		N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)
Cachoeiras	Não	5	22,7	13	59,1	-	-	4	18,2	22	100
	Sim	-	-	2	20,0	2	20,0	6	60,0	10	100
Trilhas	Não	10	43,5	9	39,1	-	-	4	17,4	23	100
	Sim	1	10,0	4	40,0	-	-	5	50,0	10	100
Grutas	Não	13	56,5	8	34,8	-	-	2	8,7	23	100
	Sim	3	30,0	3	30,0	-	-	4	40,0	10	100
Área de pesca	Não	13	56,5	7	30,4	-	-	3	13,0	23	100
	Sim	3	30,0	3	30,0	2	20,0	2	20,0	10	100
Área de lazer em geral	Não	11	47,8	9	39,1	-	-	3	13,0	23	100
	Sim	1	10,0	2	20,0	3	30,0	4	40,0	10	100
Hospedagem em quartos/suites	Não	14	60,9	9	39,1	-	-	-	-	23	100
	Sim	2	20,0	3	30,0	1	10,0	4	40,0	10	100
Hospedagem em área de camping	Não	14	60,9	8	34,8	1	4,3	-	-	23	100
	Sim	3	30,0	2	20,0	2	20,0	3	30,0	10	100
Serviços de guias especializados	Não	14	60,9	9	39,1	-	-	-	-	23	100
	Sim	4	40,0	3	30,0	3	30,0	-	-	10	100
Bar ou restaurante para turistas	Não	10	43,5	13	56,5	-	-	-	-	23	100
	Sim	1	10,0	3	30,0	2	20,0	4	40,0	10	100
Carro de boi para transporte de turistas	Não	20	87,0	3	13,0	-	-	-	-	23	100
	Sim	6	60,0	4	40,0	-	-	-	-	10	100
Aluguel de cavalos para os turistas	Não	11	47,8	11	47,8	-	-	1	4,3	23	100
	Sim	2	20,0	5	50,0	1	10,0	2	20,0	10	100
Lago para “pesque-pague”	Não	15	65,2	7	30,4	-	-	1	4,3	23	100
	Sim	4	40,0	5	50,0	1	10,0	-	-	10	100
<i>Rapel</i>	Não	18	78,3	4	17,4	-	-	1	4,3	23	100
	Sim	3	30,0	6	60,0	-	-	1	10,0	10	100
<i>Trekking</i>	Não	19	82,6	4	17,4	-	-	-	-	23	100
	Sim	3	30,0	5	50,0	-	-	2	20,0	10	100
Passeio pela fazenda	Não	16	69,6	7	30,4	-	-	-	-	23	100
	Sim	1	10,0	5	50,0	2	20,0	2	20,0	10	100
Participação na produção de leite	Não	18	78,3	5	21,7	-	-	-	-	23	100
	Sim	6	60,0	1	10,0	3	30,0	-	-	10	100
Participação no plantio	Não	20	87,0	3	13,0	-	-	-	-	23	100
	Sim	6	60,0	-	-	3	30,0	1	10,0	10	100
Participação na colheita	Não	20	87,0	3	13,0	-	-	-	-	23	100
	Sim	6	60,0	-	-	3	30,0	1	10,0	10	100

Fonte: Pesquisa de Campo em Carrancas 12-15/10/05

Não obstante, tem-se o intuito de aprofundar no debate acerca da importância da presença dos atrativos na propriedade ou nas proximidades, como elementos relevantes para o desenvolvimento da atividade turística. Buscou-se comparar os proprietários rurais que decidiram incorporar atividade turística com aqueles que preferiram – ou não puderam – introduzir o turismo em suas unidades produtivas. Assim, notou-se que, para os que incorporassem a atividade turística, apesar de não ser decisivo e fundamental, era necessária a existência de alguns atrativos naturais, serviços ou estrutura apropriada. Isso tem se tornado importante para os proprietários rurais de Carrancas para o atendimento das demandas trazidas pelos turistas para a atenção do seu “imaginário rural” (ver tabela 10). Essas afirmações puderam ser comprovadas através da representante do setor de turismo da prefeitura de Carrancas e fundamenta-se na constatação da demanda dos turistas pelos elementos expostos anteriormente, que são aliados ao estabelecimento de uma certa comodidade nas instalações.

A pesquisa empírica evidenciou a existência de uma relação entre a proximidade com o atrativo turístico e a decisão de incorporar o turismo na propriedade, conforme discutido anteriormente. Logo, com base nos dados apresentados na tabela 10, bem como pelas entrevistas semi-estruturadas, pode-se partir para considerações acerca da importância da proximidade da propriedade com os atrativos naturais – cachoeiras, grutas e trilhas –, que nesse caso se apresenta como uma possível condição necessária para o desenvolvimento de algum tipo de atividade turística naquela localidade.

Outro elemento a ser considerado é a estrutura montada pelos produtores rurais para a atividade turística, em que se pode destacar, em primeiro lugar, as áreas de pesca, que além do turismo, podem servir também para a produção de peixes para o comércio em geral ou mesmo para o consumo interno. Esses elementos se mostram menos intensos como fator gerador de demanda turística do que os atrativos naturais como cachoeiras, trilhas e grutas. Contudo, ainda que com menor intensidade, verificou-se uma importante aplicação econômica para esse tipo de empreendimento na exploração de seu potencial turístico, com o estabelecimento de um pesque-pague que, de acordo com que se pôde apurar com a pesquisa empírica, tem apelo razoável junto aos turistas. Entretanto, de uma forma geral, o estabelecimento de uma estrutura de pesque-pague nas propriedades para a exploração turística não tem sido a estratégia de ação dos proprietários rurais de

Carrancas. Isso pode ser confirmado pelo fato que apenas dez dos produtores entrevistados afirmam que, apesar de existirem em sua propriedade ou nas proximidades áreas de pesca, ainda assim não se decidiram por incorporar a atividade turística em sua unidade produtiva. De qualquer forma, ainda que não seja fundamental na decisão de explorar o turismo na unidade produtiva, observa-se que a presença desse tipo de empreendimento constitui um padrão razoável para a incorporação de tal atividade. A mesma linha interpretativa serve de orientação para refletir acerca das áreas de lazer em geral, uma vez que a maioria dos que não desenvolvem a atividade turística não possuem esse tipo de atrativo em sua propriedade (47,8% das unidades produtivas) ou existe somente nas proximidades (39,1%). Para aqueles que desenvolvem o turismo, verificamos o mesmo padrão observado nos demais itens, ou seja, existe uma maior frequência de incorporação do turismo em propriedades que estão mais próximas a algum tipo de atrativo.

Ainda tratando da estrutura que possa contribuir para a decisão de desenvolver a atividade turística, faz-se necessária a interpretação de itens como a hospedagem, que se constitui em empreendimentos desenvolvidos especificamente para o atendimento das demandas do turismo. Ou seja, na maioria dos casos de incorporação, existe na propriedade ou ao menos nas proximidades algum tipo de hospedagem – hotéis-fazenda ou pousadas. Já sobre a existência de área de camping, verificou-se que os quatorze proprietários que não incorporaram (60,9%), afirmam não existir em suas proximidades esse tipo de estrutura. Ainda assim, oito produtores rurais (34,8%) que não incorporaram a atividade reconhecerem que existe alguma área de camping nas redondezas de sua propriedade. Também sobre os serviços de guia especializados, verificou-se um padrão parecido com os itens de hospedagem em área de camping. Além disso, é importante observar que a ausência desse serviço na propriedade ou nas proximidades, apesar de não impedir os proprietários interessados em se tornarem empreendedores do turismo, tem se tornado certo entrave para a incorporação da atividade turística, conforme se pode constatar em GRAZIANO DA SILVA e CAMPANHOLA (2000).

De acordo com os dados da pesquisa de campo (tabela 10) e tendo como referência a discussão sobre a conceituação da atividade turística no espaço rural, ficou evidenciado que os serviços típicos do chamado agroturismo não constituem a realidade turística em Carrancas. O serviço de carro de boi para transporte de turistas, por exemplo, não é oferecido nas propriedades e nem nas proximidades

das unidades produtivas que incorporaram a atividade turística. Isso contribuiu para a definição do tipo de turismo que ocorre em Carrancas. Reflexão semelhante também se aplica para o serviço de aluguel de cavalos aos turistas para os passeios pelas fazendas, a participação na produção de leite, no plantio ou na colheita. Logo, o tipo de turismo em Carrancas não segue a caracterização proposta por PORTUGUEZ (1999), o qual considera, nessa modalidade, o envolvimento direto com as atividades agrícolas, o que extrapola a apreciação do cenário, mas há a possibilidade de desempenhar alguma atividade produtiva.

Assim, com base nessas informações sobre a existência de determinados atrativos naturais, estrutura física para desenvolvimento da atividade turística, bem como os serviços especificamente relacionados com o turismo em áreas rurais³⁶, surgem algumas considerações importantes sobre as estratégias de incorporação dos produtores rurais de Carrancas, o que será aprofundado mais à frente. Em primeiro lugar, pode-se destacar que de todos os itens apresentados como elementos geradores de demanda turística, os mais importantes são os atrativos naturais. E que apesar de não se constituírem como condições suficientes para a incorporação do turismo em suas propriedades, são elementos fundamentais para a decisão de atuar com essa atividade, pois especialmente as cachoeiras se constituem como os principais atrativos de Carrancas. Isso foi evidenciado não só pelas informações dos proprietários entrevistados, como também pelos técnicos e autoridades locais, que apontam para a necessidade de uma aproximação entre o modo de vida rural das unidades produtivas com os atrativos naturais.

Com relação à estrutura específica de hospedagem e restaurante, pode-se afirmar com base nas entrevistas junto aos proprietários rurais que, apesar de sua importância no desenvolvimento da atividade turística, é menos relevante que os atrativos naturais. Tudo isso, apesar de constituir infra-estrutura fundamental ao processo de incorporação do turismo como atividade econômica na propriedade, especialmente em empreendimentos maiores. Portanto, com base na pesquisa de *survey* evidencia-se que a deficiência de estrutura tem sido um fator complicador para a incorporação do turismo por parte dos proprietários rurais de Carrancas, mas não se consolida um empecilho intransponível para a decisão de incorporar a atividade turística.

³⁶ Refiro-me a qualquer tipo de modalidade da atividade turística como o turismo rural, turismo em áreas rurais, ecoturismo ou agroturismo.

Ademais, com intuito de aprofundar no debate acerca dos fatores que contribuem para a não incorporação do turismo, procurou-se indagar os produtores rurais sobre os principais motivos para não explorarem o turismo em suas propriedades (tabela 11). Alguns proprietários entrevistados disseram que “*o turismo atrapalha a produção agrícola*”³⁷, seja pela presença dos turistas que poderia gerar problemas na fazenda ou mesmo pela dificuldade de administrar duas atividades econômicas. No caso da Fazenda Grão Mogol, por exemplo, que possui inclusive uma cachoeira dentro da unidade produtiva, o seu proprietário prefere não explorar a atividade turística principalmente pelos problemas: poluição da água que é consumida na fazenda e porteiras que são deixadas abertas ocasionando a fuga do gado (ver fotografias 8 e 9). Nesse caso, ao invés de solução para os problemas da agricultura e pecuária, poderia transformar-se em um problema duplo. Isso reflete as informações acerca da “*falta de tempo e de interesse*” para o desenvolvimento da atividade turística em suas propriedades rurais. Constatou-se também que o desinteresse de alguns entrevistados no investimento nesse tipo de atividade está relacionado com a falta de infra-estrutura pública em Carrancas, como, por exemplo, as estradas de acesso às propriedades rurais, problemas em relação à segurança pública, rede de atendimento hospitalar etc. Alguns proprietários demonstraram os motivos para não incorporarem o turismo.

“... o turismo atrapalha a produção da fazenda (...) O investimento para o turismo é muito alto (...) Aqui em Carrancas não tem estrutura para o turismo (...) Aqui não tem atrativo suficiente para o turismo (...) Não tenho tempo para esse negócio de turismo (...) Não tenho vontade de lidar com o turismo...” (Produtores rurais de Carrancas).

No entanto, o principal motivo relatado pelos proprietários rurais de Carrancas para não incorporar o turismo como alternativa econômica em sua propriedade está relacionado com a idéia da necessidade de investimentos elevados. Isso em parte reflete uma realidade, visto que para que se possam realizar grandes empreendimentos, como uma estrutura de hospedagem mais sofisticada, torna-se fundamental o investimento de quantias muito altas. Porém, pôde-se constatar pelo contato com alguns produtores rurais que as propriedades de Carrancas podem partir para a incorporação da atividade turística sem que tenha que realizar grandes investimentos, como no exemplo da Fazenda Cajuru³⁸, o que depende do tipo de estrutura que se pretende empreender. Isso se torna possível

³⁷ Os trechos entre aspas são citações dos produtores rurais.

³⁸ É na Fazenda Cajuru que é oferecido o “Café da Roça”.

dentro de um contexto de aproveitamento das potencialidades que são oferecidas pela natureza³⁹, bem como na busca por soluções simples como o caso do “Café da Roça” oferecido pela Sra. Soraia Guimarães que, com um baixíssimo investimento, consegue um importante aporte de renda para a sua unidade produtiva.

FOTOGRAFIA 8: Sede da Fazenda Grão Mogol.



A sede da Fazenda Grão Mogol recebeu a placa indicando que faz parte da Estrada Real. Fonte: acervo pessoal.

³⁹ A presença de atrativos naturais, como as cachoeiras, na propriedade ou ao menos nas proximidades, é um elemento fundamental para que esses produtores possam partir para a incorporação do turismo, sem que seja necessário empreender grandes investimentos em infraestrutura.

FOTOGRAFIA 9: Placa de proibição de entrada na cachoeira.



O proprietário da Fazenda Grão Mogol proibiu a entrada de turistas na cachoeira que fica dentro da propriedade pelos problemas que foram gerados. Fonte: acervo pessoal.

TABELA 11: Motivo para não oferecer nenhuma atividade turística nas propriedades rurais localizadas nas proximidades dos atrativos naturais no município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.

Motivo	Frequência	
	N	(%)
Turismo atrapalha a produção agrícola	2	8,3
Investimento muito alto	11	45,8
Não há em Carrancas infra-estrutura adequada	3	12,5
Não há atrativos suficientes na propriedade	4	16,7
Falta de tempo	2	8,3
Falta de interesse	2	8,3

Fonte: Pesquisa de Campo em Carrancas 12-15/10/05

Ainda em consideração aos produtores que não incorporaram a atividade turística em sua propriedade, buscou-se uma avaliação das expectativas que eles têm em relação a uma possível decisão de investimento no turismo. Nesse sentido, foram colocadas duas questões para os produtores rurais de Carrancas que não partiram para a exploração do turismo: como eles imaginam que estariam se tivesse incorporado a atividade turística; e qual a crença acerca dos produtores que incorporaram o turismo. Em ambos os casos percebeu-se uma avaliação positiva

sobre os possíveis resultados. Ou seja, os produtores entrevistados acreditam que estariam melhor se tivessem incorporado o turismo em sua propriedade e pensam que os produtores que estão explorando a atividade turística estão melhores, do ponto de vista econômico, do que se continuassem somente com a agricultura ou pecuária. A justificativa para essa avaliação positiva, tanto no que concerne à expectativa em relação aos demais produtores, quanto àquela relacionada com a possibilidade de incorporação da atividade turística em sua propriedade, é de que poderiam ter uma importante renda complementar e alternativa e que ainda poderiam ter o retorno do investimento. Apesar de considerarem que poderiam ter uma renda alternativa e uma conseqüente melhora das condições econômicas de suas unidades produtivas para suprir as inconstâncias da atividade agrícola, optaram por manter-se exclusivamente com a pecuária ou com a agricultura. Em parte, pode-se explicar a opção desses produtores em não incorporarem a atividade turística pela falta de infra-estrutura pública – estradas de acesso, saúde e segurança pública adequada, saneamento básico, etc. – e a estrutura interna necessária em sua propriedade para exploração do turismo⁴⁰. Outra preocupação dos produtores que não atuam com o turismo é o fato dessa atividade também gerar uma renda incerta, que depende de sazonalidade, o que gera receio para o investimento dos recursos que já são escassos. Isso foi observado nas afirmações dos produtores rurais entrevistados, consoante os trechos abaixo, ilustrados pelas seguintes frases colhidas de suas declarações.

“...o dinheiro do turismo é incerto, depende do feriado e do fim de semana (...) Nem sempre tem turista aqui, e aí como faço para pagar as contas (...) O leite paga muito pouco, mas sempre pinga um dinheiro, mas o turismo é só de vez em quando que temos dinheiro...” (Produtores rurais de Carrancas).

Por outro lado, entre os proprietários que incorporaram a atividade turística buscou-se uma compreensão acerca das suas principais motivações para a sua decisão de explorar essa atividade em sua propriedade. Para tanto, de acordo com os dados recolhidos nas entrevistas junto aos proprietários rurais foi observada a apresentação de vários motivos, tais como a vontade de “*substituir a produção agrícola*”, ou “*aproveitar o tempo ocioso*”. No entanto, as principais citações refletem motivos de ordem econômica como a idéia de “*equilibrar o prejuízo agrícola*”, e

⁴⁰ Esse problema da infra-estrutura foi evidenciado pelas informações dos proprietários rurais, especialmente no caso observado da Fazenda Grão Mogol, em que a chegada de turistas na cachoeira localizada dentro da propriedade tem trazido grandes problemas na água que é utilizada para o consumo na sede da fazenda.

principalmente “*aumentar os rendimentos*”. Esses fatores explicitam as necessidades de melhoria das unidades produtivas com o aporte de novos recursos econômicos. Tudo isso reflete que, para os produtores que incorporaram o turismo em suas propriedades rurais, a decisão foi marcada pela busca de uma melhoria das condições econômicas por acreditarem que esse tipo de atividade poderia gerar mais renda. Além disso, a maioria dos entrevistados afirmou que se não tivessem incorporado o turismo como atividade econômica em sua propriedade, mantendo-se exclusivamente nas atividades agrícolas, estariam piores do que já estavam no passado. Por conseguinte, os motivos para essa expectativa ruim na reflexão sobre a possibilidade de não terem incorporado o turismo, refere-se à pouca lucratividade que eles estão encontrando na produção agrícola, bem como ao aumento no custo de produção com o registro de seguidos prejuízos na agricultura e pecuária, o que é reflexo da falta de perspectiva do setor agrícola. Soma-se a isso a expectativa positiva que costuma ser difundida sobre a atividade turística.

Entretanto, alguns poucos produtores que incorporaram o turismo consideram ter conseguido agregar valor aos seus produtos agrícolas, visto que passaram a explorar um novo mercado consumidor entre os turistas. Assim, eles relataram que a chegada de turistas em suas propriedades, além de gerar recursos com a exploração dos atrativos naturais, também tem trazido uma valorização de seus produtos agrícolas, visto que esses turistas acabam pagando valores acima dos praticados pelo mercado convencional. Logo, eles entendem que não incorporar o turismo em suas unidades produtivas poderia representar o não aproveitamento dessa valorização. Nesse sentido, RUSCHMANN (2005) considera que a atividade turística contribui para “capitalizar” o meio rural, o que permite agregar valor aos produtos agrícolas e isso contribui inclusive para valorização da produção agrícola.

Assim, de acordo com as informações que foram coletadas, pode-se considerar que os produtores que estão localizados nas proximidades dos atrativos turísticos naturais de Carrancas, que estão atuando com o turismo em Carrancas, acreditam que os demais proprietários que não incorporaram essa atividade estão piores do que eles. Principalmente porque consideram que “*o meio rural está quebrado*” por conta da baixa lucratividade, dos preços ruins dos produtos agrícolas e das dificuldades que eles encontram com os atravessadores. Esses produtores “pluriativos”, ou seja, aqueles que diversificaram a sua unidade produtiva, em

especial com a atividade turística, acreditam que os “tradicionais”⁴¹ – aqueles que se mantiveram exclusivamente com a produção agrícola – estão acomodados e não perceberam que são vantajosas as várias possibilidades de incorporação de atividade alternativa que o turismo oferece, uma vez que possibilita a diversificação e um aumento dos rendimentos da propriedade. Por outro lado, alguns produtores entrevistados que não incorporaram o turismo como atividade econômica, relataram que “*tudo continua a mesma coisa*”, visto que “*o turismo em Carrancas é uma panelinha (...), pois somente uns cinco produtores que ganham*”. Isso demonstra uma preocupação com o estabelecimento de pequenos grupos, como o G10⁴², que pode até começar a controlar a atividade turística em Carrancas, exercendo algum tipo de controle econômico sobre o turismo local. Assim, esses proprietários temem que esse controle possa prejudicar os pequenos produtores, inviabilizando a sua participação no negócio. Além disso, entre esses produtores que acreditam que nada mudou, constatou-se uma avaliação pessimista acerca do volume de turistas, bem como dos recursos que são por eles deixados em Carrancas. Eles afirmaram que não há movimento de turistas suficiente em Carrancas para a geração de uma renda conforme se tinha imaginado anteriormente. E isso representa dizer que o investimento necessário para que se possa desenvolver esse tipo de atividade pode não ter o retorno esperado. E ainda aos atuais problemas econômicos das unidades produtivas poderia trazer conseqüências danosas para os produtores.

Outro ponto abordado acerca do desenvolvimento da atividade turística em Carrancas e da introdução desse tipo de atividade na propriedade, refere-se às possibilidades de estabelecimento de relações sócio-culturais diferenciadas. Assim, os proprietários rurais de Carrancas demonstraram algum tipo de preocupação com o tipo de ação que os turistas possam ter no meio rural. Nesse sentido, tem prevalecido entre os proprietários que não incorporaram a atividade turística, a idéia de que o processo de modernização, simbolizado pela emergência do turismo, se mostraria incompatível com a manutenção da cultura e das tradições locais. Por conseguinte, o medo dessa invasão “*dos de fora*”, se ancora em parte na percepção

⁴¹ Mais à frente partir-se-á para uma caracterização mais aprofundada dos tipos de proprietários rurais em relação ao desenvolvimento da atividade turística.

⁴² O G10 é um grupo de empresários que se instalaram em Carrancas com o objetivo de explorarem a atividade turística. São considerados como os grandes investidores do turismo na região, e que procuram controlar a atividade.

desses produtores de que o seu modo de vida vem sofrendo algum tipo de alteração sócio-cultural.

“...o turismo estraga a natureza, ninguém respeita (...) eles jogam lixo em qualquer lugar (...) a juventude que chega aqui traz muita insegurança por causa de brigas e roubos que acontece (...) tem muitas pessoas de fora usando drogas (...) A gente perde a liberdade, e não pode mais descansar no sábado e domingo, tem que ficar por conta dos turistas (...) É preciso trabalhar em dobro (...) É muito sacrificante pelos horários dos turistas (...) Eles depreciam a propriedade e a cachoeira que nós temos (...) Tem muito malandro que chega aqui com o turismo e, convive com a nossa família (...) A gente corre risco, porque não sabe quem está recebendo, pode ser gente boa ou até bandido (...) O turismo aqui em Carrancas começou de forma desordenada em um local que não tem estrutura. Prejudicou o meio ambiente porque as pessoas passaram a não respeitar mais. A cachoeira da Fumaça era perfeita e hoje está horrível. Outro exemplo é a cachoeira da Zilda onde as pessoas fazem fogueira, jogam latas de cerveja, e muito lixo (...) Tudo encareceu aqui em Carrancas com o turismo.” (Produtores rurais de Carrancas).

Evidencia-se, portanto, que a questão tem dimensões sócio-culturais e ambientais e reflete uma tentativa de defesa e manutenção das tradições culturais e preservação do meio ambiente, como forma de resguardar as suas raízes. Logo, com base nas informações prestadas pelos proprietários entrevistados, essa tensão que é provocada pela chegada dos “de fora” contribui para a rejeição da incorporação da atividade turística, ainda que esta lhes pareça uma interessante alternativa econômica para outro segmento de proprietários locais. Apesar disso, CARNEIRO (1997), referindo-se ao estudo sobre a região de Albiez-le-Vieux, uma aldeia dos Alpes franceses, considera que as possíveis transformações que o meio rural pode sofrer não representam necessariamente a sua descaracterização. O que pode ocorrer é a aceitação de novos traços culturais e até mesmo a busca por elementos que já estavam perdidos, em que os temas centrais são: diversidade, alteridade e heterogeneidade, conforme se discutiu no capítulo 3. Ainda de acordo com CARNEIRO (1997), ao contrário do que pensam os produtores de Carrancas, a introdução de novas atividades não-agrícolas poderia inclusive contribuir para a consolidação da identidade local. Logo, a autora está propondo uma reflexão acerca da nova ruralidade, oferecendo uma visão diferente da idéia de “transbordamento” ou de “penetração” do urbano sobre o rural, o que resultaria, em consequência, na modernização do rural. Isso tudo em um cenário de mudanças culturais, com o fim de suas tradições mais arraigadas. Por conseguinte, CARNEIRO nos traz a noção de ruralidade, como um referencial importante na tentativa de interpretar os sentidos das transformações que podem ocorrer com a emergência do turismo rural. E, com

isso, a ruralidade deve ser compreendida em um contexto de constante reestruturação da cultural local.

Um dos maiores problemas apontados pelos produtores de Carrancas relacionam-se com os impactos ambientais. Considerando alguns produtores, entre eles aqueles que incorporaram ou que rejeitaram a atividade turística, constatou-se a reflexão de que o excesso de pessoas nas cachoeiras tem gerado a depreciação de algumas delas como a Cachoeira da Zilda e a da Fumaça. Eles acreditam ainda que o turismo ocorre de forma desordenada, causando enormes prejuízos ambientais na cidade que, por serem de difícil reparo, acabam por trazer graves conseqüências para os moradores das áreas rurais de Carrancas. Aliás, esse foi o principal problema apresentado por vários produtores entrevistados, pois eles afirmaram que o lixo resultante desses turistas tem gerado grandes problemas ambientais, seja pela degradação e poluição de algumas cachoeiras que estão próximas das nascentes que fornecem água tanto para algumas propriedades rurais quanto para a área urbana, e que, além disso, o município, e tampouco os produtores locais, não estão preparados para resolver esses problemas considerados mais complexos.

Contudo, de acordo com as entrevistas semi-estruturadas realizadas junto aos técnicos e às autoridades locais, constatou-se que o turismo vem gerando algumas expectativas positivas na população envolvida, acerca da possibilidade de melhoria da infra-estrutura local, bem como das condições de vida da população rural. E, mesmo que se possa perceber a partir da pesquisa empírica algumas visões mais pessimistas sobre o resultado que o turismo pudesse gerar, ainda assim, um segmento dos proprietários rurais demonstra alguma esperança em que esse tipo de atividade possa trazer recursos e contribuir para o desenvolvimento local, melhorando a infra-estrutura do município, o que converge com as pesquisas de GRAZIANO DA SILVA e CAMPANHOLA (2000a), CRISTÓVÃO (2002), VERBOLE (2002), TALAVERA (2002), RUSCHMANN (2000), RODRIGUES (2000).

Nesse sentido, os produtores demonstraram uma avaliação muito positiva sobre o impacto dos seguintes itens apresentados no questionário de pesquisa que tratam da melhoria da infra-estrutura em geral: geração de emprego nas propriedades; geração de renda para os pequenos produtores; sistema de transporte; estradas de acesso; sistema de comunicação; e saneamento básico. A tabela 12 demonstra que, de uma forma geral, a maioria dos proprietários

entrevistados acredita que a atividade turística trouxe melhorias para o município de Carrancas.

TABELA 12: Opiniões dos proprietários entrevistados sobre o impacto nas variáveis sociais e de infraestrutura devido à atividade turística no município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.

Variáveis de infra-estrutura e social		Impacto				Total
		piorou	continua ruim	continua bom	melhorou	
Geração de emprego nas propriedades	N	5	3	4	22	34
	(%)	14,7	8,8	11,8	64,7	100
Geração de renda para pequenos produtores	N	6	8	2	18	34
	(%)	17,6	23,5	5,9	52,9	100
Sistema de transporte	N	1	1	6	26	34
	(%)	2,9	2,9	17,6	76,5	100
Estradas de acesso	N	-	2	4	28	34
	(%)	-	5,9	11,8	82,4	100
Sistema de comunicação	N	-	9	4	21	34
	(%)	-	26,5	11,8	61,8	100
Saneamento	N	1	5	12	16	34
	(%)	2,9	14,7	35,3	47,1	100

Fonte: Pesquisa de Campo em Carrancas 12-15/10/05

5.5 – As estratégias de atuação econômica dos proprietários rurais

Com base na definição de tipologia, partiu-se para a construção de categorias que possibilitassem uma classificação das estratégias estabelecidas pelos produtores rurais de Carrancas localizados nas proximidades dos atrativos turísticos naturais. Buscaram-se também elementos que se constituíssem em categorias particulares dessas estratégias, podendo, portanto diferenciar-se para a sua classificação. A partir disso, tornar-se-ia possível estabelecer comparações acerca das decisões que esses produtores tomam, com vistas ao crescimento econômico de suas propriedades rurais. Logo, caminhou-se para a construção de “tipos ideais”⁴³, para que se pudesse estabelecer algumas comparações sobre as

⁴³ Conforme concepção weberiana apresentada por JOHNSON (1997: 240).

possíveis estratégias de atuação econômica. Isso não quer dizer que esses “tipos ideais” sejam uma representação irretocável da realidade, ou mesmo uma idealização, como um “dever ser” do meio rural em Carrancas.

Nesse sentido, com intuito de compreender as diferentes estratégias que os proprietários rurais estabelecem para o desenvolvimento de suas unidades produtivas, buscou-se uma classificação a partir de algumas características que se pode perceber a partir da pesquisa empírica. Por conseguinte, essa classificação possibilitou o estabelecimento de critérios que pudessem diferenciar os “tipos” e características específicas das unidades produtivas, seja pela manutenção das formas e estratégias de produção, seja pela diversificação das propriedades, ou ainda pela substituição da agricultura e/ou pecuária por novas atividades. Assim, com intuito de interpretar a realidade do rural em Carrancas, buscou-se o referencial proposto por CARNEIRO (1997), que orienta a construção de “tipos” de agricultores, seguindo o exemplo da região de Nova Friburgo, que foi apresentada no capítulo 3.

Com base nesse referencial, procedeu-se a uma interpretação das estratégias econômicas das unidades produtivas rurais de Carrancas, procurando dividir os proprietários rurais de Carrancas da seguinte maneira: *Proprietários Tradicionais*, cuja orientação principal refere-se à manutenção de forma exclusiva da atividade agrícola; *Agricultores Pluriativos*, que mantiveram a sua produção agrícola, mas incorporaram a atividade turística em sua propriedade; e *Novos Empresários Rurais* que desenvolvem o turismo como atividade exclusiva ou principal. Esse terceiro grupo se difere do modelo referencial de CARNEIRO (1997).

O grupo dos *Proprietários Tradicionais* é caracterizado pelos produtores rurais que não incorporaram a atividade turística ou qualquer outra em sua propriedade, mantendo-se exclusivamente na atividade agrícola. Essa estratégia de manter-se somente como agricultor ocorre por falta de oportunidades, de interesse em outras atividades, pela inexistência de condições econômicas para altos investimentos que eles imaginam ser necessários para o desenvolvimento do turismo ou mesmo pela preocupação com as transformações sócio-culturais que podem resultar da exploração dessa atividade. Soma-se a isso um certo receio em assumir os riscos de uma nova atividade, que representa, em parte, algum desconhecimento de suas potencialidades e seus problemas. Nesse grupo, observa-se a maior parte das propriedades que foram visitadas para as entrevistas, perfazendo um total de vinte e três proprietários, o que representa 65,7% do total da

amostra de propriedades que estão localizadas nas proximidades dos principais atrativos naturais de Carrancas. Eles afirmaram que não exploram o turismo em sua propriedade rural, ainda que considerem que poderiam inclusive estar em condições econômicas melhores do que atualmente.

Por conseguinte, tendo como base a caracterização proposta por CARNEIRO (1997), bem como as informações coletadas na pesquisa de campo, pode-se considerar que esse tipo de proprietário vem passando por um forte desestímulo, pois sua produção está cada vez mais restrita a um mercado pequeno, que não passa do município de Carrancas ou, no máximo, encontra-se em seus arredores. Isso resulta na falta de competitividade de seus produtos. Vale dizer que, de acordo com o representante do setor de agricultura da prefeitura de Carrancas e com o da Emater, uma parcela considerável de hortaliças, verduras, legumes, frutas, aves, entre outros, que são consumidos em Carrancas, são produzidos em outras localidades. Assim, em Carrancas acaba se repetindo o padrão apontado por CARNEIRO (1997) sobre o “agricultor tradicional” da região de Nova Friburgo, em que se pode perceber a falta de condições econômicas para a melhoria de sua produtividade e a competitividade de seus produtos.

Para poder caracterizar esse tipo de proprietário rural, buscou-se uma compreensão a partir do tamanho da propriedade, e da renda média mensal de cada uma, através da informação que seu proprietário declarou arrecadar. Com relação ao tamanho, evidencia-se, de uma forma geral, que as propriedades rurais “tradicionais” são maiores do que aquelas em que o turismo aparece como alternativa ou como a principal fonte de renda. Isso pode indicar que o tamanho da propriedade não é uma condição fundamental para o desenvolvimento do turismo, ou seja, essa atividade pode ocorrer em pequenas propriedades (tabela 13). Mas, quando se observam as faixas de renda, percebe-se nesse tipo de propriedade um percentual mais elevado de proprietários com renda mensal mais baixa (ver tabela 14). Também entre esses proprietários “tradicionais”, conforme apresentado anteriormente na tabela 6, pode-se perceber que não há uma perspectiva acerca do potencial de consumo para os produtos agrícolas entre os turistas, visto que mais da maioria dos entrevistados (77,3%) afirmou não vender seus produtos – direta ou indiretamente – aos visitantes, considerando que somente os tradicionais mercados podem ser explorados para a venda de produtos agrícolas.

TABELA 13: Tipo de propriedade (exploração) por área (ha) das propriedades rurais localizadas nas proximidades dos atrativos naturais no município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.

Estratégias de atuação econômica		Estrato da área (ha)					Total
		Até 20	de 21 a 50	de 51 a 100	de 101 a 200	de 201 a 500	
Somente atividade agrícola	N	4	4	6	5	4	23
	(%)	17,4	17,4	26,1	21,7	17,4	100
Agrícola com incorporação do turismo	N	-	1	3	-	3	7
	(%)	-	14,3	42,9	-	42,9	100
Turismo como principal fonte de renda	N	3	1	-	1	-	5
	(%)	60,0	20,0	-	20,0	-	100

Fonte: Pesquisa de Campo em Carrancas 12-15/10/05

TABELA 14: Tipo de propriedade por faixa de renda (R\$) nas propriedades rurais localizadas nas proximidades dos atrativos naturais do município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.

Estratégias de atuação econômica		Estrato de renda mensal (R\$)					Total	
		até 500	de 501 a 1000	de 1001 a 3000	de 3001 a 5000	de 5001 a 9000		mais de 9000
Somente atividade agrícola	N	8	6	3	4	1	1	23
	(%)	34,8	26,1	13,0	17,4	4,3	4,3	100
Agrícola com incorporação do turismo	N	-	2	2	1	1	1	7
	(%)	-	28,6	28,6	14,3	14,3	14,3	100
Turismo como principal fonte de renda	N	2	-	2	-	1	-	5
	(%)	40,0	-	40,0	-	20,0	-	100

Fonte: Pesquisa de Campo em Carrancas 12-15/10/05

Por outro lado, identificou-se que, apesar de 65,2% desses *Proprietários Tradicionais* considerarem que a agricultura piorou em comparação ao passado, eles ainda permanecem atuando exclusivamente com atividades agropecuárias, conforme foi apontado na tabela 7. Esses proprietários, em sua maioria (59,1%), acreditam que poderiam estar em melhores condições econômicas se tivessem incorporado a atividade turística em suas propriedades. Os “tradicionais” (77,3%) também acreditam que os demais tipos de proprietários, os “pluriativos” e os “novos empresários rurais” atualmente detêm condições econômicas mais interessantes por

terem incorporado a atividade turística como fonte alternativa ou principal, respectivamente, em suas unidades produtivas.

Analisando especificamente algumas unidades produtivas “tradicionais”, notou-se que a falta de condições econômicas é o principal motivo para não desenvolverem outras atividades não-agrícolas, em especial o turismo. Nesse caso, o maior problema não é o desinteresse ou mesmo repulsa pela atividade turística, mas a falta de recursos financeiros para implementar novos elementos produtivos, ou mesmo infra-estrutura necessária para a atividade turística. Entre essas propriedades destacam-se as seguintes: Sítio Boa Vista, Retiro do Angola, Fazenda Novo Horizonte, Fazenda Vira-Mão, Sítio Bela Vista, Sítio Candeias, Sítio Olhos D’água, Fazenda Serra das Bicas, Sítio Gonçalo II, Fazenda Barro Preto, Fazenda Cruzinha, Fazenda Cachoeira e Sítio Grão Mogol. Esses proprietários acreditam que se tivessem incorporado a atividade turística em suas propriedades estariam em melhores condições na atualidade. Em sua maioria, os “tradicionais” não reconhecem a existência de um mercado de consumo relevante entre os turistas para os seus produtos agrícolas.

Ainda entre os proprietários “tradicionais”, encontramos alguns produtores que, apesar dos problemas atuais e da crise que afirmam passar com as atividades agrícolas e, mesmo podendo realizar investimentos para o desenvolvimento da atividade turística, preferiram não partir para esse tipo de empreendimento. As principais propriedades com essas características são o Sítio Capivari, a Fazenda Grão Mogol, a Fazenda Água Parada, a Fazenda Serra Nova e a Fazenda Boa Vista. Constatou-se entre os seus proprietários, que não há uma expectativa otimista em relação aos resultados da atividade turística, pois esses produtores acreditam que juntamente com as vantagens econômicas que podem resultar da exploração do turismo, aparecem uma série de problemas sócio-culturais e ambientais que torna desvantajosa a incorporação dessa atividade. A maioria desses proprietários entende que não existe um relevante mercado de consumo para os seus produtos agrícolas, que justifique os investimentos que são necessários.

Do segundo grupo, o dos *Agricultores Pluriativos*, fazem parte sete proprietários, que correspondem a 20% da amostra daqueles que se localizam nas proximidades dos principais atrativos turísticos. São produtores rurais que desenvolvem algum tipo de atividade agrícola, mas que passaram a explorar a atividade turística de forma alternativa e/ou complementar de renda, reconhecendo a

importância da diversificação de sua unidade produtiva, como condição para a melhoria de suas condições econômicas. Na busca pela caracterização desse proprietário rural, quanto ao tamanho, o tipo de propriedade *pluriativa* pode ser classificada com uma média parecida com a dos “tradicionais”, variando entre 50 e 100 hectares, mas com algumas propriedades com maiores extensões (tabela 13). Porém, se considerarmos o fator renda mensal, verificar-se-á que esse tipo de proprietário detém uma posição um pouco melhor do que os “tradicionais” e isso pode ser considerado um fator importante para diferenciar os tipos de proprietários, visto que entre os “pluriativos” temos uma média ainda mais elevada (tabela 14). De acordo com os próprios entrevistados, esse fato deve ser creditado à diversificação de sua unidade produtiva, especialmente com a incorporação do turismo, que possibilitou o aparecimento de uma renda extra, com uma conseqüente melhoria das condições econômicas, o que não estava disponível na monocultura do leite. Além disso, percebeu-se que os “pluriativos” demonstraram acreditar na importância dos turistas como mercado consumidor para os seus produtos agrícolas, posicionando-se com uma perspectiva mais otimista do que os “tradicionais”, conforme apresentado anteriormente na tabela 6. Ademais, foi possível identificar não só em consideração à perspectiva dos próprios produtores rurais que fizeram parte da amostra intencional, mas também pela opinião dos técnicos e autoridades locais, que a exploração desse “novo” mercado oferece potencial para a melhoria da renda nas propriedades rurais.

Outro ponto investigado foi a comparação do atual estágio da agropecuária local em relação ao passado. Nesse sentido, os proprietários rurais entrevistados classificam como sendo pior do que no passado. Os produtores do segundo grupo demonstraram uma visão um pouco mais otimista do que o primeiro grupo – o dos “tradicionais” –, visto que 42,9% dos “pluriativos” afirmam que, na atualidade, a produção agrícola continua tão boa quanto no passado ou até mesmo melhorou. Notadamente, essa avaliação positiva foi impulsionada pela diversificação econômica ocorrida nas propriedades, o que tem trazido, de acordo com a auto-avaliação dos produtores, uma melhora significativa no aporte de renda. Por outro lado, quando questionamos esses proprietários acerca da percepção de como estariam se não tivessem incorporado a atividade turística, identificou-se que não há uma posição claramente definida, o que demonstra que os “pluriativos” não souberam imaginar se estariam pior, ou melhor, do ponto de vista econômico. O

mesmo se pode dizer quando o questionamento sobre como estão os proprietários que não incorporaram o turismo, visto que eles se mostraram divididos quanto às possibilidades daqueles que não partiram para a incorporação da atividade turística em suas unidades produtivas.

Sobre esse tipo de proprietário, as respostas da representante do setor de turismo da prefeitura de Carrancas e do técnico da Emater foram convergentes com o referencial teórico proposto por CARNEIRO (1997), acerca dos tipos construídos para a reflexão da realidade do rural em Nova Friburgo. Em primeiro lugar, a convergência refere-se à decisão de se tornar pluriativos, já que, de acordo com a visão local – Secretaria de Turismo e Emater –, alguns desses proprietários rurais acabam partindo para esse tipo de empreendimento por falta de meios para a modernização de sua produção, o que faz com que eles acabem por perder a competitividade de seus produtos. CARNEIRO (1997) concorda com isso, afirmando que a escolha pela incorporação de outra atividade serve para romper com esse modelo, criando a possibilidade de uma renda maior do que a de origem agrícola. E assim, com intuito de uma melhoria econômica de suas propriedades, mas com reais impossibilidades de modernizá-las, esses *Proprietários Pluriativos* se destacam por uma visão empreendedora com vistas à exploração de oportunidades de negócio, o que foi constatado não só através do contato com os produtores, como também nas entrevistas semi-estruturadas junto aos técnicos e autoridades locais.

“...aqui nós percebemos que o turismo iria trazer dinheiro para o município, e as modificações que fizemos no sítio, foi para que a gente pudesse trazer esse dinheiro para o nosso negócio. (...) Aqueles que não se prepararam não conseguiram ainda ganhar com o turismo (...) Existem algumas propriedades aqui em Carrancas, que as pessoas não querem trabalhar no final de semana, e assim fica difícil ganhar dinheiro com o turista (...) Nós produzimos aqui para atender as necessidades do sítio, mas também vendemos aos turistas alguns dos produtos.” (Produtores rurais pluriativos).

Outro importante ponto convergente entre a percepção dos técnicos e autoridades locais com o referencial teórico observado em CARNEIRO (1997, 2003) e SCHNEIDER (2003), refere-se à ambigüidade e à heterogeneidade dos “pluriativos”. Nesse grupo de proprietários rurais, destacam-se aqueles que continuam atuando com a pecuária ou com a agricultura, mas não se excluem os que já não consideram a produção agrícola como tão importante na geração de renda nas propriedades.

A renda proveniente das atividades não-agrícolas pode ou não ser revertida na agricultura ou pecuária, dependendo de cada situação específica. Entretanto, de

uma forma geral, esse tipo de proprietário não pretende sucumbir às investidas do capital especulativo imobiliário, até em função de sua visão empreendedora que lhe aponta para possibilidades de investimento na propriedade muito além de sua exploração agrícola. A heterogeneidade classificada por CARNEIRO (1997) pode ser constatada na visão da representante da Secretaria de Turismo e do técnico da Emater, bem como nos dados coletados na pesquisa estruturada junto aos produtores, que nos indicam uma variedade de estratégias de incorporação e exploração da atividade turística, sem que se possa apontar claramente uma tendência uniforme. Ou seja, alguns desses proprietários acabam por desenvolver algum tipo de empreendimento mais ou menos complexo – dependendo da capacidade econômica de investimento – tais como: pousadas, hotéis, restaurantes, pesque-pagues. Em outros casos, como se constatou em Carrancas, os “pluriativos” somente realizam pequenos comércios e prestação de serviços em geral, que não demandam investimentos consideráveis, e que acabam por trazer um complemento de renda para esses produtores, como no exemplo já citado do “Café da Roça”.

O Hotel Fazenda do Engenho, o Sítio da Serra, a Fazenda Capivari, a Fazenda Serra das Bicas, a Fazenda Santa Inês e a Fazenda Cajuru são as principais propriedades pesquisadas que foram classificadas como “pluriativas” no meio rural em Carrancas, especialmente no que concerne à incorporação da atividade turística. Sobre o Hotel Fazenda do Engenho constatou-se a combinação de suas atividades agrícolas com o estabelecimento de uma adequada infraestrutura para o atendimento das demandas dos turistas conforme pode-se constatar nas fotografias 10 e 11. Nessa propriedade o papel que a mulher desempenha é fundamental para o desenvolvimento do turismo, pois além dos cuidados com a família, ela trabalha também na organização do hotel e da alimentação dos hóspedes. No Sítio da Serra, o seu proprietário, além de atuar com a pecuária de leite, incorporou a atividade turística em sua propriedade explorando um bar e uma área de *camping* (fotografias 12 e 13).

FOTOGRAFIA 10: Hotel Fazenda do Engenho.



Vista do pátio da sede do Hotel Fazenda do Engenho. Fonte: acervo pessoal.

FOTOGRAFIA 11: Hotel Fazenda do Engenho.



Instalações de hospedagem do Hotel Fazenda do Engenho. Fonte: acervo pessoal.

FOTOGRAFIA 12: Sítio da Serra.



Pecuária de leite no Sítio da Serra. Fonte: acervo pessoal.

FOTOGRAFIA 13: Sítio da Serra.



Local muito procurado por turistas, conhecida como "Camping do Oswaldo". Fonte: acervo pessoal.

Os *Novos Empresários Rurais* constituem o terceiro grupo de proprietários de Carrancas. De uma forma geral, eles se afastam das atividades agrícolas e têm como principal fonte de renda o turismo. Dentro da amostra intencional de proprietários rurais que estão nas proximidades dos atrativos turísticos naturais de Carrancas, eles representam um total de 14,3% ou cinco proprietários rurais. Para uma melhor caracterização desse tipo de unidade produtiva, podemos identificar dois subgrupos mais específicos: o primeiro, que apesar de ter na exploração do turismo a sua principal fonte de renda, ainda assim mantém a produção agrícola com o intuito de agregar valor ao serviço turístico; o segundo subgrupo refere-se aos proprietários rurais que atuam exclusivamente com o turismo, sem que seja desenvolvido qualquer tipo de atividade agrícola em sua propriedade. Esse tipo de proprietário se diferencia do modelo apresentado por CARNEIRO (1997), pois não se caracteriza como um produtor rural, seja *tradicional* ou *pluriativo*. Ele é um empresário que utiliza o meio rural somente como *lócus* privilegiado para o tipo de atividade empresarial que ele desempenha.

No sentido de caracterizar esse tipo de proprietário, buscou-se também uma compreensão da extensão da propriedade bem como da faixa de renda que é gerada para os proprietários dessas unidades produtivas. Sobre o tamanho, verificou-se que para o desenvolvimento da atividade turística não é necessária a existência de propriedades tão grandes, visto que as unidades produtivas dos “novos empresários rurais” são em geral menores do que as propriedades dos “tradicionais” e as *pluriativas*. Por outro lado, em consideração à renda gerada pelos produtores rurais, não se pode afirmar que o turismo seja a atividade que mais gera renda aos proprietários rurais (tabelas 13 e 14). Ainda com o intuito de buscar uma caracterização dos “novos empresários rurais”, constatou-se que eles também estão divididos em relação a sua percepção de utilização do mercado de consumo para os produtos agrícolas entre os turistas, visto que enquanto três proprietários afirmaram que vendem seus produtos diretamente aos turistas, outros dois produtores disseram que acreditam que não encontram mercado consumidor entre os visitantes (tabela 6). Assim, a eventual manutenção da produção desses produtores serve tão somente para construir um cenário rural que estimule o consumo de seus serviços de hotelaria e restaurantes. Isso evidencia que ainda não há entre os proprietários rurais de Carrancas um consenso do potencial que o mercado consumidor dos turistas pode propiciar.

A exemplo dos demais tipos de proprietários rurais, buscou-se também uma reflexão acerca da avaliação desses *empresários*, se por ventura não tivessem incorporado a atividade turística. Assim, pode-se perceber que a maioria (três proprietários) considera que estaria pior do que está hoje se não tivesse partido para a exploração do turismo em suas propriedades. Fazem parte desse grupo algumas propriedades como o Sítio Moralice, o Sítio Vargem Grande, Serra do Moleque, Hotel Fazenda Recanto da Serra, Pousada Sítio da Serra. Nessas propriedades verificou-se que a principal fonte de renda – em alguns casos a única – é a atividade turística. No caso do Sítio Moralice, o seu proprietário passou a explorar os atrativos naturais que estavam presentes em sua propriedade e, para isso, implementou uma infra-estrutura bem diversificada com área de pesca, bar e restaurante e chalés (fotografias 14 e 15).

FOTOGRAFIA 14: Sítio Moralice.



Área de pesca da propriedade. Fonte: acervo pessoal.

FOTOGRAFIA 15: Sítio Moralice.



Bar e restaurante em estilo rústico, que garante a ambientação dos turistas. Fonte: acervo pessoal.

5.6 – Itens de influência nas estratégias de atuação econômica

De posse da caracterização dos tipos de propriedades rurais de Carrancas, torna-se importante a busca pela observação e interpretação dos itens que possam influenciar as estratégias de atuação econômica que os produtores rurais localizados nas proximidades dos principais atrativos turísticos naturais estão desenvolvendo naquela localidade. Para tanto, proceder-se-á uma identificação da presença na propriedade ou nas proximidades de alguns itens específicos, tais como: os atrativos naturais (cachoeiras, trilhas e grutas); a estrutura específica para o desenvolvimento da atividade turística (hospedagem, bares, restaurantes, etc.); e alguns serviços específicos que estão relacionados ao agroturismo. Nesse sentido, para que se pudesse chegar às reflexões acerca das estratégias de atuação econômica, com a possibilidade de incorporação ou de rejeição da atividade turística, perguntou-se aos proprietários rurais entrevistados se existe algum atrativo natural, estrutura ou serviço específico em sua propriedade ou nas redondezas. O intuito específico era o

de verificar a influência de cada um desses itens na decisão de explorar a atividade turística (verificar tabela 15). Ou seja, uma forma de identificar os principais critérios do processo de decisão ou rejeição pela incorporação do turismo em Carrancas.

TABELA 15: Existência de atrativos naturais e turismo de aventura nas propriedades e próximas delas no município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.

Itens relacionados ao turismo – Estratégias de atuação econômica	Existência de itens relacionados ao turismo						Total	
	Não possui na propriedade nem nas proximidades		Não possui na propriedade, mas existe nas proximidades		Possui na propriedade ou nas proximidades		N	(%)
	N	(%)	N	(%)	N	(%)		
CACHOEIRAS								
Somente atividade agrícola	4	19,0	13	61,9	4	19,0	21	100
Agrícola com incorporação do turismo	1	16,7	1	16,7	4	66,7	6	100
Turismo principal fonte de renda	-	-	1	20,0	4	80,0	5	100
TRILHAS								
Somente atividade agrícola	9	40,9	9	40,9	4	18,2	22	100
Agrícola com incorporação do turismo	2	33,3	2	33,3	2	33,3	6	100
Turismo principal fonte de renda	-	-	2	40,0	3	60,0	5	100
HOSPEDAGEM EM QUARTOS								
Somente atividade agrícola	13	59,1	9	40,9	-	-	22	100
Agrícola com incorporação do turismo	2	33,3	2	33,3	2	33,3	6	100
Turismo principal fonte de renda	1	20,0	1	20,0	3	60,0	5	100
ÁREA DE CAMPING								
Somente atividade agrícola	13	59,1	8	36,4	1	4,5	22	100
Agrícola com incorporação do turismo	3	50,0	1	16,7	2	33,3	6	100
Turismo principal fonte de renda	1	20,0	1	20,0	3	60,0	5	100
SERVIÇO DE GUIA								
Somente atividade agrícola	14	63,6	8	36,4	-	-	22	100
Agrícola com incorporação do turismo	2	33,3	2	33,3	2	33,3	6	100
Turismo principal fonte de renda	2	40,0	2	40,0	1	20,0	5	100
BAR OU RESTAURANTE								
Somente atividade agrícola	9	40,9	13	59,1	-	-	22	100
Agrícola com incorporação do turismo	2	33,3	2	33,3	2	33,3	6	100
Turismo principal fonte de renda			1	20,0	4	80,0	5	100
ÁREA DE LAZER EM GERAL								
Somente atividade agrícola	10	45,5	9	40,9	3	13,6	22	100
Agrícola com incorporação do turismo	2	33,3	1	16,7	3	50,0	6	100
Turismo principal fonte de renda	-	-	1	20,0	4	80,0	5	100

Fonte: Pesquisa de Campo em Carrancas 12-15/10/05

Por outro lado, ao considerar somente aqueles que incorporaram a atividade turística, verificou-se que a localização da propriedade rural próxima dos atrativos naturais, que foram mencionados anteriormente, se constitui como condição *necessária* para a decisão de incorporar o turismo como atividade econômica. Porém, a proximidade com esse tipo de atrativo, especialmente as cachoeiras, não se consolida como elemento *suficiente* para que se possa desenvolver o turismo em sua propriedade. Em outras palavras, os dados de pesquisa sugerem a existência de uma associação entre a decisão de incorporar a atividade turística e a localização das propriedades próximas aos atrativos naturais. No entanto, a simples presença de uma cachoeira na propriedade ou mesmo nas proximidades não garante a decisão de incorporar, já que, de acordo com a percepção de “agricultores pluriativos” de CARNEIRO (1997, 177), é necessário ter “...uma visão empreendedora voltada para a exploração de recursos e das novas oportunidades locais...”. Além disso, o proprietário que pretende se decidir sobre a introdução desse tipo de atividade em sua propriedade necessita também de recursos financeiros para os investimentos em estrutura, precisa de disponibilidade de tempo e flexibilidade para aceitação de visitantes com culturas diferentes que trazem um novo ritmo de vida para a propriedade rural.

Tudo isso corrobora com a classificação acerca da atividade turística que foi proposta desde a construção do referencial teórico, em que se considera que o turismo rural deve ser compreendido não só pela apropriação do *modus vivendi* das propriedades rurais e como fator que gera interesse nos turistas, mas, deve ser compreendido, também, pelos elementos naturais que se constituem como importantes atrativos a esses visitantes. Nesse sentido, a atividade turística em Carrancas tem como característica fundamental um certo hibridismo, considerando as atividades que ocorrem dentro e fora das propriedades rurais. Fato que contribui para um conceito mais amplo de turismo, que possibilita a compreensão da realidade empírica de Carrancas. Por conseguinte, interpretar a realidade do turismo naquela localidade requer a mescla de elementos constitutivos do *ethos* rural com a importância do referencial ecológico. Assim, tanto a conceituação de GRAZIANO DA SILVA e CAMPANHOLA (2000), que assinala a possibilidade de reconhecer elementos não só internos à propriedade rural, mas todo o tipo de atividade que possa ocorrer nas suas imediações, quanto a de RODRIGUES (2000), que propõe uma interface entre elementos do modo de vida rural com o referencial ecológico,

contêm pressupostos fundamentais para compreensão do turismo rural em Carrancas. Logo, RODRIGUES (2000) oferece uma conceituação cuja classificação proposta é a de um turismo eco-rural, cuja exploração nas propriedades rurais de Carrancas necessita do impulso dos atrativos naturais, o que caracteriza um certo hibridismo da atividade turística⁴⁴.

Assim, antes de se partir para as reflexões finais deste trabalho, considera-se que, de uma forma geral, a decisão de incorporar a atividade turística à produção tradicional da fazenda ou de substituir a produção da agricultura e/ou pecuária, pode ocorrer dentro de um contexto amplo em que existam condições favoráveis na propriedade e atrativos naturais nas proximidades da propriedade. No entanto, grande parte dos produtores rurais mantém a estratégia de atuar somente com as atividades agrícolas e isso ocorre não só pelas dificuldades e incapacidade de investimento de recursos humanos e econômicos, como também por falta de interesse dos proprietários rurais de Carrancas, o que se soma a um certo medo de problemas que possam ocorrer com a exploração dessa atividade.

Nesse sentido, além das expectativas relacionadas às condições econômicas que os proprietários possam ter com o processo de incorporação do turismo, procurou-se também opiniões sobre os efeitos e as expectativas gerais sobre as possibilidades de desenvolvimento em geral de Carrancas como resultante do turismo. Buscou-se compreender como os proprietários rurais, que se localizam nas proximidades dos atrativos naturais, percebem isso. Portanto, trata-se especificamente da avaliação que os produtores fazem das possíveis vantagens que poderiam ser fruto da atividade turística, do crescimento e da ampliação da exploração da atividade turística em Carrancas. Notou-se que tanto os produtores “tradicionais”, quanto aqueles que incorporaram a atividade turística, sejam os “pluriativos” ou os *empresários*, apresentaram uma avaliação muito positiva de alguns elementos para o desenvolvimento local, como: geração de emprego nas propriedades, geração de renda para os pequenos produtores, o sistema de transporte, as estradas de acesso, o sistema de comunicação, e o saneamento básico. Os três tipos de proprietários, que foram construídos como referência, consideram que houve uma melhora na geração de emprego nas propriedades

⁴⁴ A pesquisa empírica demonstrou que em Carrancas não se pode pensar o turismo rural de forma isolada, considerando somente elementos típicos das fazendas. O referencial ecológico se mistura com os elementos do meio rural, constituindo-se uma mescla importante para o modelo de Carrancas.

(tabela 16) o que pode contribuir para o desenvolvimento de Carrancas. Isso foi corroborado nas entrevistas semi-estruturadas realizadas com técnicos e autoridades locais. Assim, todos os proprietários entrevistados que substituíram a produção agrícola pela atividade turística afirmaram que foram gerados mais empregos com o estabelecimento dessa atividade em Carrancas. Por outro lado, entre aqueles que atuam com o turismo, mas que continuam com a sua produção agrícola, apesar de se observar uma visão otimista acerca desse tipo de atividade, notou-se que dois produtores disseram que até piorou, demonstrando algum descontentamento com os problemas que são resultantes do turismo que é desenvolvido em Carrancas. Situação semelhante pôde ser observada também em relação à percepção sobre a geração de renda dos pequenos produtores.

Em tempo, de acordo com referencial teórico proposto por RUSCHMANN (2000), pode-se perceber em Carrancas um potencial de incorporação do turismo como fonte de renda complementar, especialmente entre os proprietários classificados neste trabalho como os “novos empresários rurais”. No entanto, se essa condição serve para esses investidores que chegam de outras localidades ou mesmo para os “nativos” que possuem capacidade de investimento, não se pode aplicar a mesma lógica interpretativa para os pequenos produtores se optarem pelo desenvolvimento de algum tipo de atividade relacionada ao turismo. Nesse caso, esse proprietário o faz a partir de uma combinação com as atividades agrícolas e quase sempre como um complemento, e não como a atividade principal.

GRAZIANO DA SILVA e CAMPANHOLA (2000) fazem uma associação direta entre os benefícios que podem ser gerados com o turismo nas áreas rurais, e o controle e a participação direta e indireta da comunidade local na atividade turística, pois só assim seria possível uma apropriação local dos possíveis benefícios que poderiam ser gerados⁴⁵. Esses benefícios podem variar desde a infra-estrutura local, em especial com os serviços públicos, até a possibilidade de uma transformação da realidade local com o surgimento de novos comércios e indústrias, e inclusive com a melhoria do setor agrícola. Da mesma forma, CRISTÓVÃO (2002) considera algumas possíveis melhorias que a atividade turística pode trazer para o meio rural (por exemplo a geração de emprego e de renda) que estariam associadas à “valorização de produtos locais” e à “dinamização das agriculturas locais”, o que,

⁴⁵ Sobre a apropriação dos benefícios diretos e indiretos vem à tona o problema da relação dos proprietários rurais com o G10, que será discutido nas considerações finais.

de acordo com o autor, poderia representar uma transformação da realidade do meio rural.

TABELA 16: Opiniões dos produtores localizados nas proximidades dos principais atrativos naturais, sobre os efeitos e as expectativas de desenvolvimento das variáveis sociais e de infra-estrutura no município de Carrancas, estado de Minas Gerais, 2005.

Itens de avaliação divididos – Estratégias de atuação econômica	Variáveis sociais e de infra-estrutura								Total	
	Piorou		Continua ruim		Continua bom		Melhorou			
	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)	N	(%)
GERAÇÃO DE EMPREGO NAS PROPRIEDADES										
Somente atividade agrícola	3	13,6	3	13,6	3	13,6	13	59,1	22	100
Agrícola com incorporação do turismo	2	28,6	-	-	1	14,3	4	57,1	7	100
Turismo principal fonte de renda	-	-	-	-	-	-	5	100	5	100
GERAÇÃO DE RENDA – PEQ. PRODUTORES										
Somente atividade agrícola	5	22,7	7	31,8	2	9,1	8	36,4	22	100
Agrícola com incorporação do turismo	1	14,3	1	14,3	-	-	5	71,4	7	100
Turismo principal fonte de renda	-	-	-	-	-	-	5	100	5	100
SISTEMA DE TRANSPORTE										
Somente atividade agrícola	-	-	1	4,5	3	13,6	18	81,8	22	100
Agrícola com incorporação do turismo	1	14,3	-	-	1	14,3	5	71,4	7	100
Turismo principal fonte de renda	-	-	-	-	2	40,0	3	60,0	5	100
ESTRADAS DE ACESSO										
Somente atividade agrícola	-	-	2	9,1	1	4,5	19	86,4	22	100
Agrícola com incorporação do turismo	-	-	-	-	3	42,9	4	57,1	7	100
Turismo principal fonte de renda	-	-	-	-	-	-	5	100	5	100
SISTEMA DE COMUNICAÇÃO										
Somente atividade agrícola	-	-	3	13,6	3	13,6	16	72,7	22	100
Agrícola com incorporação do turismo	-	-	1	14,3	1	14,3	5	71,4	7	100
Turismo principal fonte de renda	-	-	5	100	-	-	-	-	5	100
SANEAMENTO										
Somente atividade agrícola	-	-	4	18,2	10	45,5	8	36,4	22	100
Agrícola com incorporação do turismo	1	14,3	-	-	2	28,6	4	57,1	7	100
Turismo principal fonte de renda	-	-	1	20,0	-	-	4	80,0	5	100

Fonte: Pesquisa de Campo em Carrancas 12-15/10/05

Por outro lado, quando se observa a realidade do meio rural de Carrancas, que, de uma forma geral, tem recebido direta ou indiretamente alguns benefícios como resultantes da atividade turística, também se pode constatar que existem problemas a serem resolvidos nas propriedades rurais do município. E a atividade turística não se mostrou tão eficaz nesse sentido, pois, apesar da geração de empregos, de acordo com os técnicos, ainda existe um importante contingente de pessoas desempregadas. Somam-se a isso os problemas ambientais com a contaminação de nascentes e, conseqüentemente, da água, que é consumida em algumas propriedades rurais. Além disso, devem-se considerar os problemas com a segurança e com a saúde pública que, de acordo com a representante do setor do turismo da prefeitura, piorou muito com o crescimento do fluxo de turistas, pois a cota de atendimento do hospital filantrópico presente no município, que é paga pela prefeitura, tem sido utilizada em larga escala pelos turistas. Logo, o atendimento aos carranquenses fica precário ou obriga a prefeitura a aumentar o custo com a saúde pública local, e isso tem gerado um endividamento do município com esse hospital. Em relação à segurança pública, o pequeno contingente – um sargento e três policiais – não consegue garantir a segurança local, especialmente em momentos de maior fluxo de turistas. Situação semelhante já pode ser observada também em relação ao saneamento básico, especialmente o abastecimento de água, coleta de esgoto e o lixo. Sem contar também com os problemas que alguns proprietários rurais relatam, como o uso de drogas, festas indesejáveis como as *raves*, as porteiras de fazenda que ficam abertas facilitando a fuga do gado, entre outros problemas.

Seria, então, o turismo rural um grande engodo? Se a literatura indica a potencialidade para a melhoria das condições econômicas locais que possa ocorrer como fruto da introdução da atividade turística em áreas rurais, em Carrancas, embora se possa verificar muita expectativa otimista, na prática, os resultados não demonstram um grande avanço. Na verdade, não se pode constatar todos os benefícios que os entusiastas da exploração da atividade turística preconizam, o que explica, ao menos em parte, a decisão de alguns proprietários em manter-se exclusivamente nas atividades agrícolas. Essas questões serão discutidas no capítulo seguinte, das considerações finais, onde buscar-se-á uma reflexão acerca da relação entre os debates teóricos com os elementos empíricos que foram apresentados neste trabalho.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a caracterização realizada com base na pesquisa empírica e apresentada no capítulo 5, somada a alguns debates teóricos como o da discussão sobre as transformações em curso do rural no Brasil (capítulo 3) e, a reflexão sobre o turismo rural (capítulo 4), partir-se-á agora para as considerações finais. Nesse sentido, serão realizadas algumas reflexões sobre as condições dos proprietários rurais que foram observadas a partir da pesquisa empírica e que desempenham um importante papel na influência da decisão de incorporar ou rejeitar a atividade turística em suas propriedades. Além disso, serão demonstradas as reflexões sobre os objetivos de pesquisa, ou seja, verificar o tipo de turismo que ocorre em Carrancas; identificar as estratégias dos proprietários rurais na decisão de incorporar ou rejeitar o turismo; comparar as percepções dos produtores rurais sobre as vantagens e desvantagens do turismo; identificar se houve a melhoria da infraestrutura; verificar se foram gerados novos postos de trabalho direta ou indiretamente ligados ao turismo.

Sobre o primeiro objetivo específico, evidenciou-se que o tipo de turismo que ocorre em Carrancas é uma resultante da mescla entre o turismo rural e o ecoturismo e, só com essa classificação híbrida pode-se reconhecer com fidelidade as características específicas da atividade nessa localidade. Assim, a exploração da atividade turística em Carrancas depende essencialmente da preocupação dos seus

principais atores locais⁴⁶ na defesa de dois itens importantes. O primeiro deles é a preocupação ambiental, seja pela preservação das nascentes, corredeiras e cachoeiras, seja no cuidado com a destinação do lixo e do esgoto que são gerados pela população local e pelos turistas. Outro ponto importante refere-se à manutenção das tradições locais, que podem expressar-se nas características arquitetônicas das fazendas centenárias, na valorização da produção agropecuária e em outros tantos traços culturais que se mostram importantes para o “imaginário rural”. Por conseguinte, a compatibilização dos elementos sócio-culturais com os ecológicos representa a característica marcante do tipo de turismo que ocorre em Carrancas e, portanto, viabilizando o estabelecimento de um turismo sustentável no município. Logo, essa sustentabilidade da atividade turística em Carrancas só pode ser alcançada a partir dessa preocupação, em que não só os proprietários “pluriativos” aparecem como agentes importantes, mas também os “tradicionais”, visto que contribuem muito para a manutenção desse modo de vida rural.

A pesquisa empírica objetivou também a investigação da percepção dos proprietários rurais, dos técnicos e das autoridades locais, identificando se houve melhoria da infra-estrutura local e também se ocorreu uma ampliação da geração de emprego e renda como resultado da atividade turística. De uma forma geral, os proprietários entrevistados consideram que a exploração do turismo tem contribuído não só para a infra-estrutura do município, mas também para gerar novos postos de emprego, que relacionam-se direta ou indiretamente com o turismo. Contudo, apesar do otimismo quanto aos possíveis resultados do turismo, no que concerne a geração de emprego e renda, os técnicos e as autoridades, assim como os proprietários rurais, demonstram alguma preocupação em relação aos problemas que estão sendo gerados pela atividade turística. De acordo com a representante do setor de turismo da prefeitura municipal de Carrancas, o sistema municipal de saúde, o saneamento básico (abastecimento de água, coleta de esgoto e de lixo) e a segurança pública não conseguem atender às demandas geradas pela exploração da atividade turística em Carrancas. Nesse sentido, quando se discute o problema da compatibilização das necessidades e interesses econômicos com a manutenção do modo de vida local, encontram-se justificativas mais do que razoáveis para a decisão de um segmento dos proprietários “tradicionais” em manterem-se

⁴⁶ Proprietários rurais, técnicos e autoridades locais, agentes de turismo, etc.

exclusivamente com suas atividades agrícolas e rejeitarem a introdução do turismo em suas propriedades. Assim, o poder público deveria desempenhar um papel fundamental no processo de adequação da infra-estrutura local, assim como na oferta de serviços públicos compatíveis com as necessidades dos carranquenses. Caso contrário, a relação custo-benefício da exploração da atividade turística pode apresentar-se como desvantajosa e com um custo muito elevado para o município.

Outros dois objetivos da pesquisa referiam-se à busca de identificação das estratégias dos proprietários rurais em relação à atividade turística, e à apresentação da visão das possíveis vantagens e desvantagens resultantes dessa atividade. Acrescenta-se, também, a reflexão acerca dos elementos teóricos que foram apresentados nos capítulos iniciais deste trabalho, como forma de elucidar as possíveis convergências entre o referencial teórico e as evidências empíricas. Assim, levar-se-á em consideração o problema de pesquisa formulado desde a construção inicial do projeto, cuja questão seria identificar as características específicas das propriedades rurais que estão nas proximidades dos principais atrativos turísticos naturais⁴⁷, observando as suas condições atuais, além das motivações para a incorporação ou rejeição da atividade turística em suas propriedades e reconhecendo as motivações para a escolha de sua estratégia. Tudo isso é parte do debate que busca identificar a possibilidade de se compatibilizar as necessidades e os interesses econômicos com o desejo de manutenção das características da localidade.

Nos capítulos anteriores, consideraram-se algumas reflexões sobre as transformações que emergem no meio rural no Brasil. Parte desse debate, observado na literatura de referência, colocou-se como ponto divergente dos possíveis impactos resultantes das modificações em curso. Assim, por um lado partiu-se de uma orientação que levou-nos a considerar uma certa invasão do rural pelo urbano, como um “transbordamento” dessas características, em especial na visão em que os elementos econômicos aparecem como transformadores das características do rural⁴⁸, conforme os pressupostos apresentados sobre o “novo rural brasileiro”. Por outro lado, considerou-se uma reflexão que identifica a

⁴⁷ Nessas reflexões finais optou-se por focalizar um segmento que incorporou e outro que rejeitou. Isso possibilita um aprofundamento específico que, somado aos tipos de proprietários rurais construídos no capítulo 5, é de grande valia para as conclusões finais.

⁴⁸ Essa orientação teórica pode ser respaldada principalmente pelos defensores do chamado “novo rural brasileiro”, especialmente no “Projeto Rurbano”.

existência de uma “troca” de elementos simbólicos, em que as relações sócio-culturais aparecem de forma preponderante como objeto de análise. Essa orientação pode encontrar bases teóricas nos debates sobre uma “nova ruralidade”. Logo, pretende-se na conclusão deste trabalho, o rompimento de uma possível orientação marcada pela polarização conceitual, reconhecendo a possibilidade de compatibilizar os pretensos pólos opostos: processos sócio-econômicos e cultura local.

Por conseguinte, desde o início da pesquisa, evidenciou-se um dilema acerca da opção interpretativa que se tornou uma questão importante a ser desenvolvida neste capítulo. Deveríamos então, privilegiar os aspectos sócio-econômicos ou os culturais na compreensão da emergência do turismo em Carrancas? O estudo deveria basear-se nas condições relacionadas ao âmbito da produção ou por uma orientação em que se considerariam os elementos sócio-culturais? Será que a despeito dessas opções, seria possível estabelecer uma linha convergente de pensamento entre a concepção que privilegia a mudança no âmbito da produção com a orientação preocupada com a reconstrução do modo vida local?

Optou-se pelo aproveitamento das potencialidades dos referenciais teóricos, mesclando os diferentes elementos da literatura de referência, constituindo-se, portanto, uma orientação híbrida da realidade do rural no Brasil. Essa convergência conceitual forneceu as bases para a constituição de um referencial teórico de médio alcance, capaz de oferecer uma leitura diversificada de um fenômeno em sua constituição, cujos impactos resultantes de sua ação apresentam características diversas⁴⁹. Logo, a multiplicidade dos elementos constitutivos do turismo – a possibilidade de transformações do sistema de produção através da diversificação da unidade produtiva, as novas relações sociais e o possível processo de mudança cultural em Carrancas e em outras localidades – deve ser compreendida não como elementos isolados, mas ao contrário, reconhecendo a totalidade e amplitude de suas dimensões. Portanto, essa reflexão busca o reconhecimento de que um fenômeno com implicações tão diversas como o turismo, não pode ser analisado tão somente por uma de suas características mais perceptivas, em detrimento de outras

⁴⁹ A literatura disponível ressalta as múltiplas dimensões que a atividade turística pode representar não só pelas implicações econômicas, visto que se constitui uma importante atividade, mas também, e não menos importante, pelo que concerne aos impactos culturais, sociais, ambientais, entre outros, na localidade em questão.

igualmente importantes, mas que necessitam de um olhar mais aprofundado para o seu reconhecimento.

No capítulo anterior, ressaltou-se a referência das estratégias de atuação econômica, cuja orientação teve como base o fato de incorporar ou rejeitar a atividade turística. Entretanto, neste momento, buscar-se-á uma reflexão das múltiplas implicações que envolvem a atividade turística. Portanto, ainda que algumas evidências *a priori* apontassem que a possibilidade de incorporação seria algo economicamente viável e importante, e que ocorreu em Carrancas, pode-se ainda constatar razões consideráveis para a rejeição da incorporação do turismo por parte de alguns proprietários, devido às restrições que eles demonstram acerca dessa atividade. Essas restrições relacionam-se não só com o desejo subjetivo de defesa do seu modo de vida, em especial no que concerne à tranquilidade e segurança do meio rural, mas também objetivamente com a preocupação em relação à infra-estrutura local. Portanto, mesmo que a produção agrícola não ofereça perspectivas de condições melhores, alguns produtores demonstram receio de perder a sua identidade social. No entanto, a maior preocupação dos proprietários entrevistados refere-se a sua possível incapacidade econômica de disputar o mercado do turismo frente aos investidores dos principais empreendimentos turísticos da localidade.

Considerando os dados levantados na pesquisa empírica através do questionário estruturado, assim como as entrevistas semi-estruturadas, pode-se constatar que, de uma forma geral, há uma expectativa bem positiva dos produtores rurais em relação aos resultados econômicos da exploração da atividade turística. Isso nos aponta para a constatação de que o turismo rural em Carrancas tem sido considerado pelos proprietários rurais uma importante fonte de renda e uma possibilidade para a melhoria das condições econômicas das unidades produtivas. Entretanto, eles demonstram certa resistência acerca dos possíveis impactos sócio-culturais, ou dos problemas que podem ser gerados na infra-estrutura local e no meio ambiente, bem como do controle dos principais agentes econômicos. Por conseguinte, ao observar algumas propriedades rurais de Carrancas e a construção dos tipos de proprietários que foram apresentados no capítulo anterior, tem-se a possibilidade de compreender as características que compõem as transformações do rural no município, seja pela exploração do turismo ou de outra atividade não-agrícola, seja pela manutenção de uma exclusiva produção agropecuária.

Assim, os debates sobre o “novo rural” e “nova ruralidade” aparecem como elementos teóricos fundamentais que possibilitam o reconhecimento das implicações e dos elementos constitutivos das mudanças em curso no meio rural, especialmente em Carrancas. Nesse contexto da busca por convergências entre as diferentes abordagens teóricas em relação ao objeto empírico de pesquisa, temos que considerar como ponto central a relevância da pluriatividade, assim como a diversificação das unidades produtivas como um elemento fundamental do processo de modificação da realidade. Em outras palavras, independente do tipo de orientação teórica para compreender essas transformações, evidencia-se que a pluriatividade aparece como característica consideravelmente marcante para a realidade do rural em Carrancas. Ela aponta para a possibilidade de reconstruir as características das unidades produtivas, não só em relação ao sistema produtivo, mas em consideração também às possíveis mudanças das relações sócio-culturais. No entanto, isso não quer dizer que a pluriatividade represente uma inexorável tendência nesse contexto de transformação do rural em Carrancas ou que possa substituir a agricultura. Na verdade, considera-se que ela represente mais uma característica desse processo mais amplo de mudança. Portanto, se a pluriatividade aparece como ponto central dessas transformações, via introdução da atividade turística, não se pode compreendê-la como o fim da produção agrícola em Carrancas.

É importante ressaltar que o reconhecimento da introdução de novas atividades não-agrícolas no rural naquela localidade, como um elemento importante para as transformações em curso, não equivale à tentativa de diminuir a importância dos proprietários “tradicionais”, como se esses representassem necessariamente o atraso, em função de sua estratégia de atuação econômica. Em outras palavras, essa opção de rejeitar o turismo não reflete necessariamente uma negação ao moderno, ou uma tentativa de manutenção de velhas formas que deveriam pretensamente ser substituídas. Ao contrário, se constitui uma tentativa de defesa de suas tradições culturais e do seu modo de vida, que julgam estar ameaçado pela presença dos “de fora”, que possuem maior capacidade econômica de investimento. Nesse sentido, a chegada dos turistas pode representar um “perigo” à tranquilidade, à segurança, à manutenção de suas características culturais e, assim, acaba gerando algum tipo de rejeição por essa atividade.

Nesse sentido, apesar de um segmento dos proprietários rurais demonstrarem perspectivas muito pessimistas sobre o futuro das atividades agropecuárias, acreditando que os atuais problemas das condições econômicas das propriedades permanecerão no futuro, a decisão desses proprietários de não explorar essa atividade faz sentido em suas preocupações. Logo, para compreender os motivos para essa permanência na produção agrícola em face das condições objetivas tão desfavoráveis, é preciso considerar os elementos sócio-culturais que fazem parte da opção por esse tipo de atividade. Conforme discutido no referencial teórico no capítulo 3, a noção de multifuncionalidade da agricultura pode ser constatada também em Carrancas, pois esses proprietários enxergam na agricultura e pecuária um elemento fundamental que os identifica socialmente. Além disso, a idéia de continuidade às atividades desenvolvidas pelos pais pode representar também um valor a ser preservado entre os proprietários rurais. Assim, a construção de sua identidade social está fortemente marcada pela atuação na pecuária de leite e, portanto, romper com essa atividade pode representar a separação com o seu universo relacional, ou seja, com a comunidade em que vive. Por conseguinte, a rejeição da incorporação da atividade turística representa a tentativa de salvaguardar a sua identidade social.

Assim, a defesa dos interesses locais, pelos proprietários rurais, via manutenção desse modo de vida rural – que é representado pelos traços culturais da localidade – além de não significar uma simples negação à melhoria das condições objetivas da produção, se constitui elemento fundamental para a exploração sustentável da atividade turística. Isso ocorre, pois se deve pensar a atividade turística em áreas rurais a partir da manutenção dessas tradições, uma vez que o “imaginário rural”, que impulsiona a procura por essas áreas, é determinado justamente pela busca por localidades que mantiveram suas origens e costumes preservados. Nesse sentido, a defesa do rural que é realizada principalmente pelos proprietários “tradicionais” propicia também a manutenção do ecossistema, fundamental para a atração daqueles visitantes que procuram as belezas naturais. Por conseguinte, ainda que não intencionalmente, os proprietários rurais “tradicionais” cumprem um papel fundamental para o desenvolvimento da atividade turística local, pois garantem a sobrevivência dos elementos importantes para a exploração do turismo eco-rural em Carrancas, tais como o modo de vida rural e os atrativos naturais. Não obstante, essa postura dos proprietários “tradicionais” de

Carrancas de rejeitarem a exploração da atividade turística em suas unidades produtivas também pode se constituir um problema, uma vez que, apesar das necessidades de melhorias das condições econômicas, esses proprietários perdem oportunidades para a geração de renda alternativa e/ou complementar que resultam da atividade turística. Assim sendo, a sua opção pela defesa de sua identidade pode representar a perpetuação de seus problemas econômicos. Em síntese pode-se considerar que os proprietários entrevistados demonstraram algum receio em relação aos problemas que são gerados pela atividade turística que, em sua avaliação, pode trazer mudanças no modo de vida, assim como nas suas tradições culturais. Nesse sentido, os proprietários “tradicionais” preferem não assumirem os potenciais riscos que envolvem a atividade turística.

Por outro lado, temos os “novos empresários rurais”, que partem para a exploração da atividade turística sem a devida preocupação com os traços culturais locais. Eles oferecem aos turistas um simulacro da realidade, que pode ser construído a partir do capital que foi investido em suas propriedades. Constatou-se que parte desses “novos empresários rurais” não demonstrou preocupação com a manutenção das tradições locais, pois conseguem atrair os turistas uma vez que possuem propriedades com importantes atrativos naturais, e podem criar “cenários” rurais a partir de grandes investimentos. A rigor, alguns desses proprietários representam uma “invasão” de empresários urbanos, que enxergam no rural somente um *lócus* privilegiado para exploração econômica, sem a preocupação com a manutenção das tradições locais ou mesmo com o desenvolvimento das atividades agrícolas. Pode-se constatar também alguns proprietários mais antigos que desenvolveram uma visão empresarial da exploração de suas propriedades rurais, optando em romper com a produção agrícola.

A despeito disso, os proprietários “pluriativos”, além de representarem de certa maneira um ponto médio entre os “tradicionais” que se recusam a incorporar o turismo em suas propriedades e os “novos empresários rurais” que utilizam o meio rural para a exploração da atividade turística, buscam uma compatibilização das necessidades e interesses de melhoria das condições econômicas com a manutenção das tradições culturais. De certa forma, esses proprietários combinam as potencialidades dos “tradicionais” e dos “novos empresários rurais” partindo, portanto, por um lado, para a busca de novas fontes de renda, complementares ou alternativas, que possam melhorar as condições econômicas da unidade produtiva;

por outro lado, ao manter a sua produção agrícola, eles acabam contribuindo para a manutenção das tradições locais, o que é condição *sine qua non* para a exploração sustentável da atividade turística.

Por conseqüência, assumindo a importância do referencial da “nova ruralidade”, assim como a visão sobre o surgimento de um “novo rural”, os proprietários “pluriativos” estão convergindo com o alicerce teórico-conceitual utilizado para a interpretação das condições atuais do meio rural em Carrancas em face da emergência do turismo rural. Isso leva-nos a considerar a existência de uma dupla convergência complementar entre as linhas conceituais e o objeto empírico. A primeira linha convergente pode ser observada na relação entre os elementos teóricos, visto que o surgimento das atividades não-agrícolas, apesar de representar uma transformação econômica da realidade, não inclui necessariamente a perda das tradições locais, podendo até significar a reconstrução e a revalorização de seus significados. Nesse sentido, esses elementos teóricos não divergem no que concerne à interpretação da gestação de uma nova realidade para o rural, apenas enfatizam elementos diferentes e que devem ser encarados como complementares para se compreender essa realidade. A segunda linha de convergência apóia-se na relação entre a referência teórico-conceitual e a observação empírica e indica que não houve divergências tão significativas entre a teoria utilizada e a realidade observada em Carrancas. Logo, a emergência do turismo, especialmente se considerarmos as características dos proprietários “pluriativos”, pode ser compreendida à luz desses pressupostos teórico-conceituais. Isso ocorre principalmente porque eles são os principais atores das transformações que essas concepções teóricas estão se propondo a compreender, sendo decisivos no processo de surgimento de um “novo rural” em Carrancas, assim como na construção de uma “nova ruralidade”.

Em síntese, seja pela primazia das interpretações relacionadas às formas de produção, seja pela reconstrução e mudança sócio-cultural nas áreas rurais, alguns elementos se colocam como fundamentais nesse processo de transformação do rural, tais como: o surgimento e a incorporação de novas atividades não-agrícolas nas unidades produtivas, a pluriatividade, a multifuncionalidade, a transformação da infra-estrutura local, as mudanças das relações sócio-culturais, o empreendedorismo, e a diversificação das unidades produtivas. Com base nesses elementos, algumas evidências empíricas demonstram que os proprietários

“pluriativos” apresentam características que são convergentes com as abordagens e que, a despeito da importância dos “tradicionais” para o meio rural, se mostram como atores importantes para o processo de transformação da realidade do rural em Carrancas. Vale ressaltar que esses proprietários “pluriativos” aproveitaram as condições favoráveis como a proximidade dos atrativos naturais, para a decisão de incorporar a atividade turística e, que somada a sua visão empreendedora possibilitou a diversificação de suas atividades produtivas. Nesse sentido, as preocupações com os problemas que poderiam ser resultantes da incorporação da atividade turística, como as mudanças nas relações sócio-culturais, não se estabeleceram como empecilhos para esses proprietários, diferentemente do que ocorreu entre os “tradicionais”.

Portanto, essas transformações do rural aparecem em um contexto mais amplo cuja referência pode ser percebida empiricamente no processo de diversificação das unidades produtivas. Em Carrancas, os técnicos e as autoridades entrevistados afirmaram que o desenvolvimento dessas propriedades encontra-se dependente da decisão de partir para uma diversificação de sua produção. Na visão desses, o turismo, direta ou indiretamente, aparece como atividade privilegiada em face do potencial local, entretanto não se constitui a única possibilidade para os produtores rurais. Nesse contexto, a fruticultura também se potencializa como uma alternativa para que essas unidades produtivas possam equilibrar os prejuízos gerados pela pecuária. No entanto, pode-se constatar que entre os proprietários “tradicionais”, há uma resistência não só à atividade turística, mas também a qualquer tipo de diversificação de suas unidades produtivas. De acordo com a visão das autoridades e dos técnicos entrevistados, a monocultura do leite tem gerado problemas econômicos para esses produtores, uma vez que não conseguem livrar-se das dificuldades impostas pelo mercado de leite. Nesse sentido, concorda-se com esses técnicos que acreditam que a ampliação do leque de produtos é fundamental para a melhoria das condições dessas propriedades. Logo, entende-se que para a melhoria das condições econômicas dos produtores rurais seria necessário partir para a diversificação da produção da sua unidade produtiva, buscando uma alternativa que melhor se adequasse às suas condições, tais como a fruticultura, o beneficiamento do leite com a produção de laticínios em geral, a apicultura, e a atividade turística.

Por conseguinte alguns desses proprietários entrevistados estão iniciando um processo de diversificação da produção, admitindo a incorporação de novas atividades não necessariamente agrícolas em suas propriedades. A pluriatividade, portanto, a despeito de não representar uma tendência inexorável e uniforme para as unidades produtivas de Carrancas, vem se consolidando como uma recorrente opção para a construção de condições econômicas mais favoráveis aos proprietários rurais. Assim sendo, tomando como base a investigação empírica que foi realizada junto aos proprietários rurais participantes da amostra, constata-se que a pluriatividade não representou uma perda de identidade entre os “pluriativos”, uma vez que eles permanecem afirmando-se como “produtores rurais”, que aproveitam as condições favoráveis para a exploração da atividade turística, e não como empresários do turismo.

Observou-se que nas propriedades que incorporaram o turismo a mulher realiza um papel importante no desempenho de atividades direta ou indiretamente relevantes para a exploração dessa atividade. Seja no preparo de alimentos que serão consumidas, ou no cuidado com as instalações utilizadas pelos turistas, as mulheres atuam de forma marcante nas propriedades. Em algumas das propriedades entrevistadas⁵⁰ verificou-se que as mulheres são as maiores empreendedoras da atividade turística, o que não impede que elas continuem a desenvolver conjuntamente as atividades agropecuárias e aquelas relacionadas ao lar.

Assim, tendo como base as discussões apresentadas anteriormente, partir-se-á para reflexão sobre alguns desafios que se apresentam para o meio rural em Carrancas, tais como: o fortalecimento da agropecuária em Carrancas, a preservação da cultural local, a valorização dos produtos agrícolas e do artesanato, a participação da comunidade nas decisões sobre as políticas públicas locais de turismo, a criação de linhas de crédito para os pequenos proprietários, a diversificação da produção, a sustentabilidade ambiental, a criação de programas de qualificação de mão-de-obra, de geração de renda e emprego locais, e a adequação da infra-estrutura local e dos serviços públicos.

O fortalecimento da agropecuária local se constitui em um dos maiores desafios para o meio rural em Carrancas, uma vez que, independente do tipo de

⁵⁰ Em especial a Fazenda Cajuru, o Sítio Moralice e Hotel Fazenda Engenho.

estratégia que seja desenvolvida pelos proprietários rurais, não se cogita a rejeição das atividades agrícolas, mas sim a sua associação com outras novas atividades, especialmente o turismo. No entanto, algumas pessoas seduzidas pelos possíveis resultados oriundos da atividade turística em Carrancas começam a abandonar a produção agrícola, dificultando, portanto, a sua renovação.

A reconstrução e a preservação da cultura local também são questões fundamentais para o rural em Carrancas. Já se discutiu nesse trabalho que a própria valorização da produção agrícola traz em si uma reconstrução dos significados da cultura local. Assim, aproveitar a chegada dos turistas nos finais de semana e feriados, ou em eventos específicos como o carnaval e as festas religiosas, poderia representar a possibilidade de geração de emprego e renda, associado a uma estratégia de valorização dos traços culturais que coloca a cultura carranquense como objeto de consumo pelos turistas.

Por conseguinte, combinando o processo de fortalecimento da produção agropecuária e a revalorização da cultura local, temos como resultado a possibilidade de valorização dos produtos locais e esse também é um desafio para o meio rural em Carrancas, visto que a incorporação da atividade turística pode representar a chance dos proprietários rurais poderem explorar o mercado consumidor entre os turistas. Portanto, estimular a produção agrícola se constitui o ponto central para que os proprietários rurais possam aproveitar todo o potencial de consumo que se instala a partir da visita dos turistas, uma vez que a cultura local, além de seu significado simbólico, passa também a ter valor de mercado, como objeto de consumo que passa a ser vendida como qualquer outra mercadoria. Logo, os seus produtos são consumidos de forma especial, o que poderia realimentar toda a cadeia produtiva.

Outro importante desafio para a exploração da atividade turística em Carrancas é o de promover a participação dos atores locais⁵¹ no planejamento, na exploração e na apropriação dos recursos ligados ao turismo. Anteriormente discutiu-se a importância da participação desses atores, como forma de gerar benefícios para a comunidade local, a fim de se evitar que somente os maiores investidores, normalmente de fora do município, possam se apropriar

⁵¹ Por atores locais considera-se os proprietários rurais (tradicionais, pluriativos e os novos empresários rurais), os técnicos e as autoridades locais, além dos diversos atores que participam do negócio do turismo (hotéis e restaurantes, agências de turismo, associações voltadas para o desenvolvimento da atividade turística em geral).

exclusivamente da renda que é gerada pela atividade turística. E esse é um dos maiores problemas observado em Carrancas, uma vez que se constatou a existência de um pequeno “cartel” denominado G10, que procura defender os interesses dos empresários do turismo, que determinam preço e estratégias de mercado na exploração da atividade. Tudo isso ocorre sem a participação da comunidade local, especialmente os proprietários locais com poucos recursos financeiros.

Logo, além de um planejamento participativo da atividade turística, é necessário o estabelecimento de linhas de crédito específicas para que os pequenos proprietários possam também explorar a atividade e, conseqüentemente, apropriar-se dos recursos que são gerados. Por conseguinte, sem que existam programas específicos para geração de crédito a esses proprietários, somente os grandes investidores ou os “novos empresários rurais” poderão participar do negócio do turismo, perpetuando a exclusão dos pequenos proprietários. Além disso, uma política de crédito ao pequeno proprietário pode evitar que eles optem por vender as suas propriedades aos “novos empresários rurais”.

Na atividade turística, além dos resultados econômicos e dos aspectos sócio-culturais, a preservação ambiental é também um elemento importante. Como a atividade turística em Carrancas depende diretamente da exuberância natural, esse tipo de atitude garante a sustentabilidade da própria atividade turística. O que se pôde observar em Carrancas foi uma reclamação recorrente entre os proprietários rurais entrevistados sobre a degradação ambiental da exploração do turismo. Por conseguinte, cabe ao poder público melhorar ou criar mecanismos de conscientização de todos os envolvidos, a fim de minimizar os impactos ambientais no meio rural em Carrancas e viabilizar a exploração do turismo no município.

Uma preocupação importante é a garantia de boas condições de vida no rural, especialmente com a oferta dos serviços públicos adequados à população local. Nesse contexto, um importante desafio é a melhoria das condições atuais de alguns serviços públicos e da infra-estrutura local, o que vem recebendo impactos pela exploração não planejada do turismo. Pelo que se pôde apurar, tanto no questionário junto aos produtores rurais, quanto nas entrevistas semi-estruturadas, é que o poder público municipal atualmente não dispõe de mecanismos eficazes de planejamento e intervenção no que concerne à exploração do turismo em Carrancas. Mais do que isso, a Prefeitura de Carrancas sequer possui dados

sistematizados sobre a atividade turística, que possam balizar suas possíveis ações. Cabe, portanto, ao poder público conjuntamente com os principais agentes que exploram o turismo em Carrancas, buscar alternativas para garantir a qualidade de vida local. Logo, o estabelecimento de um planejamento participativo para determinar as diretrizes para a exploração da atividade turística, com vistas à minimizar os seus impactos no município, se constitui como um desafio a ser superado em Carrancas.

Além da valorização da produção agrícola, os programas e projetos para a melhoria das condições econômicas do rural em Carrancas devem passar necessariamente pela iniciativa à diversificação da produção. De acordo com os técnicos e as autoridades locais, o modelo de produção via monocultura do leite tem se mostrado ineficiente e desvantajoso para os proprietários rurais. Assim, com a incorporação de novas atividades na unidade produtiva, pode-se não só ampliar as possibilidades de geração de emprego e renda, como também romper com a dependência dos atravessadores do leite. Essa iniciativa à diversidade não pode, entretanto, ficar marcada exclusivamente pela exploração do turismo, não só pela sazonalidade da atividade, mas também pelo controle que é exercido pelo G10 na região.

Sobre esses desafios constatou-se alguns problemas que são resultantes da valorização da exploração da atividade turística em Carrancas. Conforme se pôde observar, o poder público local demonstra interesse no desenvolvimento do turismo no município, mas não tem buscado estabelecer elementos eficazes de controle dessa atividade no município. Apesar de alguns esforços do Departamento de Turismo da Prefeitura de Carrancas, verificou-se a inexistência de uma política municipal para a atividade turística, e tampouco uma preocupação com os interesses dos proprietários rurais locais. Inclui-se também o estabelecimento práticas efetivas de valorização da produção agrícola na região. Mais do que isso, o Departamento de Agropecuária da Prefeitura não demonstra existir nenhuma política específica para a defesa dos produtores rurais, a não ser algum tipo de assistência mais pontual. Em suma, esses desafios parecem estar longe de serem superados pelos principais agentes públicos locais, que de uma forma geral se mostram desinteressados, omissos ou até mesmo compactuantes com esses problemas que afetam os produtores rurais de Carrancas, especialmente no que concerne à emergência da atividade turística.

Embora não fosse objetivo deste trabalho, a pesquisa empírica detectou que um dos maiores desafios para o desenvolvimento da atividade turística em Carrancas refere-se às relações de poder no município, que em parte pode ser compreendida a partir da atuação de duas das principais organizações voltadas para a atividade turística: a Associação Comercial, Industrial, Turística e Agropecuária de Carrancas (ACITAC), e o Grupo dos Empresários do Turismo (G10). A ACITAC foi a instituição mais mencionada pelos pequenos proprietários rurais de Carrancas, que demonstram confiança em sua atuação no estabelecimento de estratégias de ação para o desenvolvimento da atividade turística. Além disso, constatou-se que a ACITAC contribui para o desenvolvimento do turismo em várias frentes, tais como: a venda da produção artesanal local para os turistas que visitam Carrancas; o fornecimento de guias para que os turistas possam se deslocar pelas propriedades em busca dos atrativos naturais; e a promoção de eventos e festas em geral, tais como a “Festa do Cavalo”. De uma forma geral, a ACITAC tem sido avaliada pelos produtores rurais como sendo uma instituição capaz de incentivar e desenvolver a atividade turística em Carrancas entre os pequenos proprietários, bem como contribuir com os produtores rurais locais que exploram o turismo, o comércio e os artesãos locais, quase sempre com ligação direta ou indireta com a atividade turística. Por outro lado, outra relevante organização voltada para a atividade turística em Carrancas é o G10, uma associação formada em sua maioria por empresários urbanos, proprietários de pousadas e restaurantes da região que resolveram criar esse grupo com intuito de explorar a atividade turística em Carrancas. Sua atuação gerou algumas controvérsias em todo o município, por sua relação de certo modo excludente, pois foi constituída por uma pequena parcela de proprietários rurais que vieram de outras localidades. Dessa associação, só participam proprietários com condições econômicas mais privilegiadas. Seus partícipes são vistos como “pessoas do fora da cidade” e que se constituíram como um “grupo fechado” de “fazendeiros que decidem o turismo” inclusive em relação aos preços que devem ser praticados. Os integrantes do G10, de acordo com os demais proprietários, são vistos como um grupo de “poderosos” e “mais estruturados”, que de alguma forma excluem os demais produtores locais com menos recursos e atrativos para investimento na atividade turística. Assim, pode-se considerar que os problemas relacionados à organização dos proprietários rurais de Carrancas têm se constituído em um entrave para o desenvolvimento da estratégia

de incorporação de atividades não-agrícolas em suas propriedades, em especial o turismo. Fato que resulta da dificuldade de organizar associações e cooperativas voltadas para esse tipo de atividade, que possam defender os interesses de proprietários com menor condição de investimento contra o pequeno “cartel”, que se desenvolveu na cidade. Nesse sentido, reconhece-se a existência de um tipo de conflito entre a ACITAC e o G10, o que nos remete a necessidade de pesquisas futuras para a compreensão da importância na exploração do turismo em Carrancas. Mais do que isso, o G10 não só inibe os proprietários rurais locais na exploração da atividade turística, como também procura estabelecer um movimento de estímulo para a venda de propriedades, o que pode acabar por gerar uma massa de ex-proprietários assalariados.

A relação entre a ACITAC, proprietários rurais (especialmente aqueles que não são considerados como empreendedores) e o G10, sugere um problema importante como resultante da exploração da atividade turística em Carrancas. Constatamos que na luta pelo mercado do turismo, os empresários que possuem maior capacidade de investimento, não só se apropriam de uma maior parcela do mercado, como também controlam as estratégias e planejamento do turismo local, e dos preços que são praticados. Isso faz com que os proprietários locais interessados na exploração da atividade turística tenham de sucumbir aos interesses pré-determinados pelo grupo dos empresários do turismo. Isso inclui a pressão pela venda de suas propriedades.

Logo, será possível conciliar os interesses dos proprietários rurais e as possibilidades econômicas relacionadas à atividade turística ao modo de vida rural em Carrancas? Se for possível, como realizar essa compatibilização? Até que ponto os proprietários rurais de Carrancas necessitam da atividade turística para a melhoria de suas condições econômicas? Existem outras alternativas para esses proprietários? A relação custo-benefício da atividade turística representa uma vantagem aos proprietários rurais?

Finalmente, podemos partir para a conclusão final acerca da hipótese de pesquisa que foi formulada, bem como de algumas das reflexões finais formuladas no parágrafo anterior⁵². Nesse sentido, como hipótese de pesquisa, considerou-se *a priori* que os proprietários rurais de Carrancas demonstravam interesse na

⁵² Algumas dessas questões formuladas se constituem como proposições para pesquisas futuras.

diversificação de sua unidade produtiva, especialmente com a exploração da atividade turística, mas que as condições econômicas e de infra-estrutura desfavoráveis se colocavam como entraves. Em parte, a pesquisa empírica pôde corroborar com essa hipótese que foi formulada, uma vez que parte dos produtores localizados nas proximidades dos atrativos naturais demonstrava um certo interesse pela incorporação do turismo como fonte de renda alternativa e/ou complementar. Por outro lado, confirmou-se que as dificuldades econômicas, bem como a incapacidade de realizar investimentos, se constituem empecilhos consideráveis para a decisão de explorar essa atividade. Não obstante, as preocupações sócio-culturais, representadas pela defesa das tradições culturais locais, e pela preocupação com a invasão de características urbanas alheias ao meio rural em Carrancas, também contribuem para a não incorporação de parte importante dos proprietários rurais daquela localidade. Constatou-se que, embora seja possível conciliar as necessidades e os interesses econômicos com a importância da defesa da cultura local, uma maior parcela de proprietários rurais de Carrancas prefere não misturar novos elementos, com medo dos problemas que podem ser gerados em suas propriedades.

Os proprietários rurais de Carrancas, especialmente os tradicionais, encontram dificuldades importantes no que concerne às mudanças no modo de vida que são provocadas pelo crescimento da exploração da atividade turística. Isso ocorre principalmente em relação aos impactos sócio-culturais e ambientais que são gerados no entorno e dentro das propriedades rurais. Há, portanto, uma dissonância entre as possibilidades econômicas da exploração da atividade turística e a manutenção do modo de vida rural, pois, não só os tradicionais, mas também parte dos pluriativos demonstram grande preocupação com a “invasão” de costumes que ocorre com a chegada do turista. Essa incompatibilização está muito ligada a três fatores principais: a falta de organização dos proprietários rurais de origem local com pouca capacidade de investimento; a ação dos agentes econômicos mais privilegiados, em geral oriundos de outras localidades; e a inoperância e/ou omissão do poder público local.

Por outro lado constatou-se algumas iniciativas de associativismo entre os produtores rurais no que concerne principalmente a atividade pecuária, mas eles demonstraram uma falta de interesse no estabelecimento de estratégias de ação em conjunto para a exploração da atividade turística. Isso contribui para o seu

isolamento na exploração da atividade, bem como na manutenção de sua fragilidade na disputa pelo mercado no negócio do turismo, diferentemente dos principais investidores do turismo que atuam quase sempre em conjunto. Com isso esses proprietários passam a sucumbir aos interesses dos proprietários dos principais complexos turísticos de Carrancas, e conseqüentemente, perdem o seu já pequeno potencial de competitividade. Soma-se a isso a inoperância e/ou omissão do poder público municipal no planejamento e controle da atividade turística em Carrancas, que não estabelece mecanismos efetivos de controle ambiental para a manutenção da qualidade de vida local, tampouco de instrumentos de defesa dos pequenos produtores que possuem potencial para a exploração da atividade turística, ou que mantenham-se na pecuária de leite. Acredita-se, portanto, que os proprietários rurais de Carrancas, apesar das condições naturais e paisagísticas bem favoráveis para a incorporação do turismo como fonte de renda em suas propriedades, não conseguem manter de forma competitiva a participação no negócio do turismo, frente à ação dos principais agentes econômicos.

Não obstante, ainda que os proprietários rurais de Carrancas queiram partir para a diversificação em suas unidades produtivas como estratégia de melhoria das condições econômicas, o turismo não se apresenta como a única alternativa. Conforme se pôde perceber na pesquisa empírica junto aos produtores, há um descontentamento latente em relação aos resultados obtidos com a pecuária leiteira, o que sugere uma abertura para outras atividades econômicas. Apesar de alguns deles partirem para a exploração do turismo, outros acabam atuando em uma outra atividade crescente na região que é a fruticultura, produção de eucalipto para algumas indústrias e comércio em geral. Nesse sentido, o turismo, apesar de sua importância, não se consolida como a única alternativa para os proprietários que pretendem diversificar a suas atividades produtivas. Logo, se a diversificação pode vir a ser uma importante estratégia para os proprietários rurais de Carrancas para a melhoria de sua situação econômica, o turismo não pode ser encarado como uma panacéia que resolveria os problemas desses produtores.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENTEJANO, P. R. **Reforma agrária e pluriatividade no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Dissertação de mestrado, UFRJ, 1997.

ALMEIDA, Joaquim A.; FROELICH, José M.; RIELD, Mário (orgs). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Campinas, SP: Papirus, 2000 (Coleção Turismo).

ALMEIDA, J.; BLOS, W. **O marketing do turismo rural e o desenvolvimento sustentável**. In: ALMEIDA, Joaquim A.; FROELICH, José M.; RIELD, Mário (orgs). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Campinas, SP: Papirus, 2000, (Coleção Turismo) p 65-74.

ALMEIDA, K. RIEDL, M. (orgs). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru/SP: EDUSC, 2000.

AMATO, Marta. **A freguesia de Nossa Senhora das Carrancas e sua história**. São Paulo: Editora Loyola, 1996.

BARRERA, Ernesto. **Situação do turismo rural na Argentina**. In: ALMEIDA, Joaquim A.; FROELICH, José M.; RIELD, Mário (orgs). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Campinas, SP: Papirus, 2000 (Coleção Turismo), p 181-208.

BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec. 4ª ed. 1999.

BLOS, Wladimir. **O turismo rural na transição para um outro modelo de desenvolvimento rural**. In: ALMEIDA, K. RIEDL, M. (orgs). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru/SP: EDUSC, 2000, p 199-222.

BRUMER, Anita; SANTOS, José Vicente Tavares dos. Estudos agrários no Brasil. In: **30 anos de sociologia rural em América Latina**. Montevideo: ALASRU, 2000, p. 33-69.

CALLADO, Antônio; CHALEGRE, Fernando. **Pluriatividade: gestão rural e desenvolvimento sustentável**. In: SOBER, Resumo dos Anais do 35º Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural; SOBER, 2003.

CAMPANHOLA, Clayton. In: Revista Globo Rural. **Turismo: fazendas mineiras abrem-se para visitação buscando renda extra**. Nº 191, set/2001.

CAMPANHOLA, Clayton; GRAZIANO DA SILVA, José. **O agroturismo como nova fonte de renda para o pequeno agricultor brasileiro**. In: ALMEIDA, K. RIEDL, M. (orgs). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru/SP: EDUSC, 2000, p 145-179.

CAMPBELL, C. **The romantic ethic and the spirit modern consumerism**. Oxford, Brasil Blakwell, 1987

CARNEIRO, Maria José. **Ruralidade: novas identidades em construção**. In: Resumo dos Anais do 35º Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural; SOBER, 1997.

CARNEIRO, Maria José. **A pluriatividade na agricultura familiar**. In: Revista Estudos Sociedade e Agricultura, 19, outubro 176-183, 2002.

CARNEIRO, Maria José; RENATO, S. Maluf (orgs). **Para além da produção**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

CARNEIRO, Maria José. **Agricultura, meio ambiente e turismo: desafios para uma agricultura multifuncional (Nova Friburgo, RJ)**. In: CARNEIRO, Maria José; RENATO, S. Maluf (orgs). **Para além da produção**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p 88-103.

CARLOS, A.F.A. **O turismo e a produção do não-lugar**. In *Turismo: espaço, paisagem e cultura*, org. Eduardo Yázigi e outros, São Paulo, Hucitec, 1996, p 25-37.

CARVALHO, Caio Luiz de. **Como a indústria do turismo pode ajudar o País a superar as dificuldades econômicas e reduzir nossas desigualdades sociais**. EMBRATUR – Brasília – 2001.

CAVACO, Carminda. **Turismo, comércio e desenvolvimento rural**. In: ALMEIDA, K. RIEDL, M. (orgs). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru/SP: EDUSC, 2000, p 69-94.

CHEQUER, Karina Lopes. **Pluriatividade no circuito da cachaça: agroindústria e turismo rural entre os agricultores familiares na região metropolitana de Belo Horizonte/MG**. Viçosa, MG, Dissertação de Mestrado, UFV, 2004.

CRISTÓVÃO, Artur. Mundo rural: entre as representações (dos urbanos) e os benefícios reais (para os rurais). In: RIEDL, M.; ALMEIDA, J. A.; VIANA, A. L. B. **Turismo rural: tendências e sustentabilidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

DIB, Paulo Spieker. **Instalações e serviços em turismo rural: a qualidade como garantia de competitividade**. In: RIEDL, M.; ALMEIDA, J. A.; VIANA, A. L. B. **Turismo rural: tendências e sustentabilidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002, p 231-239.

DONNEMEYER, Joseph F. **Turismo rural e cultura local: a experiência de Amish**. In: ALMEIDA, K. RIEDL, M. (orgs). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru/SP: EDUSC, 2000, p 117-143.

DOURADO, Auceia M.; SANTOS, Robério F. **Reinventando a ruralidade: características e especificidades do novo rural brasileiro**. In: SOBER, Resumo dos Anais do 35º Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural; SOBER, 2003.

ELESBÃO, Ivo. **O turismo como atividade não agrícola em São Martinho-SC**. In: ALMEIDA, K. RIEDL, M. (orgs). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru/SP: EDUSC, 2000, p 245-263.

FROEHLICH, José Marcos. **Turismo rural e agricultura familiar: explorando (criticamente) o cruzamento de abordagens e estratégias para o 'desenvolvimento'**. In: ALMEIDA, K. RIEDL, M. (orgs). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru/SP: EDUSC, 2000, p.181-197.

FROEHLICH, José Marcos; RODRIGUES, Ivone da Silva. **Atividade turística e espaço agrário: considerações exploratórias sobre o município de Restinga (RS)**. ALMEIDA, Joaquim A.; FROELICH, José M.; RIEDL, Mário (orgs). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Campinas, SP: Papirus, 2000 (Coleção Turismo), p 85-110.

FULER, A. M. **Part time farmer and the farm family: a note for future research**. Sociologia Ruralis, Netherlands, v. 23, n. 1, 1990.

- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo, Atlas, 1999.
- GRAZIANO DA SILVA, José; DEL GROSSI, Mauro E. **Evolução da renda nas famílias agrícolas e rurais: Brasil, 1992/97**. [on line]. Disponível na internet via www.eco.unicamp.br. Projeto Rurbano textos para *download*.
- GRAZIANO DA SILVA, José; DEL GROSSI, Mauro E. **O novo rural brasileiro**. [on line]. Disponível na internet via www.eco.unicamp.br. Projeto Rurbano textos para *download*, 2000.
- GRAZIANO DA SILVA, José; DEL GROSSI, Mauro E. **Ocupação e Renda nas Famílias Rurais: Brasil, 1992-98**. [on line]. Disponível na internet via www.eco.unicamp.br. Projeto Rurbano textos para *download*, 2000.
- GRAZIANO DA SILVA, J.; VILARINHO, C.; DALE Paul J.. Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil. In: ALMEIDA, Joaquim A.; FROELICH, José M.; RIELD, Mário (orgs). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Campinas, SP: Papyrus, 2000 (Coleção Turismo).
- GRAZIANO DA SILVA. **O novo rural brasileiro**. Belo Horizonte, Revista Nova Economia, v. 7, nº 1, 1997.
- GRAZIANO DA SILVA. **O que é questão agrária**. São Paulo: Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos (18), 1998.
- GRÜNEWALD, Rodrigo de Azevedo. **A reserva da jaqueira: etnodesenvolvimento e turismo**. In: RIELD, M.; ALMEIDA, J. A.; VIANA, A. L. B. **Turismo rural: tendências e sustentabilidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002, p 205-230.
- IANNI, Octavio. A sociologia numa época de globalismo. In: FERREIRA, Leila C. **A sociologia no horizonte do século XXI**. São Paulo, Boitempo Editorial, 1997, p. 13-25.
- JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Tradução Ruy Jungmann; consultoria, Renato Lessa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- LEAL, Rubens; SOUZA, Marcelino de. **Pluriatividade e atividades não-agrícolas nas famílias rurais gaúchas nos anos 90**. In: Resumo dos Anais do 35º Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural; SOBER, 2003.
- LAURENT, Christiane; MAMDY, Jean-François. **O turismo rural na França**. In: ALMEIDA, Joaquim A.; FROELICH, José M.; RIELD, Mário (orgs). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Campinas, SP: Papyrus, 2000 (Coleção Turismo), p 163-180.
- MACHADO, Álvaro. **Ecoturismo um produto viável: a experiência do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2005, 232 p.
- MAGRO, Teresa Cristina. Ambiente natural e turismo em meio rural. In: RIELD, M.; ALMEIDA, J. A.; VIANA, A. L. B. **Turismo rural: tendências e sustentabilidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002
- MARSDEN, T. Beyond Agriculture? Reestructuting Rurality: from order to disorder in agrarian political economy. *Sociologia Ruralis*, Netherlands, v. 29, n3/4, 1994.
- MARTINS, Anne Bastos. **Pluriatividade e agricultura familiar: as possibilidades e limitações do turismo rural**. Viçosa, MG, Dissertação de Mestrado, UFV, 2005.
- MARTINS, José de Souza. **O futuro da sociologia rural e sua contribuição para a qualidade de vida rural**. Rio de Janeiro, X Congresso da IRSA.

MALUF, Renato S. **A multifuncionalidade da agricultura na realidade rural brasileira**. In: CARNEIRO, Maria José; RENATO, S. Maluf (orgs). **Para além da produção**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p 135-154.

MAZUEL, Luc. **Patrimônio cultural e turismo rural: o exemplo francês**. In: ALMEIDA, K. RIEDL, M. (orgs). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru/SP: EDUSC, 2000, p 95-115.

MELO, Ana Paula de; RIBEIRO, Eduardo Magalhães. **Ecoturismo e desenvolvimento sustentável: o caso de Carrancas**. SOBER, Resumo dos Anais do 35º Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural; SOBER, 2003.

Ministério do Turismo. Diretrizes para o desenvolvimento do turismo rural no Brasil, 2003.

MONTENEGRO, Ruy. **Turismo rural e ecoturismo no Distrito Federal**. Brasília, DF, Dissertação de Mestrado, Universidad de las Islas Baleares, 2001.

ORTEGA, Antonio César. **Minas são muitas: todas ampliando suas atividades rurais não-agrícolas**. Revista Economia Ensaios, Uberlândia, v.16, n.1, p.75-93, 2003.

OMT – Organização Mundial do Turismo. **Guia para treinamento dos agentes multiplicadores nacionais, estaduais e monitores municipais**. Brasília, OMT e Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo, 1995.

PRESVELOU, Clio. **Ações inovadoras em turismo rural**. In: ALMEIDA, Joaquim A.; FROELICH, José M.; RIEDL, Mário (orgs). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Campinas, SP: Papyrus, 2000 (Coleção Turismo), p 143-162.

PORTUGUEZ, A. P. **Agroturismo e Desenvolvimento Regional**. Editora Hucitec: São Paulo, 1999.

RIBEIRO, Manuela. **Turismo rural em Portugal: dos seus protagonistas principais e da sua configuração**. In: ALMEIDA, Joaquim A.; FROELICH, José M.; RIEDL, Mário (orgs). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Campinas, SP: Papyrus, 2000 (Coleção Turismo), p 209-238.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. Editora Atlas: São Paulo, 1999.

RIELD, M.; ALMEIDA, J. A.; VIANA, A. L. B. **Turismo rural: tendências e sustentabilidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002, p.

RODRIGUES, Ivone da Silva. **A avaliação da paisagem para fins de desenvolvimento turístico**. In: ALMEIDA, K. RIEDL, M. (orgs). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru/SP: EDUSC, 2000, p 223-244.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo rural no Brasil: ensaio de uma tipologia**. In: ALMEIDA, K. RIEDL, M. (orgs). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru/SP: EDUSC, 2000a, p.51-68.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo eco-rural: interfaces entre o ecoturismo e o turismo rural**. In: ALMEIDA, Joaquim A.; FROELICH, José M.; RIEDL, Mário (orgs). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Campinas, SP: Papyrus, 2000b (Coleção Turismo), p 111-126.

ROTHMAN, Franklin D. **Estudo de caso como método científico de pesquisa**. In: Simpósio de Economia Familiar, 1994, Viçosa-MG. Anais do I Simpósio de Economia Familiar. Viçosa-MG : UFV, 1994. p. 246-255.

RUSCHMANN, D. Turismo rural e o desenvolvimento sustentável. In: ALMEIDA, Joaquim A.; FROELICH, José M.; RIEDL, Mário (orgs). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Campinas, SP: Papyrus, 2000 (Coleção Turismo).

SANTOS, José Vicente Tavares dos. "Crítica da sociologia rural e a construção de uma outra sociologia dos processos sociais agrários". **Ciências sociais hoje**. São Paulo: ANPOCS/Vértice, 1991, p. 13-51.

SCHENEIDER, Sergio. **A pluriatividade na agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SCHENEIDER, Sergio; FIALHO, Marco Antônio Verardi. **Atividades não agrícolas e turismo rural no Rio Grande do Sul**. ALMEIDA, K. RIEDL, M. (orgs). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru/SP: EDUSC, 2000, p 15-50.

SILVA, Maurem F.; ALMEIDA, Joaquim A. **Turismo rural: família, patrimônio e trabalho**. In: RIELD, M.; ALMEIDA, J. A.; VIANA, A. L. B. **Turismo rural: tendências e sustentabilidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002, p 165-204.

SOBER, Resumo dos Anais do 35º Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural; SOBER, 2003

SOUZA, Marcelino de. **Pluriatividade e nova ruralidade: re-elaboração de identidades sociais em duas comunidades paranaenses**. In: Anais do XLI Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural; Juiz de Fora, MG. SOBER – Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 2003.

STEIL, Carlos Alberto. O turismo como objeto de estudos no campo das ciências sociais. In: RIELD, M.; ALMEIDA, J. A.; VIANA, A. L. B. **Turismo rural: tendências e sustentabilidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

TALAVERA, Augustin Santana. Desarrollos y conflictos em torno al turismo rural: claves y dilemas dede la antropologia social. In: RIELD, M.; ALMEIDA, J. A.; VIANA, A. L. B. **Turismo rural: tendências e sustentabilidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002, p 13-50.

TEIXEIRA, V. L. **Pluriatividade e agricultura familiar na região serrana do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, UFRRJ, 1998.

VERBOLE, Alenka. A busca pelo imaginário rural. In: RIELD, M.; ALMEIDA, J. A.; VIANA, A. L. B. **Turismo rural: tendências e sustentabilidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O "lugar" dos rurais: o meio rural no Brasil moderno. In: Resumo dos Anais do 35º Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural: O público e o privado na agricultura brasileira, Natal, 1997. SOBER – Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, Brasília, 1997.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: o "rural" como espaço singular e ator coletivo. In: Revista Estudos Sociedade e Agricultura, 15, outubro 87-145, 2000.

YÁZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. C. A.. **Turismo, espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996.

YIN, Robert K. **Case study research: design and methods**. Newbury Park: Sage Publications, 1989 (Applied Social Research Methods Series, v. 5).

ZIMMERMMAN, A. **Planejamento e organização do turismo rural no Brasil**. In: ALMEIDA, Joaquim A.; FROELICH, José M.; RIELD, Mário (orgs). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Campinas, SP: Papyrus, 2000 (Coleção Turismo), p 127-142.

ZIMMERMMAN, A. **Turismo no espaço rural e natural**. [on line]. Disponível na internet via www.eco.unicamp.br. Projeto Rurbano textos para *download*, 1995.

8 – ANEXOS

ANEXO 1: Questionário de pesquisa para entrevista dos proprietários rurais

I – CARACTERIZAÇÃO DA PROPRIEDADE E DO PRODUTOR

1.1) Nome da propriedade: _____

1.2) Endereço da Propriedade: _____

1.3) Nome do Produtor: _____

1.4) Área total da propriedade: _____

1.5) ANOTE SEM PERGUNTAR O SEXO DO ENTREVISTADO

1. MASCULINO 2. FEMININO

1.6) Qual é o seu estado civil?

1. solteiro 2. união estável 3. casado 4. separado 5. divorciado

1.7) Qual a sua idade? _____ anos

1.8) Qual a sua escolaridade? O sr. estudou até que série?

0. não estudou 2. fundamental completo 4. médio completo 6. superior
1. fundamental incompleto 3. médio incompleto 5. superior incompleto

1.9) A sua família é a proprietária da terra? 0. não 1. sim

1.10) Há quanto tempo o sr. explora esta propriedade?

1. até 1 ano 3. entre 5 e 10 anos 5. entre 20 e 30 anos 7. mais de 50 anos
2. entre 1 e 5 anos 4. entre 10 e 20 anos 6. entre 40 e 50 anos

1.11) Como o sr. adquiriu essas terras?

1. herança 3. compra de terceiros 5. são de posse provisória
2. compra de parentes 4. através de doação 6. por atribuição (colonização)

96. Outra resposta: _____

1.12) Quantas pessoas da sua família que moram na propriedade? _____ pessoas

1.13) Quantas pessoas trabalham na propriedade? _____ pessoas

1.14) Quantas dessas pessoas da sua família que trabalham na propriedade? _____ pessoas

1.15) Quantas pessoas da família que moram na propriedade e trabalham fora? _____ pessoas

1.16) Qual a atividade que essas pessoas realizam fora da propriedade?

1. comércio 2. indústria 3. turismo 4. repartição pública

96. OR: _____

1.17) Onde o (a) Sr. (a) nasceu? _____

[SOMENTE PARA QUEM NÃO NASCEU EM CARRANCAS]

1.18) O sr. mora a quanto tempo em Carrancas?

1. até 1 ano 2. de 1 a 5 anos 3. de 5 a 10 anos 4. de 10 a 20 anos 5. mais de 20 anos

1.19) Qual o principal motivo que o fez mudar para Carrancas?

1. atuar na atividade agrícola 2. atuar na atividade turística 3. adquirir casa de campo

96. Outra resposta: _____

1.20) Com relação a recepção dos carranquenses, o sr. diria que...

1. foi bem recebido 2. teve resistência 3. foi indiferente

II – PRODUÇÃO

2.1) Qual é o tipo de produção predominante em sua propriedade?

1. pecuária leiteira 2. pecuária de corte 3. agricultura 4. atividade turística

96. OR _____

2.2) Além da atividade predominante, existe algum tipo de atividade complementar?

1. pecuária leiteira 2. pecuária de corte 3. agricultura 4. atividade turística
96. OR _____

2.3) Com relação a alguns itens de produção o sr. diria que...

Itens de produção	Nunca produziu	Já produziu no passado	Produz	Pretende produzir no futuro
2.3.1) Leite	0	1	2	3
2.3.2) Queijo	0	1	2	3
2.3.3) Carne	0	1	2	3
2.3.4) Frango	0	1	2	3
2.3.5) Ovos	0	1	2	3
2.3.6) Milho	0	1	2	3
2.3.7) Feijão	0	1	2	3
2.3.8) Arroz	0	1	2	3
2.3.9) Verduras em geral	0	1	2	3
2.3.10) Frutas em geral	0	1	2	3
2.3.11) Hortaliças	0	1	2	3

2.4) Dentre todos os produtos que são produzidos em sua propriedade, qual o sr. considera o mais rentável?

1. leite 3. carne 5. ovos 7. feijão 9. verduras
2. queijo 4. frango 6. milho 8. arroz 10. frutas
96. OR _____ 11. hortaliças

2.5) Porque o sr. considera [CITAR O ITEM DE PRODUÇÃO] mais rentável?

1. pouco investimento 4. mercado interessante entre os turistas 7. muita demanda
2. boa relação de custo/benefício 5. boa saída no mercado
3. melhores preços no mercado 6. baixo custo de produção
96. OR: _____

2.6) Dentre todos os produtos que são produzidos em sua propriedade, qual o sr. considera o menos rentável?

1. leite 3. carne 5. ovos 7. feijão 9. verduras
2. queijo 4. frango 6. milho 8. arroz 10. frutas
96. OR _____ 11. hortaliças

2.7) Porque o sr. considera [CITAR O ITEM DE PRODUÇÃO] menos rentável?

1. investimento elevado 5. sem saída no mercado
2. relação de custo/benefício ruim 6. alto custo de produção
3. preço ruim no mercado 7. difícil de produzir
4. mercado desinteressante entre os turistas 8. pouca demanda
96. OR _____

2.8) Com relação a sua produção, o sr. diria que tem mercado consumidor entre os turistas de Carrancas?

0. acredito que não 2. sim, vendo diretamente para os turistas
1. sim, mas não diretamente

2.9) Considerando todas as fontes de renda, qual é o rendimento médio mensal? R\$ _____**III – FORMAS DE ORGANIZAÇÃO****3.1) O sr. participa de algum tipo de associação ou cooperativa de produtores aqui em Carrancas?**

0. não participo de nenhum tipo de associação → VÁ PARA A P3.4
1. Participo de algum tipo de associação

SOMENTE PARA QUEM RESPONDEU QUE PARTICIPA DE ALGUM TIPO DE ASSOCIAÇÃO**3.2) Qual é o nome da associação/cooperativa que o sr. participa? 98. Não se aplica****3.3) Faça uma breve descrição da atuação desta associação/cooperativa. 98. Não se aplica**

[SOMENTE PARA QUEM RESPONDEU QUE NÃO PARTICIPA DE NENHUM TIPO DE ASSOCIAÇÃO]

3.4) Porque o sr. não participa de nenhum tipo de associação/cooperativa?

1. falta de interesse 3. por que fui excluído 98. Não se aplica
2. falta de oportunidade 4. por que não tenho condições econômicas
96. OR _____

3.5) O Sr. conhece/participa/já ouviu falar de algum tipo de associação voltada para a atividade turística?

0. não conheço/não ouvi falar → VA PARA A P3.9
1. conheço, mas não participo 2. conheço/participo

[SOMENTE PARA QUEM DISSE QUE CONHECE/PARTICIPA DE ASSOCIAÇÃO VOLTADA PARA O TURISMO]

3.6) Qual é o nome da associação que o sr. conhece/participa? 98. Não se aplica

[SOMENTE PARA QUEM DISSE QUE CONHECE/PARTICIPA DE ASSOCIAÇÃO VOLTADA PARA O TURISMO]

3.7) Faça uma breve descrição da atuação desta associação, que o sr. conhece/participa/ouviu falar.

98. Não se aplica

3.8) Na sua opinião, esta associação beneficia os interesse de quem?

1. dos proprietários rurais locais da região de Carrancas que também exploram a atividade turística
2. dos proprietários rurais locais que atuam exclusivamente com a atividade turística
3. dos proprietários rurais que vieram de outras localidades para exploração da atividade turística
3. das agências de turismo que atuam em Carrancas
4. das agências de turismo de fora de Carrancas
5. dos comerciantes locais
6. dos comerciantes que vieram de outras localidades para exploração da atividade turística
96. Outra resposta: _____

[SOMENTE PARA QUEM DISSE QUE NÃO PARTICIPA DE NENHUMA ASSOCIAÇÃO VOLTADA PARA A ATIVIDADE TURÍSTICA]

3.9) Porque o sr. não participa desta associação voltada para a atividade turística?

1. não tenho atrativos turísticos em minha propriedade
2. apesar de ter atrativos turísticos em minha propriedade não tenho interesse na atividade turística
3. não tenho interesse em participar, apesar de atuar na atividade turística
4. nunca fui convidado, apesar de atuar na atividade turística e do meu interesse em participar desta associação
98. Não se aplica
96. Outra resposta: _____

3.10) O sr. conhece ou já ouviu falar do G10?

0. não conheço → VA PARA A P4.1 1. sim, ouvi falar 2. sim, conheço

[SOMENTE PARA QUEM CONHECE OU JÁ OUVIU FALAR DO G10]

3.11) O que o sr. conhece ou ouviu falar sobre o G10?

IV – PROBLEMAS ENFRENTADOS

4.1) Tendo em vista a sua experiência com a agricultura, como o sr. classificaria a rentabilidade atual da produção agrícola se comparada com o passado?

1. piorou 2. continua ruim 3. continua boa 4. melhorou

4.3) Além da produção agrícola, existe alguma outra atividade que é desenvolvida na propriedade ou fora dela? Qual?

0. não, somente desenvolvo atividade agrícola
1. sim, como comerciante em Carrancas → PASSE PARA A P4.5
2. sim, também atuo na indústria → PASSE PARA A P4.5
3. sim, com a atividade turística → PASSE PARA A P4.7
96. OR _____

[SOMENTE PARA QUEM RESPONDEU QUE NÃO EXISTE OUTRA ATIVIDADE, OU QUE NÃO POSSUI OUTRA FONTE DE RENDA ALÉM DA AGRÍCOLA]

4.4) Porque o sr. não desenvolve outra atividade ou fonte de renda além da agrícola?

1. não teve necessidade, pois a produção agrícola é suficiente
 2. não teve oportunidade, apesar dos problemas da produção agrícola
 3. não teve interesse, apesar dos problemas da produção agrícola
 4. não teve condições de investimento em outra atividade apesar do interesse em diversificar sua renda
98. Não se aplica 96. Outra resposta: _____

[SOMENTE PARA QUEM RESPONDEU QUE EXISTE OUTRA ATIVIDADE, OU QUE POSSUI OUTRA FONTE DE RENDA ALÉM DA AGRÍCOLA]

4.5) Porque o sr. desenvolve outra atividade ou fonte de renda além da agrícola?

1. teve necessidade, pois a produção agrícola é insuficiente
 2. teve oportunidade de ampliação, apesar de considerar que a produção agrícola já fosse suficiente
 4. resolveu investir em outra atividade para diversificar a produção agrícola
 5. resolveu substituir em parte em função da insuficiência da rentabilidade da produção agrícola
 6. resolveu substituir totalmente em função da insuficiência da rentabilidade da produção agrícola
98. Não se aplica
96. Outra resposta: _____

[SOMENTE PARA QUEM RESPONDEU QUE EXISTE OUTRA ATIVIDADE, OU QUE POSSUI OUTRA FONTE DE RENDA ALÉM DA AGRÍCOLA]

4.6) Descreva esta atividade ou fonte de renda alternativa? 98. Não se aplica

[SOMENTE PARA QUEM RESPONDEU QUE DESENVOLVE A ATIVIDADE TURÍSTICA]

4.7) Como o sr. incorporou a atividade turística em sua propriedade?

1. somente exploro os atrativos turísticos
 2. somente vendo os produtos que são produzidos na propriedade rural
 3. substitui a produção agrícola pela atividade turística
98. Não se aplica
96. Outra resposta: _____

4.8) Faça uma descrição dos problemas e das motivações que o levaram a incorporar a atividade turística. 98. Não se aplica

V – PAPEL DA MULHER NA PROPRIEDADE

→ SE TIVER ENTREVISTANDO A MULHER, ADEQUAR A PERGUNTA

5.1) Como o sr. classifica a participação de sua esposa/companheira em sua propriedade?

0. não atua em nenhum tipo de atividade
 1. somente nas atividades do lar
 2. nas atividades do lar e na produção agrícola
 3. em atividades de comercialização da produção
 4. na atividade turística
96. OR: _____

5.2) Faça uma descrição da atuação da mulher na propriedade, enfatizando seu papel no processo produtivo.

VI – RECURSOS E ATRATIVOS NATURAIS, E EXPLORAÇÃO TURÍSTICA NA PROPRIEDADE

6.1) Na sua propriedade ou nas propriedades próximas possui os seguintes itens ou serviços ligados ao turismo?

Atrativos	Não possui na propriedade e nem nas proximidades	Não possui na propriedade, mas existe nas proximidades	Possui somente na propriedade	Possui na propriedade e nas proximidades
6.1.1) Cachoeiras	0	1	2	3
6.1.2) Trilhas	0	1	2	3

Atrativos	Não possui na propriedade e nem nas proximidades	Não possui na propriedade, mas existe nas proximidades	Possui somente na propriedade	Possui na propriedade e nas proximidades
6.1.3) Grutas	0	1	2	3
6.1.4) Área de pesca	0	1	2	3
6.1.5) Área de lazer em geral	0	1	2	3
6.1.6) Hospedagem em quartos/suites	0	1	2	3
6.1.7) Hospedagem em área de camping	0	1	2	3
6.1.8) Serviços de guias especializados	0	1	2	3
6.1.9) Bar ou restaurante para turistas	0	1	2	3
6.1.10) Carro de boi para transporte de turistas	0	1	2	3
6.1.11) Aluguel de cavalos para os turistas	0	1	2	3
6.1.12) Lago para "pesque-pague"	0	1	2	3
6.1.13) Rapel	0	1	2	3
6.1.14) Tracking	0	1	2	3
6.1.15) Passeio pela fazenda	0	1	2	3
6.1.16) Participação na produção de leite	0	1	2	3
6.1.17) Participação no plantio	0	1	2	3
6.1.18) Participação na colheita	0	1	2	3

6.2) Em sua propriedade é oferecido algum tipo de atividade turística, ou relacionado ainda que indiretamente ao turismo?

0. não 1. sim → VÁ PARA A P6.8

[SOMENTE PARA QUEM NÃO OFERECE NENHUMA ATIVIDADE TURÍSTICA]

6.3) Porque o sr. não oferece nenhuma atividade turística, ou relacionada indiretamente com o turismo?

1. acho que o turismo atrapalha a produção agrícola 3. não há em Carrancas infra-estrutura adequada
2. necessidade de investimento muito alto 4. não há atrativos suficientes na propriedade
98. não se aplica 96. Outra resposta: _____

6.4) Considerando as suas condições econômicas atuais, como o sr. imagina que estaria se tivesse incorporado algum tipo de atividade turística?

1. pior 2. da mesma maneira 3. melhor 97. não sabe

6.5) Porque o sr. acha que estaria [CITAR A CONDIÇÃO MENCIONADA]?

6.6) Como o sr. acha que aqueles produtores que incorporaram a atividade estão economicamente?

1. pior 2. da mesma maneira 3. melhor 97. não sabe

6.7) Porque o sr. acha que eles estão [CITAR A CONDIÇÃO MENCIONADA]?

[SOMENTE PARA QUEM OFERECE ALGUMA ATIVIDADE TURÍSTICA]

6.8) O que levou o sr. a oferecer algum tipo de atividade turística em sua propriedade?

1. substituir a produção agrícola 3. aumentar os rendimentos 98. não se aplica
2. aproveitar o tempo ocioso 4. equilibrar o prejuízos agrícolas
96. Outra Resposta: _____

6.9) Considerando as suas condições econômicas atuais, como o sr. imagina que estaria se não tivesse incorporado algum tipo de atividade turística?

1. pior 2. da mesma maneira 3. melhor 97. não sabe

6.10) Porque o sr. acha que estaria [CITAR A CONDIÇÃO MENCIONADA]?

6.11) Como o sr. acha que aqueles produtores que não incorporaram a atividade estão economicamente?
1. pior 2. da mesma maneira 3. melhor 97. não sabe

6.12) Porque o sr. acha que eles estão [CITAR A CONDIÇÃO MENCIONADA]?

6.13) Na sua opinião quais são as principais vantagens da atividade turística?

6.14) Na sua opinião quais são as principais desvantagens da atividade turística?

6.15) Considerando alguns itens em função da atividade turística, o sr. diria que...

Itens	Piorou	Continua ruim	Continua bom	Melhorou
6.6.1) Geração de emprego nas propriedades	1	2	3	4
6.6.2) Geração de renda para pequenos produtores	1	2	3	4
6.6.3) Sistema de transporte	1	2	3	4
6.6.4) Estradas de acesso	1	2	3	4
6.6.5) Sistema de comunicação	1	2	3	4
6.6.6) O saneamento	1	2	3	4

ANEXO 2: Roteiro de entrevistas semi-estruturadas

1) Setor do turismo da prefeitura municipal

- 1.1) *Quais são os principais projetos desenvolvidos pela Secretaria de Turismo?*
- 1.2) *Quais são os principais mecanismos que o poder público dispõe para o planejamento e controle do turismo?*
- 1.3) *O turismo trouxe uma melhoria na infra-estrutura em Carrancas? E na geração de emprego e renda?*
- 1.4) *Quais foram os principais problemas que foram gerados pelo crescimento do turismo em Carrancas?*
- 1.5) *Quais são os principais elementos e atrativos que fazem parte da atividade turística? Que o tipo de turismo que é praticado em Carrancas?*
- 1.6) *Quais são as principais instituições envolvidas direta ou indiretamente com o turismo?*
- 1.7) *Quais são os principais agentes promotores do turismo? E os principais investidores?*
- 1.8) *Principais entraves e barreiras para o desenvolvimento do turismo?*
- 1.9) *Quais são as condições atuais que se encontram os proprietários rurais de Carrancas?*
- 1.10) *De uma forma geral como eles lidam com o turismo?*
- 1.11) *Eles estão incorporando a atividade turística em suas propriedades? Por que? Descreva um pouco como eles incorporam o turismo. Que tipo de atividades eles fazem?*
- 1.12) *Esses proprietários que incorporaram o turismo permanecem com as atividades agropecuárias? Como normalmente eles fazem?*
- 1.13) *Por que alguns não incorporam a atividade turística? Quais são os principais empecilhos para eles não atuarem com o turismo?*
- 1.14) *Faça uma descrição da atual infra-estrutura do município para o atendimento da atividade turística. Ela comporta o turismo? Houve melhoria com o crescimento do turismo?*

2) Setor de agropecuária da prefeitura municipal

- 2.1) *Faça uma descrição do setor agropecuário em Carrancas, apontando os principais itens de produção.*
- 2.2) *Quais são os produtos mais importantes de Carrancas.*
- 2.3) *Faça uma descrição das condições atuais da agropecuária no município.*
- 2.4) *Compare o atual momento da agropecuária em Carrancas com o passado.*
- 2.5) *Quais são os principais problemas dos produtores rurais em Carrancas.*
- 2.6) *Os produtores rurais de Carrancas produzem queijo? Por que? Fale um pouco da atuação dos laticínios, e da produção entre os pequenos produtores.*
- 2.7) *Faça uma descrição geral da relação entre os produtores rurais com a atividade turística.*
- 2.8) *Como a Secretaria de Agropecuária tem visto a introdução do turismo entre os produtores rurais?*
- 2.9) *Os proprietários rurais estão incorporando o turismo em suas unidades produtivas? Como?*

- 2.10) *Aqueles que incorporaram o turismo, deixaram de atuar com a produção agropecuária? Explique.*
- 2.11) *Por que alguns produtores não incorporam o turismo em suas propriedades? Quais os principais fatores que impedem o produtor rural a incorporar o turismo?*
- 2.12) *Existem outras atividades que estão sendo desenvolvidas pelos produtores rurais de Carrancas? Quais?*
- 2.13) *Quais são os principais projetos da Secretaria de Agropecuária?*
- 2.14) *Existe algum projeto específico para o turismo rural?*

3) Técnico representante da Emater

- 3.1) *Faça uma descrição do setor agropecuário em Carrancas, apontando os principais itens de produção.*
- 3.2) *Quais são os produtos mais importantes de Carrancas.*
- 3.3) *Faça uma descrição das condições atuais da agropecuária no município.*
- 3.4) *Compare o atual momento da agropecuária em Carrancas com o passado.*
- 3.5) *Quais são os principais problemas dos produtores rurais em Carrancas.*
- 3.6) *Os produtores rurais de Carrancas produzem queijo? Por que? Fale um pouco da atuação dos laticínios, e da produção entre os pequenos produtores.*
- 3.7) *Descreva um pouco o papel que a Emater vem desenvolvendo entre os produtores rurais de Carrancas.*
- 3.8) *Faça uma descrição geral da relação entre os produtores rurais com a atividade turística.*
- 3.9) *Como a Emater tem visto a introdução do turismo entre os produtores rurais?*
- 3.10) *Os proprietários rurais estão incorporando o turismo em suas unidades produtivas? Como?*
- 3.11) *Aqueles que incorporaram o turismo deixaram de atuar com a produção agropecuária? Explique.*
- 3.12) *Por que alguns produtores não incorporam o turismo em suas propriedades? Quais os principais fatores que impedem o produtor rural a incorporar o turismo?*
- 3.13) *Existem outras atividades que estão sendo desenvolvidas pelos produtores rurais de Carrancas? Quais? Fruticultura?*
- 3.14) *Como a Emater tem visto a diversificação da unidade produtiva? Descreva como isso tem ocorrido em Carrancas.*
- 3.15) *Qual a visão que a Emater tem sobre o associativismo em Carrancas?*
- 3.16) *Quais são os principais projetos da Emater? Existe algum projeto específico para o turismo rural?*
- 3.17) *Quais são as principais tendências que a Emater imagina para os produtores rurais?*
- 3.18) *Quais são as principais tendências que a Emater imagina para os produtores rurais em relação ao turismo?*